

FABIO RIEMENSCHNEIDER

**BUSCANDO A CURA PELO CONHECIMENTO:
IMAGINÁRIO DE ESTUDANTES SOBRE O CURSO
DE PSICOLOGIA**

PUC-CAMPINAS

2015

FABIO RIEMENSCHNEIDER

**BUSCANDO A CURA PELO CONHECIMENTO:
IMAGINÁRIO DE ESTUDANTES SOBRE O CURSO
DE PSICOLOGIA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia do Centro de Ciências da Vida – PUC-Campinas, como requisito para obtenção do título de Doutor em Psicologia como Profissão e Ciência.

Orientadora: Professora Livre-Docente
Tânia Maria José Aiello-Vaisberg

PUC-CAMPINAS

2015

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas e
Informação - SBI - PUC-Campinas

t370.15
R556b

Riemenschneider, Fabio.

Buscando a cura pelo conhecimento: imaginário de estudantes sobre o curso de psicologia / Fabio Riemenschneider. - Campinas: PUC-Campinas, 2015.
170p.

Orientadora: Tânia Maria José Aiello Vaisberg.
Tese (doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Pós-Graduação em Psicologia.
Inclui bibliografia.

1. Psicologia educacional. 2. Psicologia - Estudo e ensino. 3. Estudantes - Psicologia - Narrativas pessoais. 4. Imaginário. I. Vaisberg, Tânia Maria José Aiello. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências da Vida. Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

22. ed. CDD – t370.15

FABIO RIEMENSCHNEIDER

**BUSCANDO A CURA PELO CONHECIMENTO:
IMAGINÁRIO DE ESTUDANTES SOBRE O CURSO
DE PSICOLOGIA**

BANCA EXAMINADORA

Presidente Professora Livre Docente Tânia Maria José Aiello-Vaisberg

Tânia Aiello-Vaisberg

Professora Doutora Vera Lucia Trevisan de Souza

Vera Lucia Trevisan de Souza

Professora Doutora Tânia Mara Marques Granato

Tânia M. M. Granato

Professor Doutor Egberto Ribeiro Turato

Egberto Ribeiro Turato

Professor Doutor Manoel Antônio dos Santos

Manoel Antônio dos Santos

PUC-CAMPINAS

2015

RESUMO

RIEMENSCHNEIDER, Fabio. *Buscando a Cura pelo Conhecimento: Imaginário de Estudantes sobre o Curso de Psicologia*. 2015. 170f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas, 2015.

O presente estudo objetiva investigar psicanaliticamente o imaginário de estudantes de psicologia sobre o curso de graduação. Justifica-se por lançar luz sobre os motivos pelos quais a profissão é escolhida, fato que, a nosso ver, merece ocupar a atenção dos professores, instituições de ensino, psicólogos e da sociedade. Organiza-se, metodologicamente, segundo procedimentos investigativos que operacionalizam o uso do método psicanalítico a partir da perspectiva da psicologia concreta blegeriana. No presente caso, trabalhamos com narrativas autobiográficas, escritas por alunos ingressantes de uma faculdade particular do interior mineiro. Sucessivas exposições a este material, em estado de atenção flutuante, permitiram a produção interpretativa dos seguintes campos de sentido afetivo-emocional: “Busca pela cura” e “Cura pelo conhecimento”. O primeiro deles define-se pela crença de que o curso de graduação em psicologia pode proporcionar alívio para o sofrimento emocional, enquanto o segundo surge como um detalhamento do primeiro, ao firmar-se sobre a crença de que a cura, nesta área, seria obtida por via da aquisição de conhecimento. Esse quadro permite concluir que predomina, entre os participantes, uma experiência de sofrimento, cuja cura seria viabilizada pela formação em curso superior.

Palavras-chave: estudantes de psicologia, imaginário coletivo, pesquisa psicanalítica, narrativas.

ABSTRACT

RIEMENSCHNEIDER, Fabio. *Seeking the Cure by Knowledge: Imaginary students about Psychology Course*. 2015. 170f. Thesis (Doctorate in Psychology) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas, 2015.

This study aimed to psychoanalytically investigate the imaginary of Psychology students regarding the undergraduate course. This research is justified as it can reveal the reasons why the profession is chosen, a fact that, in our opinion, deserves the attention of professors, educational institutions, psychologists and society. The study was methodologically organized according to investigative procedures that operationalize the use of the psychoanalytic method from the perspective of Blegerian concrete psychology. We worked with autobiographical narratives, written by students entering a private university of Minas Gerais state. Successive exposures to this material, in a state of floating attention, allowed the interpretative production of the following fields of affective and emotional meaning: "Search for the cure" and "Cure through knowledge". The first is defined by the belief that the Psychology undergraduate course can provide relief from emotional distress, while the second appears as a detail of the first, anchored in the belief that, in this area, the cure would be obtained through the acquisition of knowledge. This framework allows the conclusion that an experience of suffering predominated among the participants, with the cure being possible through training in a higher education course.

Keywords: *psychology' students, collective imaginary, psychoanalytic research, narratives.*

RESUMEN

RIEMENSCHNEIDER, Fabio. *La búsqueda de la cura por el Conocimiento: el imaginario de los estudiantes sobre el curso de psicología*. 2015. 170f. Tesis (Doctorado en Psicología) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas, 2015.

El estudio tiene por objeto investigar psicoanalíticamente el imaginario colectivo de los estudiantes de psicología en licenciatura. Justificados por arrojar luz sobre las razones por las que se elige la profesión, un hecho que, en nuestra opinión, merece ocupar la atención de los profesores, instituciones educativas, psicólogos y sociedad. Está organizado, metodológicamente, de acuerdo con los procedimientos de investigación que hacen operativo el uso del método psicoanalítico desde la perspectiva de la psicología blegeriana concreta. En este caso, trabajamos con relatos autobiográficos, escritos por estudiantes que ingresan a una universidad privada en el interior del Estado de Minas Gerais. Exposiciones sucesivas a este material, en un estado de atención flotante, permite la producción interpretativa de los siguientes campos de sentido afectivo - emocional: "La búsqueda de la cura" y "Cura para el conocimiento." El primero de ellos se define por la creencia de que el grado de licenciatura en psicología puede proporcionar un alivio para el sufrimiento emocional, mientras que el segundo se presenta detallando la primera, para anclarse en la creencia de que la cura en esta área sería obtenida a través de la adquisición de conocimientos. Esta investigación muestra que predomina entre los participantes una experiencia de sufrimiento, la cura sería posible por un grado en la universidad.

Palabras clave: *estudiantes de psicología, imaginario colectivo, investigación psicoanalítica, narrativas.*

SUMÁRIO

Apresentação.....	9
Capítulo 1- Introdução.....	18
Capítulo 2 - Diálogo com a produção científica contemporânea.....	26
Capítulo 3- Estratégias metodológicas.....	55
Capítulo 4- Narrativas autobiográficas.....	94
Capítulo 5- Campos de sentido afetivo-emocional criados/encontrados e interlocuções reflexivas.....	113
Referências Bibliográficas.....	146

APRESENTAÇÃO

No ano de 2010 assumi a coordenação do curso de psicologia de uma faculdade particular que se instalou na cidade de Poços de Caldas, interior do estado de Minas Gerais. Tal convite foi motivo de grande satisfação, pois indicava um reconhecimento profissional relativamente rápido, já que morava na cidade há apenas quatro anos.

A faculdade vivia tempos inaugurais. Cabia-me trabalhar nas fundações da estrutura, selecionando professores, comprando livros, montando laboratórios e cuidando de uma série de atividades burocráticas. A formação da primeira turma trouxe alegrias, pois um importante passo inicial tinha sido dado, de modo que o curso de psicologia tornara-se uma realidade.

No início, estive mais ligado a atividades de gestão acadêmica do que a tarefas especificamente pedagógicas. Essa posição institucional veio a permitir um contato privilegiado com os colegas, que comigo partilhavam ideias sobre as disciplinas de que se tornavam responsáveis, enquanto, paralelamente, convivia bastante com os alunos. A dedicação e entusiasmo de todos, com vistas a garantir o sucesso da faculdade, somado ao fato de fazermos parte do curso inaugural de psicologia, tornava o ambiente da coordenação um espaço de interlocução.

As conversas com os professores encarregados de diferentes disciplinas, bem como participação em discussões produtivas sobre seus planejamentos, durante as quais tive oportunidade de compartilhar suas experiências e perspectivas para o curso que se iniciava, constituíram-se como

oportunidade para aprendizagens significativas, que contribuíram para meu amadurecimento como docente do ensino superior.

Dentre as ricas experiências lá vividas, destaco aqui, a possibilidade de acompanhar o planejamento pedagógico da disciplina intitulada Metodologia Científica, a cuja professora Jussara Galindo agradeço por exercer seu papel de educadora com sensibilidade e competência, que não se limitava ao mero cumprimento do conteúdo programático pré-estabelecido. A seu ver, valia a pena conhecer melhor os alunos da psicologia através de produções escritas: os memoriais. Assim, integrou de modo bastante feliz a introdução à pesquisa científica com uma sensibilização do estudante em relação ao trabalho da escrita. Inteligentemente, ao propor uma temática muito concreta e próxima, de narrativa do próprio percurso, favorecia que a comunicação textual fosse descoberta ou redescoberta como atividade preta de sentido. Tornar tal proposta uma atividade avaliativa final da disciplina, demandando que cada um produzisse seu memorial, revelou-se uma estratégia pedagógica bastante produtiva. Os frutos dessa proposta ultrapassaram as expectativas da professora, pois os alunos, que se sentiram profundamente motivados, dedicaram-se com intensidade à elaboração dos memoriais.

O envolvimento entusiasmado dos alunos com a elaboração dos memoriais foi tema de uma interessante conversa que tive com a professora que, nesta ocasião, manifestou o desejo de que eu lesse algumas produções, pois acreditava que aquele material documentava um momento importante daquela primeira turma.

Ao ler os memoriais, deparei-me com textos interessantes e pungentes que revelavam questões absolutamente pessoais e íntimas que, segundo seus autores, teriam contribuído para a escolha da graduação em Psicologia. Alguns escritos eram explícitos ao relatar preconceitos sexuais, físicos e raciais como preponderantes para a escolha da profissão e sua área de atuação. Além disso, traziam à tona algo que é comentado com frequência, em muitos círculos, sob formas que variam entre o crítico e o humorístico: será que parte dos ingressantes no curso de Psicologia está na faculdade para solucionar seus próprios problemas emocionais?

Tais afirmações carregam preconceitos pessoais, generalizações equivocadas e uma visão estereotipada sobre a psicologia, seus instrumentos de trabalho, suas abordagens teóricas e suas áreas de atuação. Cabe, contudo, indagar: o que encontraremos caso venhamos a examinar atentamente o que nos dizem alunos que ingressam em faculdades de Psicologia? Será que nos depararemos com situações em que tais afirmações encontram respaldo?

O material produzido pelos alunos realmente era precioso por revelar tais questões, pois se apresentava como registro visivelmente significativo de uma experiência vivida. O gesto da professora, convidando-me a me tornar um leitor, apontava para o fato de que toda aquela produção demandava outros olhares, surgia como manifestação que demandava escuta e diálogo para além daquele primeiro âmbito, constituído por uma disciplina específica. Por isso, decidimos conversar com os alunos sobre o destino a ser dado a um material cuja leitura poderia beneficiar futuros colegas e professores da instituição. Por motivos que desconhecemos, o grupo de alunos interessados nessa

empreitada reuniu um número menor do que aquele dos matriculados que cumpriram a tarefa de elaboração dos memoriais como critério de avaliação de disciplina. Entretanto, aqueles alunos que seguiram interessados, revelaram-se bastante motivados, o que influenciou decisivamente a decisão a que chegamos conjuntamente.

Assim, após uma série de encontros com aqueles que se mantiveram envolvidos, decidimos organizá-lo num volume único e deixá-lo na biblioteca da faculdade. Neste contexto, de entusiasmo e valorização da comunicação sobre os percursos vividos, veio a surgir a ideia de publicar um livro – empreitada atualmente facilitada pelos progressos tecnológicos que permitem que a baixo custo sejam produzidos livros eletrônicos que, com os avanços tecnológicos, podem tornar-se facilmente acessíveis pela *web*. Em função tanto de interesses, como de agenda, acabei naturalmente assumindo uma função de organizador desse livro, enquanto a professora, que tinha tido a ideia, prosseguiu em outras atividades, passando-me essa incumbência. Por outro lado, como estudante de doutorado, acabei trazendo esse material para a apreciação de minha orientadora que, por essa via, associou-se ao grupo, participando, comigo, da elaboração de um capítulo teórico.

Contudo, vale destacar que uma forte e profunda convicção de que me encontrava frente a um material que merecia maior atenção, despertaram o interesse em pesquisar o que tinha em mãos. Essa visão se fortalecia à medida em que me aprofundava no conhecimento das investigações levadas a cabo no contexto do *Grupo de Pesquisa PUC-Campinas/CNPq Atenção Psicológica Clínica em Instituições: Prevenção e Intervenção*. Assim, vim a conceber uma

proposta de pesquisa aproveitando uma oportunidade, na qual se articulam, com felicidade, várias convergências: estar na posição de coordenador de um curso inaugural; poder valorizar experiências de vida, a minha própria e a dos autores das narrativas e, finalmente, ter em mãos um material a ser pesquisado que tinha sido produzido sem a intenção de se tornar objeto de investigação – o que pode torná-lo precioso. Pode-se dizer, parafraseando Fabio Herrmann (1979), que esse material surgiu e está sendo tomado em consideração. Sigo mantendo um relacionamento construtivo e cordial com a instituição e seu corpo docente, ainda que tenha me desligado para assumir outro posto profissional.

Esta é a história deste projeto, que veio a ser acolhido como proposta de pesquisa de doutorado, no âmbito de um grupo que investiga experiências emocionais e imaginários coletivos. Tenho a impressão de que aí encontrei, na interlocução com todos os seus integrantes, um ambiente suficientemente bom para o desenvolvimento desta investigação, que me traz fundamentação teórico-conceitual e metodológica que me permite utilizar minha formação psicanalítica na pesquisa empírica.

O presente estudo objetiva investigar psicanaliticamente o imaginário coletivo de estudantes de psicologia sobre o curso de graduação que escolheram fazer. Definimos o imaginário como condutas que emergem a partir de campos de sentido afetivo-emocional, mais precisamente, entendemos o imaginário coletivo como conduta imaginativa que se dá no contexto relacional, constituindo-se como ambiente humano que, por seu turno, interfere dialeticamente na manifestação de novas condutas e na experiência

emocional, concebida como uma *dimensão* da conduta humana. Quando nos referimos ao imaginário coletivo como conduta, não pensamos apenas em imagens, mas em atividade humana, que tanto se expressa em termos simbólicos e corporais como por meio de ações e produtos de ações humanas (Bleger, 1958, 1963/1984). Lembramos, ainda, que os conceitos de campo de sentido afetivo-emocional e de conduta são solidários, sendo que os campos, ou inconscientes relativos são sempre humanamente produzidos, de modo que seu estudo exige que nos mantenhamos num registro dramático. Em outros termos, lidaremos sempre concretamente com condutas e produtos de condutas, num movimento dialético, excluindo de nossas teorizações, a recorrência a explicações que invocam forças impessoais ou sobrenaturais.

Esperamos contribuir com tal discussão, ao considerar o imaginário dos participantes relativo ao curso que escolheram como uma questão importante a ser considerada no decorrer da formação dos futuros psicólogos.

Neste estudo, tomamos em consideração quatro narrativas autobiográficas produzidas como tarefa discente que posteriormente foi publicado como livro eletrônico ao redor do qual se organizou a investigação psicanalítica. Esta tese está organizada em cinco capítulos.

Na **Introdução** explicitamos a relevância científica e social do estudo. Identificamos existir uma distância entre os motivos que levam o ingressante a escolher o curso de psicologia e o que ele encontra na faculdade. Tal distanciamento pode levar a uma insatisfação pessoal e laboral que contribui para que não se desenvolvam as potencialidades do ser humano. A atenção para esse fator contribui para que adotemos práticas psicoprofiláticas que

favoreçam escolhas configuradas pela gestualidade espontânea e transformadora (Barreto & Aiello-Vaisberg, 2007).

No segundo capítulo, **Diálogo com a produção científica contemporânea**, apresentamos o debate científico em que se insere esta pesquisa, a partir de revisão integrativa de artigos científicos publicados entre os anos de 2010 e 2014.

No terceiro capítulo, intitulado **Estratégias metodológicas**, expomos o modo como se organiza esta pesquisa e os pressupostos teóricos que a sustentam. Lembramos aqui que a operacionalização que fazemos do uso do método psicanalítico em pesquisas empíricas, que não usam sessões de atendimento como material, corresponde a uma criação coletiva do Grupo de Pesquisa liderado pela orientadora do presente doutorado.

O capítulo está organizado em duas partes com objetivos e conteúdos distintos entre si. A primeira parte expõe os fundamentos conceituais que sustentam a pesquisa e os pressupostos metodológicos do *Grupo de Pesquisa PUC-Campinas/CNPq Atenção Psicológica Clínica em Instituições: Prevenção e Intervenção*, e divide-se da seguinte forma: Método e enquadramento, Método psicanalítico em pesquisas Empíricas, Narrativas como condutas, Imaginários coletivos e Campos de sentido afetivo-emocional. Na segunda parte apresentamos a maneira pela qual operacionalizamos o uso do método psicanalítico em nossas pesquisas. Distinguimos quatro tipos de procedimentos investigativos, a saber: procedimentos de acesso a comunicação dos participantes, procedimentos de apresentação da comunicação dos participantes, procedimentos de interpretação da comunicação dos

participantes e interlocuções reflexivas sobre a comunicação dos participantes. Nos três primeiros procedimentos, utilizamos o método psicanalítico que pressupõe o cultivo da associação livre e da atenção flutuante. Já na interlocução reflexiva, retomamos o diálogo com teorias e autores que contribuem para repensarmos nossas interpretações (os campos criados/encontrados) sobre nossos achados.

No quarto capítulo, apresentamos as **Narrativas autobiográficas** publicadas no livro eletrônico. Esse material consiste na organização de produções escritas pelos alunos. Tal produção mostrou-se relevante por registrar um momento inaugural da faculdade e por isso decidiu-se em conjunto com os participantes por sua publicação como livro eletrônico. Apesar de esse material ser uma produção independente da pesquisa, optamos por inseri-lo aqui para facilitar a leitura da tese.

No quinto capítulo **Campos de sentido afetivo-emocional criados/encontrados e interlocuções reflexivas**, expomos os campos de sentido afetivo-emocionais criados/encontrados interpretativamente a partir das narrativas autobiográficas, que estão impressas em páginas de diferente cor, para que possam ser facilmente acessadas, mais de uma vez, caso necessário. Ainda nesse capítulo apresentamos as **interlocuções reflexivas**, por meio das quais buscamos expor os frutos dos procedimentos investigativos e de interlocução reflexiva, dialogando sobre nossas interpretações tanto com os pensamentos blegeriano e winnicottiano, desde uma perspectiva concreta, como com os pesquisadores cujos trabalhos abordamos no capítulo da revisão bibliográfica. Aí tecemos considerações sobre os campos de sentido afetivo-

emocional interpretativamente produzidos para compreender o imaginário coletivo dos autores relativo ao curso que escolheram. Curiosamente os campos “Busca pela cura” e “Cura pelo conhecimento” que foram criados/encontrados numa pesquisa metodologicamente rigorosa, revelaram algo que muitas vezes surge em conversas informais, até como gracejo: que estudantes de psicologia buscam na faculdade a solução dos próprios problemas. Tais interpretações podem até soar surpreendentes; mas, o fato de chegarmos a esses campos usando o método psicanalítico, parece-nos sumamente significativo e merece reflexões de pesquisadores a partir de pontos de vistas variados, que podem incluir desde o sofrimento eventual do aluno, que pode não encontrar o que espera, até a preocupação em com o quanto esse imaginário poderá contribuir ou comprometer o futuro exercício profissional.

Capítulo 1

INTRODUÇÃO

A partir dos anos 1990, houve a percepção por parte do mercado de que no Brasil existia uma demanda de jovens que gostariam de fazer um curso superior, mas que se encontravam fora das universidades ou faculdades. Tal situação acabou por favorecer as instituições privadas de ensino superior que desde então têm crescido vertiginosamente (Santos & Cerqueira, 2009). Mais recentemente, na década de 2010, ocorreu um processo de interiorização do ensino superior, pois após o crescimento vertiginoso nos grandes centros urbanos, o mercado viu nas cidades menores do interior do país um potencial a ser explorado (Cunha, 2004). Esse é o caso da instituição em que a pesquisa foi realizada.

Hoje grandes grupos de investidores formam instituições de ensino cada vez maiores e assumem um modelo de educação baseado numa lógica de mercado em que os estudantes são tratados como consumidores. Não podemos ignorar o fato de que ocupam um espaço que surgiu por conta do descaso com a educação em nosso país.

Apesar dos vários questionamentos possíveis sobre esse modelo, é inegável que a educação superior se tornou acessível a uma importante parcela da população. O aumento de renda e os programas de crédito e financiamento estudantil deram oportunidade para que muitos jovens e adultos realizassem o sonho de fazer uma faculdade. É sobre o sonho dessas pessoas, mais especificamente dos que sonharam e escolheram o curso de psicologia que iremos pesquisar neste trabalho.

A escolha por determinado curso é comumente atribuída a um gosto pessoal ou certa habilidade para determinada atividade, por exemplo: gostar de animais leva as pessoas a estudarem medicina veterinária, ou a facilidade em fazer cálculos está por traz da escolha de engenharia. No caso da psicologia, é comum ouvirmos ironicamente que tal escolha é uma tentativa de resolução dos próprios problemas. O que será que encontraríamos caso examinássemos tal questão com atenção? Será que tais comentários e ironias merecem ser estudados?

Este trabalho se insere num debate mais amplo que discute a psicologia como profissão e sua identidade profissional. A regulamentação da profissão se deu com a lei nº 4119/62, que reconhece a psicologia como profissão e exige que a partir daquele momento todos os psicólogos devem ser diplomados em cursos superiores de psicologia. A regulamentação foi um avanço, pois determina quais os passos para se tornar psicólogo e como dá-los, já que antes de 1962 o exercício da psicologia era de ordem prática na atuação em hospitais, como aplicadores de testes ou como orientadores vocacionais (Catharino, 2004). Para a autora em que pesem as conquistas obtidas com a regulamentação, há que se considerar também o modelo liberal que nela refletida.

Sylvia Leser de Mello Pereira foi uma das primeiras psicólogas a se preocupar com as atividades profissionais e com a identidade do psicólogo. Sua tese de doutorado *As atividades profissionais e o psicólogo em São Paulo* defendida na Universidade de São Paulo em 1972 discute exatamente a psicologia como profissão. Esse trabalho é significativo tanto pelo rigor com que discute seu tema, como também por falar de uma profissão tão jovem

quanto a psicologia, com apenas 10 anos de idade, num momento histórico conturbado como o regime militar (1964-1989). A tese foi publicada em 1975, mesmo ano em que a autora produziu um artigo sobre a tese (Pereira, 1975).

O texto é particularmente interessante de se ler nos dias de hoje dadas as diferentes condições entre os dois momentos. Seus dados foram obtidos a partir de informações oferecidas por todos os psicólogos diplomados na cidade de São Paulo até o ano de 1970. Naquela ocasião havia apenas três cursos de psicologia na cidade, Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Sedes Sapientiae e o da Faculdade de Filosofia São Bento. O número total de psicólogos pesquisados foi de 198, o questionário era simples e perguntava apenas quais as primeiras ocupações após o término do curso e quais as suas ocupações no momento da pesquisa.

Os resultados mostraram que a psicologia clínica era a área de trabalho que ocupava a maior parte dos psicólogos pesquisados (52%). Vários aspectos ajudam a compreender tal resultado - como a pouca oferta de trabalhos disponíveis para esses profissionais naquele momento, pouco interesse de autoridades por cursos que atendessem a demandas sociais num momento político conturbado de nossa história e a falta de infraestrutura nas áreas da saúde e social.

Para Pereira (1975) a limitada oferta, ou quase inexistência, de serviços psicológicos públicos faz com que a prática clínica seja seletiva àqueles que podem pagar por tal serviço, o que torna a psicologia uma atividade de luxo ou supérflua. Segundo a autora, ser considerado um profissional de luxo transmite

conteúdos ideológicos residuais que implicam uma concepção de psicologia alheia às instituições sociais e devotada apenas a questões individuais.

Em 1988 o Conselho Federal de Psicologia (CFP) realizou uma importante pesquisa, de apreciável magnitude sobre a profissão no Brasil. O trabalho pioneiro de Bastos e Gomide (1989) sobre a atuação e formação do psicólogo brasileiro revelou dados interessantes ao analisar os motivos apontados pelos psicólogos para a escolha do curso. As respostas foram divididas em três grandes blocos: razões pessoais, razões humanísticas e motivação voltada à profissão.

Os entrevistados davam um peso elevado para as chamadas “razões pessoais, em que destacavam “motivos voltados para si”, como por exemplo, obter autoconhecimento e crescimento pessoal ou solucionar problemas. Também foram relatadas razões humanísticas, em que a escolha é relacionada a “motivos voltados para o outro” com o objetivo de como conhecer ou ajudar o ser humano. Esse tipo de resposta supera os que alegam ter escolhido o curso por “motivos voltados para a profissão” (Bastos & Gomide, 1989, p. 6)”. Tais dados sustentam a hipótese de que a escolha do curso de psicologia se relaciona com uma busca pela resolução dos próprios problemas.

No mesmo trabalho, é discutida a formação complementar dos psicólogos após sua formatura. Segundo Langenbach e Negreiros (1988), tal complementação não se restringe apenas à aquisição de saber, mas inclui o aperfeiçoamento da própria personalidade através de psicoterapias. Por trás desta necessidade está a convicção de que o fracasso profissional está relacionado a dificuldades de caráter emocional, que interferem no principal

instrumento de trabalho do psicólogo: sua personalidade. (Langenbach & Negreiros, 1988)

Magalhães et al. (2001) realizaram um estudo abrangente sobre a escolha da psicologia como profissão com 146 alunos do primeiro ano da faculdade. Metodologicamente dividiu-se em três etapas com a utilização de diferentes instrumentos para coleta de dados em cada uma das fases: uma entrevista com roteiro pré-estabelecido, um questionário aberto e um protocolo com frases incompletas para serem concluídas pelos estudantes. Os estudantes estudavam em uma mesma universidade privada, com exceção dos da terceira etapa, em que parte deles estudava no primeiro ano de uma universidade pública. Cada grupo de alunos participou apenas de uma etapa. As respostas foram trabalhadas a partir da análise de conteúdo de Bardin (1979) em que são identificados grandes núcleos de sentido nas respostas obtidas.

Nas duas primeiras etapas, os motivos apresentados para a escolha da psicologia como profissão foram: desejo de ajudar (75%), busca de crescimento pessoal (20%), fascínio pelo conhecimento psicológico (62,5%) e busca de competência interpessoal (22,5%). (Magalhães, Stralotto, Keller & Gomes, 2001).

Na terceira etapa da pesquisa, em que os alunos tinham de completar as frases, os dados são ainda mais significativos. A frase: “*A procura pelo curso deve-se a...*” teve o conteúdo *autoajuda* como resposta mais frequente tanto na universidade privada (28,3%) quanto na pública (47,4%). (Magalhães, Stralotto, Keller & Gomes, 2001). O primeiro número chama a atenção, porém

o segundo é surpreendente, principalmente se levarmos em conta que nas universidades públicas estudam alunos que teoricamente são considerados melhor preparados do que os estudantes das universidades privadas.

Os resultados de estudos feitos num intervalo tão grande (Bastos & Gomide, 1989 e Magalhães, Stralotto, Keller & Gomes, 2001) mostram que nossa indagação sobre a escolha do curso de psicologia como tentativa de resolução de problemas pessoais continua merecendo atenção por parte dos psicólogos.

Nossa proposta é investigar psicanaliticamente o imaginário coletivo de estudantes de psicologia sobre o curso escolhido. Este estudo dá sequência a uma série de trabalhos que investigam diferentes problemas por meio do conceito de imaginário coletivo, concebidos como conduta, tais como Corbett (2014); Assis (2014); Aiello-Fernandes (2013) e Chinália (2012), apenas para citar os mais recentes¹ e insere-se mais especificamente no contexto de uma problemática mais ampla que comporta interrogações sobre a experiência emocional de estudantes de psicologia (Barreto & Aiello-Vaisberg, 2007; Ribeiro, 2008; Ribeiro, Tachibana e Aiello-Vaisberg, 2008; Camps, 2009; Riemenschneider, Ambrosio & Aiello-Vaisberg, 2011 e Gallo-Beluzzo, 2013, 2011).

Consideramos que a escolha profissional é uma manifestação humana que faz parte da trajetória vital e não deve ser isolada das condições concretas

¹ Destacamos ainda as seguintes produções que utilizam o imaginário coletivo: Ambrósio, 2013; Simões, 2012; Simões, Riemenschneider & Aiello-Vaisberg, 2012; Zia, 2012; Gallo-Belluzzo, 2011; Tachibana, 2011; Silva Pontes, 2011; Montezi, Zia, Tachibana & Aiello-Vaisberg, 2011; Barreto & Aiello-Vaisberg, 2010; Corbett, 2009; Russo, Couto & Aiello-Vaisberg, 2009; Silva Pontes, Cabrera, Ferreira, & Aiello-Vaisberg, 2008; Avila, 2008; Gonçalves, 2008; Ferreira-Teixeira, 2006 e Barreto, 2006.

que lhe sustentam (Barreto & Aiello-Vaisberg, 2007). Assumimos a perspectiva de Bleger (1963/1984) que o objeto de estudo da psicologia são as manifestações humanas concretas, considerando seu ambiente sua condição social e suas experiências vividas. Bleger (1963/1984) chama essas manifestações de conduta de conceito forjado a partir a noção drama, proposta por Politzer (1928/2004), que não se confunde com o *behavior* norte-americano e abrange áreas de expressão que incluem não apenas o corpo e a atuação no mundo externo, mas também a área mental.

Nesse ponto de vista, a escolha profissional é uma conduta e o que se aplica às condutas, aplica-se também às escolhas (Barreto & Aiello-Vaisberg, 2007). Assim consideramos as influências concretas de fatores pessoais, sociais e vinculares que estão envolvidas na escolha profissional. Segundo as autoras:

A escolha profissional interfere com o estilo de vida do jovem que escolhe e permeia tanto sua possibilidade de satisfação laboral como a de satisfação pessoal (Barreto, 2000), fazendo parte de sua relação concreta com a sociedade na qual está inserido e, nesta concepção, é parte da trajetória vital. Essa trajetória vital é compreendida, por nós, como drama do viver de adolescentes contemporâneos. (Barreto & Aiello-Vaisberg, 2007, p. 109)

O problema da satisfação laboral e pessoal, a que se referem as autoras, deve ser pesquisado com atenção, pois, se levantamos a hipótese de que a escolha do curso de psicologia está vinculada a uma busca de resolução

dos próprios problemas, a chance de ocorrer uma insatisfação laboral e/ou pessoal aumenta consideravelmente.

Se com nossa pesquisa pudermos lançar luzes sobre quais os motivos que levam a escolha do curso de psicologia, poderemos trabalhar psicoprofilaticamente e evitar o aumento da insatisfação laboral e/ou pessoal.

Concordamos com Bohoslavsky (1979/1987) que entende por psicoprofilaxia toda atividade que, a partir de análises e técnicas psicológicas, procure promover o desenvolvimento das potencialidades do ser humano, seu amadurecimento e sua felicidade.

Para Barreto e Aiello-Vaisberg (2007) pensar psicoprofilaticamente é tentar reabilitar o jovem na apropriação de seu destino, que estará tanto mais saudável quanto mais sentir-se vivo, real e capaz de uma escolha configurada pela gestualidade espontânea e transformadora do próprio mundo.

Nesse sentido, nossa pesquisa sobre a escolha pelo curso de psicologia vai além de discussões sobre a busca pela resolução dos próprios problemas, mas sim na compreensão de como tais problemas podem interferir ou até ajudar na sua prática profissional, já que esta o situa concretamente no mundo, na comunidade, na sociedade. Vale enfatizar que uma formação profissional adequada visa, em última instância, contribuir de algum modo para a transformação da vida social. Para isso os futuros psicólogos têm de estar preparados para assumir as responsabilidades inerentes a este exercício profissional.

Capítulo 2

DIÁLOGO COM PRODUÇÃO CIENTÍFICA CONTEMPORÂNEA

Neste capítulo expomos o debate científico em que se insere nossa investigação sobre a escolha profissional. Como modo de organização da literatura a ser examinada, realizamos uma revisão integrativa, método que tem como finalidade reunir, organizar e sintetizar resultados de pesquisas sobre um tema ou questão, aprofundando o conhecimento sobre a problemática considerada (Mendes, Silveira & Galvão, 2008) e favorecendo a aplicação de resultados de estudos significativos na prática (Souza, Silva & Carvalho, 2010).

Questão norteadora e seleção dos artigos científicos

Elegemos, como questão norteadora deste estudo bibliográfico, “que conhecimento acerca da escolha profissional é atualmente divulgado em artigos científicos?”. Tendo em vista garantir a abrangência nacional e internacional da pesquisa, bem como sua extensão às várias áreas do conhecimento, selecionamos as bases indexadoras *Academic Search Premiere*, SciELO (*Scientific Electronic Library Online*) Regional e SciELO Brasil. O levantamento foi feito no decorrer da elaboração da pesquisa e a data em que os trabalhos foram pesquisados pela última vez foi no dia 17/12/2014.

Nosso diálogo com as produções científicas sobre a escolha pelo curso de psicologia se deu a partir do levantamento bibliográfico em artigos, publicados em periódicos científicos incluídos nas bases acima mencionadas, que permitem o acesso a pesquisas empíricas nas ciências biológicas, humanas, sociais e da saúde, entre outras, e em produções advindas de

países da América Latina, Europa e Estados Unidos. Vale salientar que tais bases são reconhecidas no meio científico por suas exigências em relação à qualidade dos periódicos e do acesso fácil e direto a textos completos.

Nossa busca teve como critério de seleção os artigos cujo acesso ao texto completo é gratuito, pois acreditamos que, ao tratarmos de pesquisa científica, todo saber deve transitar e atingir o maior número de pesquisadores e interessados em determinados temas. Concordamos com Corbett (2014) que devemos considerar o texto completo para avaliar a metodologia utilizada e obter acesso amplo aos resultados e às considerações tecidas pelos autores.

Iniciamos nossa pesquisa com as bases de dados SciELO Brasil e SciELO Regional, a partir da palavra-chave “escolha de psicologia” que nos permitiu encontrar 16 artigos publicados entre 2010 e 2014. Todos os artigos encontrados no SciELO Brasil também estavam no SciELO Regional.

Para aumentar a abrangência da pesquisa nessa base de dados, buscamos as palavras-chave “*psychology undergraduate choice*” e “*undergraduate choice*”. Na primeira busca, encontramos 1 artigo no SciELO Regional e 1 no SciELO Brasil, que também estava na base regional, já na segunda palavra-chave achamos 35 trabalhos no SciELO Regional e 25 no SciELO Brasil, que também constavam na base regional, motivo que nos levou a considerar apenas as buscas no SciELO regional.

Como nosso interesse é pesquisar o imaginário coletivo que leva as pessoas a escolherem um curso superior, buscamos o descritor “*professional choice*” com o objetivo de estudar o processo de escolha profissional de forma mais ampla e não circunscrita apenas ao curso de psicologia, que nos levou a

encontrar 88 artigos. O sucesso dessa busca nos levou a procurar por “escolha profissional” assim encontramos 60 artigos, sendo que alguns repetiam os dados obtidos com a palavra-chave “*professional choice*”. Nossa pesquisa na base de dados SciElo nos gerou 200 artigos.

Na base indexadora *Academic Search Premiere* aplicamos os seguintes critérios para a seleção de artigos: trabalhos completos publicados entre 2010 e 2014 e publicados em revistas acadêmicas. Buscamos inicialmente pela palavra-chave “*psychology undergraduate choice*” que gerou 1 artigo; já com a palavra-chave “*undergraduate choice*”, obtivemos 5. Na palavra-chave “*professional choice*” encontramos 60 artigos e com “escolha profissional” encontramos 6 publicações, o que totalizou 72 artigos.

O total de artigos considerados para o desenvolvimento desta tese nesse momento é a soma de todos os artigos encontrados através das palavras-chave mencionadas nas bases de dados pesquisadas. O que nos levou ao número de 272 trabalhos selecionados, conforme ilustra a tabela 1.

Tabela 1. Apontamento do número de artigos completos encontrados a partir das pesquisas por palavras-chave nas bases *SciELO Regional*, *SciELO Brasil* e *Academic Research Premiere* em 17/12/2014.

Palavra(s)-chave	Número de artigos encontrado (<i>SciELO Regional</i> e <i>Brasil</i>)	Número de artigos encontrado (<i>Academic Research Premiere</i>)	Número total de artigos encontrados
“Escolha de psicologia”	16		16
“Escolha profissional”	60	6	66
“ <i>Professional choice</i> ”	88	60	148
“ <i>Psychology undergraduate choice</i> ”	1	1	2
“ <i>Undergraduate choice</i> ”	35	5	40
	200	72	272

Ao reunir os 272 estudos obtidos nas duas bases excluimos os trabalhos repetidos, chegando a 72 artigos científicos na *Academic Search Premiere* e 161 artigos no *SciELO Regional* e *SciELO Brasil*, totalizando 233 pesquisas diferentes.

Num segundo momento, examinamos esses 233 artigos por meio da leitura dos títulos, resumos e trechos dos trabalhos completos, tendo em vista selecionar aqueles que focalizavam a escolha do curso de psicologia, como também a escolha de curso de graduação e/ou profissional. Tratou-se de uma conferência mais refinada, com a finalidade de excluir artigos que, mesmo usando tais palavras-chave, se afastavam radicalmente do tema que pesquisamos.

Na tabela 2 mostramos a variedade de assuntos tratados nos artigos que descartamos em nossa pesquisa na base de dados SciELO. Após aplicarmos o critério de excluir pesquisas que se distanciam de nosso objetivo, os 161 artigos que encontramos anteriormente foram reduzidos a 19.

Tabela 2. Artigos descartados (SciELO Regional e Brasil) – Assunto dos artigos .

Práticas e procedimentos médicos (54)	Especialização médica (26)	Temas relacionados à docência e políticas públicas de educação (11)	Práticas de enfermagem (10)
Decisões profissionais e financeiras (7)	Comportamento alimentar (3)	Práticas e procedimentos odontológicos (3)	Esportes e educação física (3)
Gênero e Sexualidade (2)	Disciplinas de engenharia (2)	Práticas em fonoaudiologia (2)	Especialização odontológica (2)
Direito (2)	Exames de múltipla escolha (2)	Dança (2)	Especialização em psicologia (2)
Práticas em fisioterapia e em terapia ocupacional (2)	Escolha conjugal	Criação de animais	Desenvolvimento sanitário
Comportamento do consumidor	Especialização farmacêutica	Punição	Gestão de qualidade empresarial

Aplicamos o mesmo critério aos artigos encontrados na base *Academic Search Premiere*, que apresentamos na tabela 3. Após aplicarmos o critério de excluir pesquisas que se distanciam de nosso objetivo, os 72 artigos que encontramos anteriormente foram reduzidos a 8.

Tabela 3. Artigos descartados (*Academic Search Premiere*) – Assunto dos artigos .

Práticas e procedimentos médicos (21)	Saúde mental (8)	Temas relacionados à docência (6)	Políticas públicas de saúde (4)
Práticas de enfermagem (4)	Comportamento alimentar (3)	Práticas e procedimentos odontológicos (3)	Especialização médica (2)
Decisões profissionais estratégicas (2)	Especialização odontológica	Práticas em farmácia	Práticas em fisioterapia
Ergonomia	Biodiversidade	Uso da internet por crianças	Direitos da criança
Comportamento do consumidor	Segurança pública	Exames de múltipla escolha	História judaica

Em ambas as bases há uma grande quantidade de artigos dedicados à saúde a partir de várias formações. A maior parte das pesquisas é da área da medicina, mas o número de trabalhos de profissionais paramédicos é significativo, destacando-se os de enfermagem, odontologia, fonoaudiologia, farmácia e fisioterapia. A maior parte das pesquisas que foram descartadas discute procedimentos muito específicos de suas áreas como técnicas cirúrgicas, tratamentos clínicos e diagnósticos por imagens ou laboratoriais.

Outra área que se destaca é a da educação e a prática docente. Nesse caso as pesquisas que não foram consideradas se dedicam a estudar desde dificuldades no ensino fundamental, como a hiperatividade ou alunos com necessidades especiais, passando pelo pouco interesse de alunos do ensino médio pela física, até problemas que professores de curso de engenharia têm com a falta de formação básica de seus alunos.

O termo “escolhas profissionais” também aparece com frequência no processo de tomadas de decisão em administração, economia, gestão de pessoas e negócios. Outras pesquisas que não foram consideradas discutem temas diversos como escolha conjugal, comportamento do consumidor, gerenciamento de carreira, aplicações financeiras e até exames de múltipla escolha. Atribuímos tal variedade de resultados e assuntos à palavra “escolha”, que discute uma série de decisões que temos de tomar no decorrer de nossa vida.

Nessa busca percebemos que existem muitos trabalhos, nas mais diversas áreas do conhecimento, que se preocupam com as escolhas feitas pelos interessados em se profissionalizar numa ou outra disciplina do saber humano. A escolha da profissão é parte da formação do aluno e por isso muitos artigos discutem esse tema aproximando escolha e formação profissional. Tal cuidado é pertinente e coincide com nossos achados, por isso consideramos os trabalhos realizados por pesquisadores das mais diversas formações como das áreas da medicina, enfermagem, administração, pedagogia, educação física, fisioterapia entre outros.

Portanto, mesmo ao excluir trabalhos muito distantes de nossa pesquisa, mantivemos diálogo com várias áreas do conhecimento, tomando o cuidado de, nesse momento, retornar aos artigos selecionados que tivessem a palavra “vocacional”, “escolha” ou “*choice*” em seu título, resumo ou em suas palavras-chave. Reconhecemos que tais termos são amplos enquanto ferramenta de busca, porém tal artifício nos garantiu diálogo com outras ciências e aumentou a abrangência de nossa pesquisa. Convém lembrar também que esse é nossa segunda leitura por esses textos, portanto não eram textos desconhecidos nossos.

Se desejamos investigar os motivos pelos quais uma profissão é escolhida, em nosso caso a psicologia, devemos ficar atentos aos vários campos que contingenciam tal escolha (Bleger, 1958, 1963/1989). A perspectiva blegeriana foi usada na leitura e na organização dos textos. Dessa maneira seguimos o rumo traçado por Camps (2009) que compreende a escolha profissional como uma conduta² “pela qual a vida e as escolhas acontecem, levando à definição de atividade profissional, ao tipo de pessoa que se deseja ser, com quem conviver.” (Camps, 2009, p. 165).

Nosso posicionamento alinhado ao pensamento blegeriano e a psicologia concreta de Politzer (1928/2004) nos leva a considerar os fenômenos e as experiências pessoais vividas em primeira pessoa. Por esse motivo em nossa pesquisa optamos por excluir os artigos que utilizam a abordagem psicométrica, já que identificamos nesses estudos um distanciamento das experiências concretas das pessoas. Os 7 artigos

² Para Bleger (1963/1989) as condutas são “um conjunto de operações pelas quais um organismo em situação reduz as tensões que o motivam e realizam suas possibilidades” (Bleger, 1963/1989, p. 25).

psicométricos não apareceram nas tabelas 2 e 3 por conta da natureza da exclusão, lá as pesquisas se distanciavam de nosso objetivo, e nesse caso a questão é metodológica.

Ao ler os 27 artigos selecionados, percebemos que alguns temas eram discutidos com maior frequência e estavam presentes em mais de um artigo. Para sistematizar a leitura foi realizada uma divisão temática dos textos. Vale observar que um mesmo texto pode conter mais de um tema, e por isso alguns deles se repetem nas várias unidades temáticas.

Embora a divisão por temas não tenha a intenção de realizar uma discussão profunda sobre cada um deles, eles servem como instrumento para uma reflexão sobre sua importância para o estudo da escolha profissional. O que fizemos, portanto, foi realocar temas tão diversos para usá-los de acordo com nossa conveniência para compreender a experiência emocional de estudantes de psicologia, mesmo que um determinado texto fale sobre a qualquer outra formação.

Os temas encontrados a partir dos descritores: “Escolha de psicologia”, “Escolha profissional”, “*Professional choice*”, “*Psychology undergraduate choice*” e “*Undergraduate choice*” são os seguintes: 1) Orientação profissional, 2) Influências socioeconômicas, e 3) Identidade. Tal variedade de temas e sua complexidade demonstram que o assunto não deve ser considerado isoladamente. Longe de querer esgotar o tema, nossa proposta é considerar dialeticamente a produção contemporânea, assumindo que todo método é um recorte do fenômeno num dado momento em determinadas condições.

Orientação profissional

Nossa busca pelos descritores “Escolha de psicologia”, “Escolha profissional”, “*Professional choice*”, “*Psychology undergraduate choice*” e “*Undergraduate choice*” nas bases de dados citadas anteriormente, possibilitou encontramos 9 pesquisas que discutem de alguma forma a orientação profissional.

O uso da expressão orientação vocacional ou orientação profissional é controverso para os pesquisadores. Alguns optam por utilizar orientação profissional por considerá-la funcionalista, contextualista e diretiva, o que permite a realização de uma análise de contingências mais consciente no processo decisório de escolha profissional (Moura & Silveira, 2002); (Souza et. al, 2009) e (Feijoo & Magnan, 2012). Outros preferem a expressão vocação por considerar que o autoconhecimento é determinante para saber quais oportunidades laborais estão em consonância com suas próprias atitudes e características pessoais. (Sanchez Agüero et al., 2013). Por entendermos a escolha profissional como conduta (Bleger, 1963/1984), adotamos a partir de agora o termo orientação profissional, que se encontra mais próximo aos fenômenos concretos e distantes de abstrações.

A tabela 4 apresenta uma breve descrição dos artigos levantados.

Tabela 4. Orientação Profissional – Descrição do objetivo, abordagem, procedimento de coleta, procedimento de registro e tratamento e análise dos dados.

Artigo	Objetivo	Abordagem	Procedimentos de coleta	Procedimentos de registro	Tratamento e análise dos dados
Castro, A. C., & Bicalho, P. P. G. (2013). Juventude, território, Psicologia e política: intervenções e práticas possíveis.	Análise das forças que constituem o processo de produção de subjetividade das juventudes na favela.	Esquizoanálise	Entrevistas	Não especificado	Método cartográfico
D'Ávila, G. T., Krawulski, E., Veriguine, N. R. & Soares, D. H. P. (2011). Acesso ao ensino superior e o projeto de "ser alguém" para vestibulandos de um cursinho popular	Pesquisa o projeto profissional de estudantes de um cursinho popular.	Abordagem sócio-histórica	Entrevistas	Autopreenchimento	Análise de conteúdo
Dias, M. S. L. & Soares, D. H. P. (2012). A escolha profissional no direcionamento da carreira dos universitários	Analisa a escolha profissional e o direcionamento da carreira de universitários.	Abordagem sócio-histórica	Entrevistas	Transcrição de áudio	Análise temática
Feijoo, A. M. L. C. & Magnan, V. C. (2012). Análise da escolha profissional: uma proposta fenomenológico-existencial.	Análise da escolha profissional sob a perspectiva fenomenológico-existencial.	Abordagem fenomenológica-existencialista	Narrativas	Narrativas	Análise fenomenológica-existencial
Lehman, Y. P. (2014). University students in crisis: university dropout and professional re-selection	Identifica determinantes que interferem no processo de re-escolha profissional e sua dinâmica.	Abordagem psicanalítica	Entrevistas	Não especificado	Análise de conteúdo
Manoel, R.A., Combinato, D.S., Gomes, F.M.A. & Silva, K.F. (2014). O papel do trabalho e da formação acadêmica no projeto profissional do trabalhador da saúde.	Verifica a influência da formação acadêmica no programa saúde da família.	Abordagem sócio-histórica	Entrevistas	Gravação de áudio	Análise sócio-histórica

Piñero Ramírez, S. L. (2012). Jóvenes universitarios: desigualdades socioculturales y diversidad de representaciones en torno a la profesión	Estuda as representações sociais de estudantes de enfermagem e medicina sobre sua profissão.	Abordagem sócio-histórica	Questionário	Autopreenchimento	Análise de conteúdo
Pinto, T. M. G. & Castanho, M. I. S. (2012). Sentidos da escolha e da orientação profissional: um estudo com universitários	Apreensão dos sentidos da escolha e da orientação profissional produzidos por universitários.	Abordagem sócio-histórica	Questionário	autopreenchimento.	Análise sócio-histórica
Valore, L. A. & Cavallet, L. H. R. (2012). Escolha e orientação profissional de estudantes de curso pré-vestibular popular	Investigar os critérios utilizados e as dificuldades encontradas por estudantes no processo de escolha profissional.	Abordagem sócio-histórica	Questionário	Não especificada	Procedimentos estatísticos

Na tabela 5 as pesquisas sobre orientação profissional são discutidas a partir das seguintes abordagens teóricas:

Tabela 5. Abordagens teóricas que discutem a Orientação Profissional	Número de artigos
	9
Sócio-histórica	6
Psicanálise	1
Fenomenológica existencialista	1
Esquizoanálise	1

Há um predomínio de produções brasileiras que discutem a orientação profissional. A única pesquisa realizada em outro país é a de Piñero Ramírez (2012), a pedagoga mexicana defende que as representações sociais sobre as profissões devem ser levadas em consideração no processo de escolha profissional. A autora adota a perspectiva boudieuniana e afirma que nesse

momento existem elementos conscientes e inconscientes envolvidos no interesse por uma determinada profissão. Para ela, se não forem considerados os recursos materiais e simbólicos envolvidos nas condições de vida dos indivíduos, não há como auxiliar na escolha profissional.

Entre os 9 artigos que discutem orientação profissional, 6 abordam o assunto a partir da abordagem sócio-histórica, condicionando sua compreensão às condições sócio, histórico e cultural envolvidas na escolha profissional (Pinto & Castanho, 2012). Para esses pesquisadores os serviços de orientação profissional devem se aproximar da população excluída socialmente, oferecendo a eles condições de acesso a informações sobre as profissões, mercado de trabalho e cidadania (Castro & Bicalho, 2013; D'Avila et al., 2011 e Valore & Cavallet, 2012). Nesse ponto de vista, a orientação profissional ao invés de ser um serviço dedicado a classes mais favorecidas deveria ser tratada como uma política pública que prepara todo cidadão para se inserir no mercado de trabalho.

No que se refere às teorias psicológicas como a psicanálise (Lehman, 2014), a fenomenologia (Feijoo & Magnan, 2012) e a esquizoanálise (Castro & Bicalho, 2013), percebemos que isoladamente elas são responsáveis por um número menor de pesquisas sobre orientação profissional; reunidas, porém, elas são responsáveis por quase metade das produções. Os resultados dessas pesquisas dão voz às pessoas pesquisadas através do uso de metodologias que se aproximem de suas experiências de vida.

Todas as pesquisas apresentadas até aqui têm pressupostos metodológicos, epistemológicos e teóricos diferentes que podem indicar

caminhos variados para se trabalhar com orientação profissional. A experiência de sofrimento aparece em quase todas as pesquisas que se alinham às ciências humanas, seja qual for seu enfoque ou perspectiva. A angústia de não saber o que escolher, nem sentir-se informado sobre as profissões e o mercado de trabalho (Dias & Soares, 2012) causam aflições que se manifestam no decorrer do curso escolhido (Lehman, 2014) ou no exercício profissional. Em um momento que a informação é acessível, chama a atenção o fato de que muitos jovens e profissionais sintam-se desinformados e sofram por isso (Manoel et al. 2014; Dias & Soares, 2012).

Isso aumenta nossa convicção de que nossa investigação sobre o imaginário coletivo de alunos de psicologia pode contribuir não apenas para psicólogos, mas para todos os que pesquisam escolhas profissionais.

Influências socioeconômicas

Em um total de 27 artigos selecionados em nossa busca, 24 discutem as influências socioeconômicas envolvidas na escolha profissional. A tabela 6 apresenta uma breve descrição dos artigos levantados.

Tabela 6. Influências socioeconômicas - Descrição do objetivo, abordagem, procedimento de coleta, registro, tratamento e análise dos dados.

Artigo	Objetivo	Abordagem	Procedimentos de coleta	Procedimentos de registro	Tratamento e análise dos dados
Castro, A. C., & Bicalho, P. P. G. (2013). Juventude, território, Psicologia e política: intervenções e práticas possíveis.	Análise das forças que constituem o processo de produção de subjetividade das juventudes na favela.	Esquizaanálise	Entrevistas	Não especificado	Método cartografico
Davies, P., Mangan, J., Hughes, A. & Slack, K. (2013). Labour market motivation and undergraduates' choice of degree subject	Estuda as influências do mercado de trabalho na escolha profissional.	Curso de economia	Questionários	Autopreenchimento	Procedimentos estatísticos
D'Ávila, G. T., Krawulski, E., Veriguine, N. R. & Soares, D. H. P. (2011). Acesso ao ensino superior e o projeto de "ser alguém" para vestibulandos de um cursinho popular OP	Pesquisa o projeto profissional de estudantes de um cursinho popular.	Abordagem sócio-histórica	Entrevistas	Autopreenchimento	Análise de conteúdo
Dias, M. S. L. & Soares, D. H. P. (2012). A escolha profissional no direcionamento da carreira dos universitários	Analisa a escolha profissional e o direcionamento da carreira de universitários.	Abordagem sócio-histórica	Entrevistas	Transcrição de áudio	Análise temática
Feijoo, A. M. L. C. & Magnan, V. C. (2012). Análise da escolha profissional: uma proposta fenomenológico-existencial.	Análise da escolha profissional sob a perspectiva fenomenológico-existencial.	Abordagem fenomenológica-existencialista	Narrativas	Narrativas	Análise fenomenológica-existencial
Generett, G. G., & Cozart, S. (2011). The Spirit Bears Witness: Reflections of Two Black Women's Journey in the Academy	Descrever a experiência de mulheres negras no mundo acadêmico	Abordagem sócio-histórica	Gravação em audio	Transcrição de audio	Análise sócio-histórica
González-Velázquez, M. S., Lara-Barrón, A. M., Pineda-Olvera, J. & Crespo-Knopflera, S. (2014). Perfil de ingreso de los alumnos de Enfermería, Facultades de Estudios Superiores Iztacala y Zaragoza,	Analisa o perfil de estudantes ingressantes na faculdade de enfermagem.	Abordagem sócio-histórica	Questionários	Autopreenchimento	Procedimentos estatísticos

UNAM					
Guigen, Amanda Perantoni et al. (2014). Fonoaudiologia como opção de carreira universitária: estudo exploratório	identificar fatores que levaram os alunos de fonoaudiologia: a esta escolha	Curso de fonoaudiologia	Questionário	Autopreenchimento	Procedimentos estatísticos
Lehman, Y. P. (2014). University students in crisis: university dropout and professional re-selection	Identifica determinantes que interferem no processo de re-escolha profissional e sua dinâmica.	Abordagem psicanalítica	Entrevistas	Não especificado	Análise de conteúdo
Lopes, S.R.A. & Paula, S.F. (2011). A importância da figura paterna no processo de escolha profissional: um estudo comparativo entre jovens universitários	Pesquisa a importância da figura paterna no processo de escolha profissional.	Abordagem psicanalítica	Procedimento desenhos-Estória com Tema	Desenhos e produção de estórias	Interpretação psicanalítica
Manoel, R.A., Combinato, D.S., Gomes, F.M.A. & Silva, K.F. (2014). O papel do trabalho e da formação acadêmica no projeto profissional do trabalhador da saúde.	Verifica a influência da formação acadêmica no programa saúde da família.	Abordagem sócio-histórica	Entrevistas	Gravação de áudio	Análise sócio-histórica
Nepomuceno, R. F. & Witter, G. P. (2010). Influência da família na decisão profissional: opinião de adolescentes	Investigação sobre a influência familiar na decisão profissional na opinião de adolescentes	Abordagem comportamental	Questionários	Autopreenchimento	Procedimentos estatísticos
Nogueira, C. M. M. & Pereira, F. G. (2010). O gosto e as condições de sua realização: a escolha por pedagogia entre estudantes com perfil social e escolar mais elevado	Análise sociológica da escolha do curso de Pedagogia por alunas com perfil social e escolar mais elevado	Curso de educação	Entrevistas	Não especificado	Análise temática
Oliveira, M. D. & Melo-Silva, L. L. (2010). Estudantes universitários: a influência das variáveis socio-econômicas e culturais na carreira.	Compreensão das influências sociodemográficas carreira de concluintes dos cursos de química, biologia e psicologia.	Abordagem sócio-histórica	Entrevistas	Não especificado	Procedimentos estatísticos
Piñero Ramírez, S. L. (2012). Jóvenes universitarios: desigualdades socioculturales y diversidad de representaciones en torno a la profesión	Estuda as representações sociais de estudantes de enfermagem e medicina sobre sua profissão.	Abordagem sócio-histórica	Questionário	Autopreenchimento	Análise de conteúdo
Pinto, T. M. G. & Castanho, M. I. S.	Apreensão dos sentidos da escolha	Abordagem	Questionário	autopreenchimento.	Análise sócio-

(2012). Sentidos da escolha e da orientação profissional: um estudo com universitários	e da orientação profissional produzidos por universitários.	sócio-histórica			histórica
Popova, I.P. (2014). Professional Choice – The Influence of the Cultural Resources of the Families of Russian Specialists	Pesquisa como se dá a escolha profissional em famílias que têm educação superior.	Abordagem sócio-histórica	Entrevistas	Não especificado	Procedimentos estatísticos
Price, S. L., McGillis Hall, L., Angus, J. E., & Peter, E. (2013). Choosing nursing as a career: a narrative analysis of millennial nurses' career choice of virtue.	Compreender a experiência de escolha na carreira de enfermagem.	Abordagem fenomenológica	Entrevistas	Transcrição de áudio	Análise temática
Rabelo, A. O. (2010). "Eu gosto de ser professor e gosto de crianças" - A escolha profissional dos homens pela docência na escola primária	Investiga a escolha profissional de professores do sexo masculino.	Abordagem sócio-histórica	Questionários	Não especificada	Análise temática
Ribeiro, M. M. F., Leal, S. S., Diamantino, F. C. & Bianchi, H. A. (2011). A opção pela medicina e os planos em relação ao futuro profissional de estudantes de uma faculdade pública Brasileira	Estuda a opção pela medicina e os planos relacionados ao futuro profissional.	Curso de medicina	Questionários	Autopreenchimento	Análise de Conteúdo
Sales, A. C. M. & Chamon, E. M. Q. O. (2011). Escolha da carreira e processo de construção da identidade profissional docente	Analisa fatores envolvidos na escolha da profissão e na construção da identidade profissional docente.	Abordagem sócio-histórica	Questionários	Autopreenchimento	Procedimentos estatísticos
Sepúlveda V, Leandro, & Valdebenito I, María José. (2014). ¿Las cosas claras? Aspiraciones de futuro y proyecto educativo laboral de jóvenes estudiantes secundarios	Anlisa as expectativas e aspirações para o futuro em estudantes do ensino médio	Abordagem sócio-histórica	Questionários	Autopreenchimento	Procedimentos estatísticos
Spindola, T., Santiago, M. M. A, Martins, E. R. C. & Francisco, M. T. R. (2011). The meaning of the profession to students beginning a Nursing undergraduate course	Descrição do significado da profissão para estudantes do primeiro período do curso de graduação em Enfermagem.	Curso de enfermagem	Questionários	Autopreenchimento	Análise de conteúdo
Taulke-Johnson, R. (2010). Queer decisions? Gay male	Estuda as a escolha de universidade por	Abordagem sócio-histórica	Questionários	Transcrição de áudio	Análise temática

students' university choices.	estudantes gays.				
Valore, L. A. & Cavallet, L. H. R. (2012). Escolha e orientação profissional de estudantes de curso pré-vestibular popular	Investigar os critérios utilizados e as dificuldades encontradas por estudantes no processo de escolha profissional.	Abordagem sócio-histórica	Questionário	Não especificada	Procedimentos estatísticos

A tabela 7 ilustra quais as abordagens teóricas que discutem o tema “influências socioeconômicas”. Nos casos em que a abordagem não ficou evidente, identificamos o curso de origem das pesquisas.

Tabela 7. Abordagens teóricas que discutem as Influências socioeconômicas	Número de artigos
	24
Sócio histórica	14
Psicanálise	2
Fenomenológica existencialista	2
Esquizoanálise	1
Abordagem não declarada nem evidente	1
Abordagem não declarada nem evidente	1
Abordagem não declarada nem evidente	1
Abordagem não declarada nem evidente	1
Abordagem não declarada nem evidente	1

Notamos que nesse tema também se evidencia o predomínio da abordagem sócio-histórica, o que não nos surpreende já que um dos fundamentos dessa teoria é estudar as relações do indivíduo com o social, que são amplas e abordam vários aspectos da vida das pessoas.

Nossa busca sobre a escolha profissional nos levou a pesquisas que discutam as influências socioeconômicas envolvidas nesse processo. Isso nos permitiu estabelecer contato com produções de países muito diferentes entre si como Portugal (Rabelo, 2010), Rússia (Popova, 2014), Reino Unido (Taulke-Johnson, 2010 e Davies et al., 2013), Estados Unidos (Generett & Cozart, 2011), Canadá (Price et al., 2013), México (González-Velázquez et al., 2014 e Piñero Ramírez, 2012) e Chile (Sepúlveda & Valdebenito, 2014). Nessas pesquisas também há predomínio da abordagem sócio-histórica e apenas um trabalho adota a teoria fenomenológica (Price et al., 2013).

A escolha da profissão faz parte das preocupações de nossa sociedade, e, assim que o termina o ensino médio, muitos estudantes aspiram obter um título profissional (Sepúlveda & Valdebenito, 2014); (Feijoo & Magnan, 2012) e (D'Avila, et al., 2011), porém tais opções tornam-se complexas por envolver uma série fatores.

As escolhas profissionais são determinadas socialmente e se relacionam à escolaridade dos pais, seu nível socioeconômico e a natureza do ensino cursado (González-Velázquez et al., 2014). Assim as opções de escolha profissional e o mercado de trabalho são percebidos de maneira diferente pelos grupos sociais, levando, por exemplo, grupos minoritários etnicamente a escolherem a profissão levando em conta sua remuneração e status social (Davies et al., 2013).

A condição social faz com que sujeitos de menor poder aquisitivo encarem o acesso ao ensino superior como uma oportunidade de se inserir no mercado de trabalho através de uma profissão valorizada em seu contexto. Já

indivíduos de classes mais abastadas se preocupam em manter o status através de escolhas que mantêm o padrão familiar (Davies et al., 2013; Popova, 2014). Para Oliveira e Melo-Silva (2010) tais desigualdades antecedem a entrada na faculdade, perpetuam-se no decorrer do ensino superior e permanecem assim, mesmo após sua formatura.

O trabalho de Dias e Soares (2012) deixa explícita tal desigualdade ao descrever as seguintes categorias presentes na escolha do curso superior: “escolhendo sem saber”, o “diploma considerado mais importante que o trabalho” e o “medo do mercado”.

Escolher sem saber implica a escolha por um curso sem maiores informações sobre ele, na opção mais valorizada socialmente, ou por escolhas limitadas às suas possibilidades econômicas e sociais, ou, como afirmam as autoras, as escolhas possíveis.

O diploma adquire maior importância que o trabalho na medida em que se configura como valor social e histórico que transcende a experiência pessoal do estudante e realiza também desejos e realizações familiares. Por meio do diploma se vislumbra a mobilidade social, com a possibilidade de se obter melhores empregos e status social.

Já a inserção no mercado de trabalho (Davies et. a., 2013) parece ser o revés da categoria anterior, pois o mercado competitivo, exigente e concorrido mergulha o profissional na sensação de despreparo e consequentemente na constante ameaça de não ser competente o suficiente para exercer a profissão escolhida. Nessas circunstâncias o grande fantasma deixa de ser a falta do curso superior e passa a ser o mercado de trabalho, expressão notadamente

ideológica e capitalista, que encarna a experiência de exclusão (Castro & Bicalho, 2013; Pinto & Castanho, 2012; Piñero Ramírez, 2012; Valore & Cavallet, 2012 e Oliveira & Melo-Silva, 2010).

Outra forma de exclusão se dá a partir do preconceito racial e sexual. A pesquisa de Taulke-Johnson (2010) mostra como estudantes gays, após escolherem um curso, avaliam se a universidade escolhida é acolhedora ou não com estudantes homossexuais. Já Generett & Cozart (2011) descrevem suas experiências como mulheres negras em instituições acadêmicas, superando a marginalização através da espiritualidade. Em ambos os casos existem elementos que explicitam que as escolhas profissionais vão muito além de saber que profissão seguir.

A escolha profissional é, portanto, fortemente vinculada à imagem social da profissão e à influência familiar, de modo que nem sempre se relaciona a um projeto profissional autônomo, mas sim ao contexto profissional possível. Tal fato coloca em dúvida o acesso ao curso superior como possibilidade de mobilidade social.

As pesquisas de Lopes e Paula (2011) e Nepomuceno e Witter (2010) dedicam-se a estudar justamente a importância da família na escolha profissional. Trata-se de pesquisas baseadas nas abordagens psicanalítica e comportamental respectivamente, mas infelizmente os resultados não nos aproximam do acontecer humano que os autores se propõem a estudar.

No primeiro caso, o procedimento Desenho-Estória com Tema (Aiello-Vaisberg, 1999a) foi utilizado, mas suas interpretações não produziram conhecimento sobre o assunto estudado e sua conclusão é de que a figura

paterna tem importância na escolha. Já Nepomuceno & Witter (2010) chegam à conclusão que a relação com a família dos adolescentes pesquisados é adequada e sem dramas que comprometam o processo de escolha profissional.

Outro aspecto a ser considerado na escolha profissional diz respeito justamente à imagem social da profissão. Muitas vezes ela é baseada em idealizações fortes o suficiente para sustentar a opção por um determinado curso. O trabalho de Sales & Chamon (2011), por exemplo, relaciona a escolha de estudantes pela carreira docente por considerá-la “atraente”, “dinâmica” e “bonita”. Já Ribeiro et al. (2011) descrevem que estudantes de medicina optaram pelo curso principalmente por ter vontade de ajudar as pessoas, superando a empregabilidade e o bom salário como fator determinante para a escolha profissional.

As pesquisas de Price et al. (2013) e Spindola et al. (2011) tratam de aspectos idealizados relacionados ao curso de enfermagem, cujos profissionais são socialmente considerados como virtuosos, altruístas e nobres. Os pesquisadores consideram tal imagem estereotipada, mas ainda presente em jovens que escolhem a profissão.

Caminhando em sentido oposto às pesquisas que consideram a escolha profissional determinada socialmente, Nogueira e Pereira (2010) propõem a relativização de explicações sociológicas sobre o assunto. Para eles os elementos que levam a escolha profissional são construídos no decorrer da vida em função dos múltiplos laços sociais e das experiências pessoais.

Portanto os gostos, preferências, objetivos e escolhas não podem ser mecanicamente atribuídos à sua origem social (Rabelo, 2010).

Na maioria das pesquisas apresentadas, há grande atenção para a experiência de estudantes em processo de escolha profissional. As pesquisas de Lehman (2014), Castro e Bicalho (2013), Dias e Soares (2012) e Feijoo e Magnan (2012) tratam das dificuldades presentes na busca por uma profissão, em que as opções feitas nem sempre são as desejadas, mas muitas vezes as possíveis ou viáveis (Guigen et al., 2014). Esses trabalhos explicitam como as pessoas se deparam com dados de realidade que interferem diretamente em seus projetos e perspectivas de vida (Manoel et al., 2014). Tal momento é vivido com sofrimento, o que faz das escolhas profissionais uma tentativa de resolução para tal aflição.

Identidade

Nossa busca pela palavra chave “escolha profissional” nas bases de dados consultadas, encontrou 8 pesquisas empíricas que abordam a questão a partir do tema identidade. O enfoque é variado e discute a identidade do ponto de vista individual, profissional e social em várias profissões, como mostra a tabela 8.

Tabela 8. Identidade – Descrição do objetivo, divisão temática, procedimento de coleta, procedimento de registro e tratamento e análise dos dados.

Artigo	Objetivo	Abordagem	Procedimentos de coleta	Procedimentos de registro	Tratamento e análise dos dados
Castro, A. C., & Bicalho, P. P. G. (2013). Juventude, território, Psicologia e política: intervenções e práticas possíveis.	Análise das diferentes forças que constituem o processo de produção de subjetividade das juventudes na favela.	Esquizaanálise	Entrevistas	Não especificado	Método cartografico
Davies, P., Mangan, J., Hughes, A. & Slack, K. (2013). Labour market motivation and undergraduates' choice of degree subject	Estuda as influências do mercado de trabalho na escolha profissional.	Curso de economia	Questionários	Autopreenchimento	Procedimentos estatísticos
D'Avila, G. T., Krawulski, E., Veriguine, N. R. & Soares, D. H. P. (2011). Acesso ao ensino superior e o projeto de "ser alguém" para vestibulandos de um cursinho popular OP	Pesquisa o projeto profissional de estudantes de um cursinho popular.	Abordagem sócio-histórica	Entrevistas	Autopreenchimento	Análise de conteúdo
Dias, M. S. L. & Soares, D. H. P. (2012). A escolha profissional no direcionamento da carreira dos universitários	Analisa a escolha profissional e o direcionamento da carreira de universitários.	Abordagem sócio-histórica	Entrevistas	Transcrição de áudio	Análise temática
Oliveira, M. D. & Melo-Silva, L. L. (2010). Estudantes universitários: a influência das variáveis socio-econômicas e culturais na carreira.	Compreensão das influências sociodemográficas nas carreira de concluintes dos cursos de química, biologia e psicologia.	Abordagem sócio-histórica	Entrevistas	Não especificado	Procedimentos estatísticos
Piñero Ramírez, S. L. (2012). Jóvenes universitarios: desigualdades socioculturales y diversidad de representaciones en torno a la	Estuda as representações sociais de estudantes de enfermagem e medicina sobre sua profissão.	Abordagem sócio-histórica	Questionário	Autopreenchimento	Análise de conteúdo

profissão					
Sales, A. C. M. & Chamon, E. M. Q. O. (2011). Escolha da carreira e processo de construção da identidade profissional docente	Análise fatores envolvidos na escolha da profissão e na construção da identidade profissional docente.	Abordagem sócio-histórica	Questionários	Autopreenchimento	Procedimentos estatísticos
Spindola, T., Santiago, M. M. A, Martins, E. R. C. & Francisco, M. T. R. (2011). The meaning of the profession to students beginning a Nursing undergraduate course	Descrição do significado da profissão para estudantes do primeiro período do curso de graduação em Enfermagem.	Curso de enfermagem	Questionários	Autopreenchimento	Análise de conteúdo

Vários estudos se articulam ao redor do conceito de identidade, muitas vezes sem defini-lo, como se se tratasse de uma noção autoevidente, que teria o mesmo significado em diferentes contextos teóricos da psicologia. O termo “identidade” adquire diferentes sentidos no interior de diferentes contextos teóricos, portanto devemos compreendê-lo vinculado à concepção de homem subjacente a cada perspectiva teórica, o que segundo Bleger (1963/1989) nem sempre é claramente assumido pelos autores.

O fato de a identidade ser discutida por pesquisadores de diferentes formações (administradores, educadores, enfermeiros, médicos e psicólogos) talvez esteja relacionado ao mercado de trabalho cada vez mais exigente e competitivo no qual estamos inseridos, em que as opções profissionais são muitas, assim como as informações que podem tanto ajudar como atrapalhar o jovem em sua escolha de curso. Nesse sentido, a orientação profissional seria vista como uma forma de conciliar características pessoais do sujeito às de

uma determinada profissão, o que permitiria uma coerência entre a identidade pessoal e profissional. Porém nem sempre tais escolhas parecem ser coerentes.

Nessa perspectiva as representações sociais que os jovens têm da profissão deveriam ser consideradas ao se estudar a escolha profissional. Tais representações expressariam necessidades, vontades e projetos de jovens que se encontram em determinados espaços socioeconômicos e culturais, e os posicionaria frente às suas escolhas profissionais (Piñero Ramírez, 2012; Dias & Soares, 2012 e Spindola et al., 2011).

Nas pesquisas apresentadas na tabela 8, a escolha profissional estaria relacionada à construção de uma identidade profissional que permitiria as pessoas se reconhecerem dentro de seu ambiente e superarem suas dificuldades (Davies et. al., 2013; Piñero Ramírez, 2012; Sales & Chamon, 2011; D'Avila et al., 2011e Oliveira & Melo-Silva, 2010). Tais dificuldades giram ao redor de experiências de exclusão do mercado de trabalho, de oportunidades de ascensão social e econômica e de reconhecimento dentro da comunidade e da família (Castro & Bicalho, 2013 e Oliveira & Melo-Silva, 2010).

Dessa maneira o ingresso na universidade parece vir carregado de significados de autorrealização, autonomia econômica e status social construídos no viver da pessoa. A escolha profissional tornar-se-ia, deste modo, o coroamento de um processo de diferenciação social, que vai além de projetos profissionais. A trajetória acadêmica seria atravessada por

expectativas de construção de identidade profissional que atenda a prescrições políticas, econômicas, sociais e familiares.

Segundo Bleger (1963/1989) a psicologia estuda condutas e o faz considerando-a como processo dinâmico que leva em conta a personalidade e o contexto social do qual a pessoa faz parte. Não discutimos a questão da identidade, mas não podemos ignorar os trabalhos relacionados ao tema. Seus resultados são ricos ao identificar, descrever e até quantificar experiências de exclusão social e as idealizações ao redor das profissões, que caracterizamos como conduta blegeriana. Por trás dos dados apresentados nessas pesquisas encontram-se descrições precisas e minuciosas de sofrimentos pelos quais nossos jovens, mas não apenas eles, passam cotidianamente. Notamos também que tais resultados evidenciam condutas (Bleger 1968/1989) e que algumas pesquisas (Castro & Bicalho, 2013 e D'Avila et al., 2011) acabam por se aproximar dos campos que contingenciam tais condutas.

A busca por “ser alguém” e “ingressar no mundo” (D'Avila et al., 2011) revelam justamente a sensação de não ser ninguém e de viver fora do mundo, ou sentir-se como um “lixo” e ser “burro” (Castro & Bicalho, 2013). Tais expressões, fortes sem dúvida, nos remete a uma intensa experiência de sofrimento em que as pessoas não se sentem vivas ou reais, e a sua tentativa de superar tal situação. Isso nos remete aos conceitos de verdadeiro e falso *self* de Winnicott (1960), e à busca pela superação da sensação de não existir (Winnicott, 1971b). A profissão nesses casos pode justamente funcionar como um amparo ou uma defesa para quem tem dificuldade em sentir-se pleno, íntegro e vivo de forma criativa e espontânea.

A escolha profissional está numa encruzilhada em que se encontram possibilidades e exigências do trabalho, enquanto fenômeno social, com aspirações e necessidades do indivíduo. A sofisticação do mercado de trabalho abriu novas possibilidades para o exercício do trabalho e nem sempre as informações a respeito de profissões e campo de trabalho são claras para os estudantes do ensino médio. O desenvolvimento de pesquisas focadas na orientação profissional tem entre seus objetivos oferecer tais informações e buscar as melhores possibilidades para cada estudante.

Como vimos, a tarefa não é simples, pois além da grande oferta de profissões, o estudante tem de lidar com o contexto social, econômico, político e familiar em que está inserido. Isso muitas vezes diminui as possibilidades de escolhas, que acabam se tornando escolhas possíveis.

Isso nos leva a refletir sobre o ensino superior. Recentemente nosso país passou por grandes transformações socioeconômicas o que permitiu que camadas menos favorecidas da população que não tinham acesso ao ensino superior passassem a vislumbrar tal possibilidade. Tal fato ainda não pode ser considerado como o coroamento do processo de democratização do ensino superior, já que as desigualdades persistem principalmente no acesso às universidades públicas e na qualidade de ensino oferecida. Os mecanismos de exclusão são outros e o mercado de trabalho torna-se cada vez mais exigente e rigoroso na escolha de mão de obra qualificada, selecionando e excluindo os que consideram menos preparados.

A constituição do *self* (Winnicott, 1960) deve ser levada em conta no processo de escolha profissional. Estudantes com dificuldades em sentirem-se

reais, plenos e espontâneos podem buscar na profissão um meio de inserir-se no meio social e sentir-se pertencentes a ele. Consideramos esse um problema que deve ser estudado com cuidado, pois a chance de pessoas nessa situação sentirem-se deslocadas e infelizes na vida acadêmica e/ou profissional e desenvolverem doenças aumenta bastante.

Tal situação leva a uma experiência de sofrimento, que poderia ser minimizada se oferecêssemos cuidados psicoprofiláticos a quem se encontra em tal estado. Por isso estudamos a escolha profissional, considerando-a como conduta (Bleger, 1963/1989) que emerge de um campo de sentido afetivo emocional. Metodologicamente estamos baseados no uso do método psicanalítico, que se sustenta na busca por fenômenos concretos e humanamente produzidos nas narrativas autobiográficas.

Capítulo 3

ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

A presente pesquisa objetiva investigar o imaginário coletivo de estudantes de psicologia sobre o curso que escolheram por meio do estudo psicanalítico de memoriais, vale dizer narrativas autobiográficas, concebidas como conduta. Tal estudo consiste, basicamente, em abordar tais comunicações tendo em vista produzir interpretativamente campos de sentido afetivo-emocional ou inconscientes relativos. Este capítulo é dividido em duas partes principais, a primeira parte apresenta o uso que fazemos do método psicanalítico em pesquisas empíricas e discute temas importantes para o desenvolvimento desta tese, como: Método e enquadramento, Método psicanalítico em pesquisas empíricas, Narrativas como condutas, Imaginários coletivos e Campos de sentido afetivo-emocional.

A segunda parte consiste na apresentação de como operacionalizamos o uso do método psicanalítico em pesquisas empíricas em nosso Grupo de Pesquisa. Aqui são apresentados os procedimentos investigativos de acesso, apresentação e interpretação das comunicações dos participantes. Vale destacar que, nesses procedimentos, usamos a atenção flutuante e a associação livre como método de pesquisa, cultivando nesse momento, o desapego em relação a teorias. Já no procedimento de interlocuções reflexivas ocorre a articulação entre nossos achados e o pensamento de autores que contribuem para nossa compreensão sobre o que encontramos em nossa pesquisa.

1 - Pressupostos e conceitos fundamentais

Em nosso grupo de pesquisa, adotamos uma perspectiva que privilegia a dimensão metodológica da psicanálise, consideramos toda manifestação humana como conduta (Bleger, 1963/1989) e partimos do pressuposto de que toda conduta é passível de compreensão.

Adotando a perspectiva concreta politzeriana Aiello-Vaisberg (1999a) que afirma que não existem fenômenos desprovidos de sentido e que, para compreendê-los, devemos nos remeter à biografia e ao drama vital de cada um.

Outra observação importante a ser feita é não esquecer que o homem é um ser social, que vive coletivamente e em condições específicas; portanto, para compreender o fenômeno humano, devemos levar em consideração a dinâmica social e coletiva de sua existência.

A proposta epistemológica e metodológica de José Bleger (1922-1972), influenciada pela psicologia concreta de Georges Politzer (1903-1942), defende que a psicologia deve estudar seres humanos reais em situações concretas, evitando conceitos abstratos como mente, alma ou espírito por exemplo. O objeto de estudo da psicologia são as manifestações humanas concretas, considerando seu ambiente, sua condição social e experiências vividas.

Bleger (1963/1984) denomina tais manifestações como conduta, ressaltando que sua expressão se dá em três áreas diferentes: a área um, mental ou simbólica; a área dois, relacionada ao corpo; e a área três, que corresponde ao meio ambiente. Toda conduta envolve as três áreas, e

qualquer psicologia que não as considere afastam e isolam o homem de sua experiência concreta. O conceito de conduta corresponde a uma proposta metodológica que se vale de recortes e enquadramentos para abordar fenômenos humanos concretos.

O pressuposto, de que a conduta é passível de compreensão, retoma a convicção de Freud (1900) de que os sintomas, assim como os sonhos e atos-falhos podem ser interpretados. Para Bleger (1963/1984) todo acontecimento humano é conduta, e seu sentido está relacionado às condições que permitem seu surgimento. Nessa proposta, o homem é caracterizado por sua condição de ser social, pela qual só chega a ser humano pela incorporação e organização de experiências com os demais indivíduos.

O sentido da conduta não pode ser atribuído a uma relação simplista de causa e efeito, sendo impossível considerá-la isoladamente do contexto que condiciona seu surgimento e das condições interatuantes em um dado momento (Bleger, 1963/1984). Não há como compreender seu sentido se não levarmos em conta tais aspectos, entretanto, nem sempre nos damos conta disso e seu sentido permanece inconsciente, o que exige a aplicação do método psicanalítico para estudá-la e compreendê-la (Aiello-Vaisberg & Machado, 2000).

Método e enquadramento

A ideia de psicanálise e método se relacionam profundamente. Laplanche e Pontalis (1967) definem o verbete psicanálise a partir de três pontos de vista, para eles a psicanálise é:

A) Um método de investigação que consiste essencialmente em evidenciar o significado inconsciente das palavras, das ações, das produções imaginárias (sonhos, fantasias, delírios) de um sujeito. Esse método baseia-se principalmente nas associações livres do sujeito, que são a garantia da validade da interpretação. A interpretação psicanalítica pode estender-se a produções humanas para as quais não se dispõe de associações livres. B) Um método psicoterápico baseado nessa investigação e especificado pela interpretação controlada da resistência, da transferência e do desejo. O emprego da psicanálise como sinônimo de tratamento psicanalítico está ligado a esse sentido; exemplo: começar uma psicanálise (ou análise). C) Um conjunto de teorias psicológicas e psicopatológicas em que são sistematizados os dados introduzidos pelo método psicanalítico de investigação e de tratamento (Laplanche & Pontalis, 1967, p.385 grifos nossos).

A palavra método aparece nas três definições, que estão intimamente ligadas entre si: método de investigação, método psicoterápico e teorias psicológicas baseadas no método psicanalítico. No verbete de Laplanche e Pontalis (1967), a ordem em que são colocadas as definições, de certa forma, reproduz o percurso freudiano, que, inicialmente investiga o fenômeno histórico, para num segundo momento propor a psicoterapia e, por fim, organizar uma teoria psicológica.

Bleger (1963/1984) se propõe a discutir método no contexto da psicanálise, reconhecendo sua dificuldade, já que a questão metodológica durante muito tempo foi, e ainda é, considerada a partir do modelo cartesiano e positivista que isola o sujeito de seu objeto de pesquisa. Tal cisão foi fundamental para o desenvolvimento das ciências naturais, que lidam com regularidades e previsibilidades e trouxe grandes benefícios ao homem. Porém, a aplicação direta e automática de princípios cartesianos aos fenômenos humanos objetivam e naturalizam o homem, operando de modo abstrato a partir do qual não se produz conhecimento dramático sobre fenômenos subjetivos de caráter inter-humano.

Na perspectiva positivista, o método é uma forma de controlar variáveis que interferem no entendimento objetivo do fenômeno. A psicologia tradicional, na busca por reconhecimento científico, aplica métodos e técnicas das ciências naturais sobre fenômenos humanos. A consequência de tal prática é a adoção de conceitos abstratos e distantes da experiência humana concreta. Isso nos obriga a refletir a respeito dos aspectos metodológicos adequados às ciências humanas.

A proposta de Bleger (1958,1963/1984) parte dessa necessidade e baseia-se na crítica da clivagem metodológica, presente na psicologia tradicional, que a seu ver, fragmenta e dilui o processo unitário e dialético da experiência (Bleger, 1963). Teorias e métodos que se constituem deste modo permitem o cultivo de coerência e organização, mas se tornam cada vez mais distantes dos fenômenos que se propõem estudar.

Para delimitar uma perspectiva metodológica adequada à psicologia concreta, Bleger propõe o conceito de *enquadramento da conduta*. Tal proposta promove um recorte metodológico da conduta, que leva em conta: 1) o processo dialético dos fenômenos num determinado setor e 2) os distintos esquemas referenciais empregados na investigação e sistematização teórica dos fenômenos estudados (Bleger, 1963/1984).

A esse respeito Bleger (1963/1984) faz uma observação que tem consequências metodológicas importantes, sustentando que:

“(...) no campo científico, o que decide a validade de um instrumento não é a filiação da ideologia que implica e sim sua correta situação no processo dialético dos fenômenos, com a qual, de imediato, entra a enriquecer a dialética e a enriquecer-se com ela” (Bleger, 1963/1984, p. 93).

O enquadramento insere o investigador na realidade social e relacional do objeto que estuda, o que faz da pesquisa uma experiência compartilhada. O enquadramento rigoroso permite ao investigador se posicionar dialeticamente em relação aos fenômenos que estuda. Difere, em seus efeitos, do que ocorre com escolas ou correntes psicológicas, que partem unilateralmente de suas convicções para enquadrar e manter seu objeto de estudo coerente com seus pressupostos. Tal raciocínio, de natureza tautológica, foi um dos pontos de partida de Herrmann (1979) para defender que a psicanálise é um método antes de ser uma teoria.

Assumindo a importância metodológica do enquadramento blegeriano, direcionaremos nossa atenção ao enquadramento dramático porque: 1) adequa-se ao nosso material de pesquisa, 2) baseia-se na narrativa e 3) retoma-a claramente, em termos que se articulam essencialmente à obra de Politzer (1928/2004).

O enquadramento dramático estuda o que temos definido como uma *dimensão* da conduta, vale dizer a experiência emocional, enquanto acontecer humano, sempre potencialmente compreensível (Aiello-Vaisberg, 1999a). Essa posição não implica afirmar que todas as condutas humanas são transparentemente compreensíveis, mas que, mesmo quando aparentemente bizarras ou absurdas, derivam de motivos e razões humanas, que podem estar ocultos, ou seja, não conscientes. Buscar a compreensão da experiência emocional, imaginários coletivos e campos de sentido afetivo emocional vale dizer, da conduta em primeira pessoa, implica abdicar de reducionismos de natureza fisiológica, físico-química ou mitológica: os fatos psicológicos devem ser estudados em toda sua amplitude e para tal devemos considerar o drama a partir das condições que lhe contingenciam.

Poltzer (1928/2004) entende o drama como a expressão do acontecer humano vivido e relatado na primeira pessoa. Somente a partir das narrativas de experiências da própria pessoa é que se pode encontrar o sentido de seu sofrimento e angústia. O drama implica o homem na totalidade de suas experiências, sendo o centro de uma série de acontecimentos vividos. A seu ver:

“É o *sentido* relacionado a uma primeira pessoa que distingue radicalmente o fato psicológico de todos os outros fatos da natureza. Enfim, a *originalidade do fato psicológico é dada pela própria existência de um plano propriamente humano e da vida dramática do indivíduo que nela se desenrola.*” (Poltzer, 1928/2004, pág. 187)

Sem dúvida nenhuma, esse foi o diferencial do pensamento freudiano derivado, desde o início do atendimento a pacientes histéricas. Para Poltzer (1928/2004), o brilhantismo da psicanálise freudiana reside justamente na valorização do drama e na consideração de que cada narrativa é significativa e passível de ser compreendida. Tais características, somadas ao método de associação livre e atenção flutuante, constituem o enquadramento dramático blegeriano, criando os recortes metodológicos necessários para o estudo da conduta, a partir dos quais surgem os conceitos metodológicos de experiência emocional e campos de sentido afetivo-emocionais. Partindo desses pressupostos podemos apresentar a forma como usamos a psicanálise em pesquisas empíricas.

Método Psicanalítico em Pesquisas Empíricas

Como dissemos anteriormente, o modelo positivista busca o controle experimental das situações de pesquisa a fim de evitar que a subjetividade do pesquisador interfira nos resultados. A procura pela objetividade visa estabelecer relações causais que regulam a ocorrência dos eventos e sua expressão através de leis gerais e matemáticas, daí a preferência por pesquisas quantitativas e seu sucesso nas ciências exatas e biológicas. Porém a aplicação direta desse raciocínio para as ciências humanas e, portanto para a

psicologia, faz algumas exigências no sentido de encaixar o fenômeno humano em categorias já conhecidas e delimitadas experimentalmente (Aiello-Fernandes, 2013).

A partir do século XX, a maior organização de movimentos sociais, sindicais, feministas, entre outros, na reivindicação por seus direitos explicitou que minorias não eram reconhecidas socialmente e destacou que pesquisas positivistas não davam conta de problemas humanos por não considerá-los em toda sua amplitude. Para se compreender a experiência humana, há de se levar em conta seus contextos vinculares, sociais, econômicos, históricos e culturais. Nessa perspectiva, se desenvolvem as pesquisas qualitativas, que abrangem um conjunto rico e diferenciado de propostas de produção de conhecimento.

As pesquisas quantitativas positivistas são eficientes em produzir dados generalizantes, que possibilitam uma visão ampla sobre os fenômenos estudados, mas não dão a mesma atenção às singularidades. Dessa forma as contradições da experiência humana são desconsideradas, o que nos leva a questionar a aplicação direta da metodologia positivista em pesquisas realizadas nas ciências humanas. A complexidade, o conflito e a ambiguidade constituem dialeticamente a condição humana (Bleger, 1958) e qualquer metodologia que os desconsidere afasta-se de fenômenos concretos e mergulha em abstrações (Poltzer, 1928/2004). Por isso precisamos dedicar maior atenção para as possibilidades oferecidas pelas pesquisas qualitativas.

Várias abordagens metodológicas são utilizadas em pesquisas qualitativas, cada uma de acordo com os próprios recortes utilizados para

organizar sua compreensão: etnografia, fenomenologia, pesquisa-ação, análise de conteúdo entre outras (Denzin & Lincoln, 2005). Tal fato, longe de ser um problema, dá a dimensão e amplitude dos temas a serem estudados pelas ciências humanas. Entre nós, autores como Turato (2003) admitem que a psicanálise seria uma perspectiva capaz de fazer aportes qualitativos significativos.

Apesar disso Aiello-Fernandes (2013) destaca a presença tímida da psicanálise como abordagem metodológica de pesquisa qualitativa em periódicos internacionais dedicados ao tema. O autor atribui tal fato aos próprios psicanalistas, que muitas vezes identificam a psicanálise apenas como um conjunto de teorias instituídas o que, a seu ver, dificulta o uso da psicanálise em seu potencial heurístico e metodológico.

A obra de Herrmann (1979, 2004) oferece reflexões importantes sobre a natureza da psicanálise que podem fundamentar as pesquisas empíricas psicanalíticas. Segundo seu ponto de vista a psicanálise é fundamentalmente um método de investigação baseado na atenção flutuante e na associação livre. O autor parte da prática clínica de Freud (1900) que consistia na aplicação desse método à narrativa de seus pacientes, que posteriormente eram elaboradas interpretativamente. Segundo Herrmann (1989), devemos valorizar a práxis freudiana enquanto psicanalistas e também como pesquisadores. Em outras palavras, por que não aplicar o método psicanalítico em pesquisas empíricas?

As pesquisas psicanalíticas nem sempre valorizam o aspecto metodológico da produção freudiana. Segundo Herrmann (1989), a pesquisa

psicanalítica no contexto acadêmico apresentam três tipos de produção: os estudos teóricos sobre textos psicanalíticos, as pesquisas positivistas sobre temas psicanalíticos e trabalhos que usam o método psicanalítico. Nosso grupo de pesquisa realiza pesquisas utilizando o terceiro tipo de produção descrito por Herrmann (1989). Isso se deve ao fato de que julgamos o método psicanalítico dotado de uma potencialidade heurística formidável, capaz de produzir conhecimento sobre o humano, dentro e fora de situações de atendimento, sempre que quisermos pesquisar a conduta humana como drama.

Ao tomar a prática de Freud (1900) como referência, retomamos seu ponto de partida em cada atendimento, ou seja, propor ao paciente que falasse o que ocorresse em sua mente evitando qualquer tipo de censura, por mais que a ideia parecesse sem sentido e/ou absurda. Essa é a regra fundamental da psicanálise e vale também para o analista que escuta a narrativa de seu paciente em estado de atenção flutuante e associa livremente sobre as manifestações que se dão no decorrer do encontro analítico.

Politzer (1928/2004) enxergou virtudes na psicanálise como prática que permitia a expressão em primeira pessoa, através de narrativas e que não se apressava em capturar o acontecer em teorias pré-existentes. Entretanto considerou que seu potencial passou a correr risco de se perder, de não se realizar na medida em que o posicionamento inicial de Freud se modificou. Para Aiello-Vaisberg (1999a), Politzer não condena o método psicanalítico, mas sua abstração metapsicológica que nega as condições socioculturais concretas.

Bleger (1969) apresenta contribuições interessantes para tal questão adotando o ponto de vista epistemológico em *Teoría y practica em psicoanalysis - La práxis psicoanalítica*. Para ele:

(...) la teoría psicoanalítica - está fundamentalmente construida sobre un enfoque históricogenético, dinámico y de acuerdo com la lógica formal, mientras que la práctica psicoanalítica se realiza dentro de la relación transferencial-contratransferencial en una situación configurada como campo analítico como un “aquí y ahora”, dentro de una explicación dramática y en processo dialéctico. Bleger (1969)

Segundo Bleger (1969), a prática clínica da psicanálise nem sempre coincide com suas postulações teóricas e metapsicológicas. Para ele, a teoria psicanalítica está estruturada sobre os princípios da lógica formal e seu desenvolvimento prático responde à lógica dialética. Em algumas situações, isso compromete a capacidade da psicanálise de se apresentar como um método de pesquisa empírica, já que o psicanalista/pesquisador deve adequar os dados de sua pesquisa à metapsicologia psicanalítica formal. Como as contradições dialéticas presentes na prática não encontram espaço no contexto metapsicológico, parte das pesquisas em psicanálise são mais focadas em seus próprios textos e/ou ligadas a metodologia positivista.

Para Bleger (1969) a prática clínica psicanalítica é cheia de contradições e negar tal fato ou não levá-lo em consideração, além de ser ineficaz, compromete o desenvolvimento científico, por torná-lo convencional e distante da espontaneidade do acontecer humano. Para o autor: “Tomar conocimiento

de estas disparidades significa um esclarecimiento importante que de por sí puede llevar a desarrollos teóricos y prácticos más ajustados o correctos.” (Bleger, 1969). Os comentários de Bleger são sobre a prática clínica, mas é perceptível que ele não a compreende de forma dissociada da pesquisa, da epistemologia e do método. Trata-se, portanto, de um ponto de partida importante para pensarmos sobre as pesquisas empíricas que fazem uso da psicanálise.

As discrepâncias entre a prática e a teoria se aprofundam à medida que o trabalho psicanalítico se baseia nos fenômenos transferenciais e contratransferenciais, que tornam nossa prática eminentemente dramática e vincular (Bleger, 1969). Vale a pena nos debruçarmos brevemente sobre o conceito de transferência e suas implicações para a pesquisa empírica psicanalítica. Partimos da definição clássica de Laplanche & Pontalis (1967). Para eles o termo designa:

(...) o processo pelo qual os desejos inconscientes se actualizam sobre determinados objectos no quadro de um certo tipo de relação estabelecida com eles e, eminentemente, no quadro da relação analítica. (Laplanche & Pontalis, 1967, p. 668)

Mesmo numa definição comprometida com a linguagem freudiana, o enfoque da transferência se dá a partir das relações que se estabelecem entre analista e analisando no contexto analítico. Roudinesco e Plon (1998) traçam um breve percurso do conceito em vários autores importantes na psicanálise e a importância da perspectiva relacional é encontrada nas diversas compreensões da transferência.

O conceito de transferência chama a atenção de Freud (1901-1905) desde o início de sua produção psicanalítica. No pós-escrito do caso Dora afirma que tropeçou na transferência, o que abreviou a duração do tratamento. Essa experiência reforçou sua hipótese que estava frente a uma resistência e o levou a produzir artigos dedicados exclusivamente ao tema como, por exemplo, *A dinâmica da transferência* (1911-1915 [1914]), um de seus artigos técnicos.

A dificuldade encontrada por Freud no manejo transferencial do caso Dora fez com que ele adotasse posições técnicas para lidar com tais situações. Podemos atribuir tal atitude a uma tentativa de controlar melhor a transferência, o que o aproximou da metapsicologia, mas o distanciou do drama. A institucionalização da psicanálise e os rompimentos com alguns de seus seguidores mais próximos, Adler e Jung, contribuíram ainda mais para seu apego teórico à especulação metapsicológica.

Ao tratar da transferência, Greenberg & Mitchell (1994) observam que seu manejo explicita problemas sobre a importância das relações objetais na psicanálise. Para eles, Freud desenvolveu sua teoria baseado no conceito de pulsão, que relaciona todas as atividades humanas, inclusive as mentais à natureza biológica do homem. Para eles todas:

(...) as facetas da personalidade e da psicopatologia são compreendidas essencialmente como uma função, um derivado das pulsões. Assim, para resolver o problema das relações objetais e, ao mesmo tempo, manter intacta a teoria pulsional requer-se a derivação das relações com os outros e das representações internas dessas relações pelo indivíduo como

vicissitudes das pulsões propriamente ditas. (Greenberg & Mitchell, 1994, p. XIII)

A derivação das relações transferenciais para a teoria pulsional destacada por Greenberg & Mitchell (1994) são exatamente o alvo das críticas à psicologia abstrata formulada por Politzer (1928/2004) e Bleger (1958,1963/1984, 1969).

A leitura de Greenberg & Mitchell (1994) sobre a importância das relações objetais vai ao encontro da psicologia concreta. Para eles deve-se fazer a substituição do modelo pulsional por uma abordagem “*na qual as relações com os outros constituem-se nos blocos de construção fundamentais da vida mental*” (Greenberg & Mitchell, 1994, p. XIII). Ainda que não concordemos com a metáfora de construção ao nos referirmos à vida mental, a proposta de Greenberg & Mitchell (1994) oferece condições para refletirmos sobre nossa prática enquanto psicanalistas e pesquisadores empíricos que usam o método psicanalítico e chegar a algumas conclusões, entre elas a de que não é possível descartar os fenômenos transferenciais em pesquisas psicanalíticas.

Herrmann (1979) avança na discussão sobre a transferência ao considerá-la um princípio ordenador intersubjetivo que cria condições para interpretar ou criar/encontrar campos de sentido afetivo-emocionais. Para ele:

Ao dar privilégio especial a tal linha de significados possíveis, tomando-a como fio condutor da interpretação, estarei valorizando

o fato de que o dito foi dito aqui e agora, e dito a mim. (Herrmann, 1979, p. 88)

Além de valorizar uma perspectiva próxima à psicologia concreta de Politzer (1928/2004), Herrmann (1979) considera que a percepção do analista é participante e comprometida com as emoções que ocorrem na interação com o analisando. Para ele

(...) a emoção é uma forma de percepção e não existe percepção de objeto neutra para servir de comparação à apreensão emocional do objeto, visão correta para opor-se à distorcida (Herrmann, 1979, p. 88).

Para exemplificar, Herrmann (1979) afirma que não conhecemos o ódio em si mesmo, mas sim o ódio a alguém, o que nos vincula ao outro.

Tal fato tem implicações na organização metodológica de pesquisas empíricas psicanalíticas. Os fenômenos que estudamos são selecionados e tornam-se alvo de nossa atenção na medida em que despertam emoções em nós e são submetidos a um ordenamento de sentido baseado nos vínculos intersubjetivos que estabelecemos com eles. Se desejarmos usar o método psicanalítico em pesquisas empíricas, devemos configurar nossa pesquisa considerando tais aspectos.

Os fenômenos transferenciais dão concretude à experiência emocional no momento em que ocorrem no contexto analítico e, nesse sentido, buscar por aspectos histórico-genéticos afastam o analista da experiência vivida naquele exato momento, o que acarreta em um distanciamento entre

analista/analizando. Ao reconhecer tal situação, valorizamos a relação vincular como procedimento clínico adequado para nos aproximar do paciente. Assim nos acercamos do enquadramento dramático da conduta (Bleger, 1963/1989), que promove um corte metodológico levando em conta o processo dialético num determinado setor e os esquemas referenciais e teóricos empregados na pesquisa.

O presente estudo utiliza o enquadramento dramático da conduta por pesquisar narrativas, que nos afetaram emocionalmente frente às experiências relatadas. Partimos da definição de Herrmann (1979) de que a emoção e a transferência são elementos organizadores da experiência e a tomamos em consideração. Nesse sentido as pesquisas empíricas psicanalíticas se opõem radicalmente ao modelo positivista e se apresentam como uma estratégia viável e rigorosa para o estudo do acontecer humano.

A nosso ver, ao usarmos a psicanálise como método, contribuímos de forma inovadora em pesquisas acadêmicas. A proposta de Herrmann (1979, 1989, 2001 e 2007) de que o método precede a teoria psicanalítica nos desobriga a aderir a uma ou outra teoria psicanalítica *a priori* e nos coloca numa posição disponível para deixar que o novo surja. Esse é exatamente o procedimento adotado pelo psicanalista clínico em estado de atenção flutuante e de associação livre, que Aiello-Fernandes (2014) bem coloca:

A nosso ver, viabiliza uma articulação verdadeiramente fecunda com a pesquisa universitária, uma vez que essa última se define exatamente pelo cultivo de liberdade para rejeitar antigas ideias quando novos conhecimentos colocarem-nas em xeque. Trata-se,

em suma, de combater modos submissos de lidar com o já estabelecido (Aiello-Fernandes, 2014, p. 53).

Para viabilizar nossas pesquisas empíricas, mediante o uso da psicanálise enquanto método de estudo de fenômenos concretos, temos organizado nosso percurso de trabalho distinguindo diferentes procedimentos investigativos, sempre calcados na atenção flutuante, na associação de ideias e na valorização da transferência, no intuito de facilitar a comunicação com pesquisadores qualitativos que adotam outras abordagens teóricas, sem risco de deixarmos de ser compreendidos pelos psicanalistas. Deter-nos-emos na descrição desses procedimentos na segunda parte deste capítulo.

Como se verá, enquadramos dramaticamente os fenômenos em estudo, criando recortes metodológicos necessários, no âmbito dos quais surgem, como conceitos fundamentais, do presente trabalho, as noções de imaginário coletivo e de campos de sentido afetivo-emocional.

Narrativas como condutas

A presente pesquisa se insere num conjunto de investigações sobre imaginários coletivos, nas quais a visão de grupos sobre fenômenos humanos variados têm sido feita. Uma grande parte desses estudos organizou-se metodologicamente a partir do uso do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema.

O procedimento Desenho-Estórias com Tema busca criar um ambiente facilitador da comunicação emocional e brincante. Segundo Aiello-Vaisberg, Machado e Ambrósio (2003), trata-se de um procedimento apresentativo-

expressivo que propõe ao participante realizar um desenho sobre o tema a ser estudado e que posteriormente elabore uma história sobre seu desenho. Ele é usado como um mediador dialógico, análogo ao Jogo do Rabisco (Winnicott, 1971c), e também pode ser considerado como forma sofisticada de brincar, servindo de suporte para a expressão subjetiva. Tal procedimento não é rígido, mas exige maleabilidade por parte do psicólogo na adaptação às necessidades dos participantes e do momento.

A proposta de utilizar recursos dialógicos como parte dos procedimentos investigativos tem sido usada em nossas pesquisas a partir de outros mediadores, como filmes e documentários (Chinália, 2012), narrativas transferenciais (Aiello-Vaisberg & Machado, 2005), narrativas interativas (Granato, Corbett, & Aiello-Vaisberg, 2011), narrativas ficcionais (Corbett, 2014), dramatizações (Zia, 2012), fotografias (Simões, 2012), e músicas (Corbett, Figueiredo & Aiello-Vaisberg, 2013); (Oliveira & Aiello-Vaisberg, 2013); (Leão & Aiello-Vaisberg, 2014); (Figueiredo & Aiello-Vaisberg, 2014) e (Silva & Aiello-Vaisberg, 2014).

Esses materiais são aparentemente bastante variados, mas guardam uma característica comum: todas são narrativas que expressam a dramática do viver. Quando alguém inventa uma história diante de uma fotografia ou quando desenha uma pessoa com dificuldades sexuais (Martins, 2007) para depois inventar uma história, o participante produz uma narrativa, porque um desenho, em si, já é um texto narrativo, não discursivo, mas gráfico.

Então todos esses recursos têm natureza narrativa. Em nosso caso utilizamos memoriais que consistem em narrativas autobiográficas inicialmente

elaboradas em um contexto pedagógico. Para nós o importante é reafirmar o uso do método psicanalítico nas narrativas.

A posição metodológica e epistemológica de Bleger (1958, 1963/1989) de que toda atividade humana é conduta, sustenta nosso uso da psicanálise concreta e contextualiza nossas interpretações a partir das condições das experiências narradas.

O uso do método psicanalítico consiste na produção interpretativa de campos de sentido afetivo-emocionais por intermédio de uma “atitude acolhedora, receptiva e aberta à comunicação emocional do paciente no cultivo de uma forma especial de atenção ao acontecer presente” (Corbett, 2014, p.48). Essa é nossa perspectiva frente às narrativas autobiográficas.

Aiello-Vaisberg & Machado (2007) se propõem a discutir o uso das narrativas em pesquisas qualitativas, enquanto psicanalistas e pesquisadoras, a partir da “adoção de um posicionamento epistemológico que considera que o uso rigoroso do método psicanalítico exige a adoção de uma perspectiva fenomenológica em campo intersubjetivo” (Aiello-Vaisberg & Machado, 2007, p. 32).

Em outro texto, as mesmas autoras afirmam que ao usarmos narrativas, afastamo-nos do positivismo empirista ingênuo que acredita em dados brutos e independentes da relação com o pesquisador (Aiello-Vaisberg & Machado, 2005). A presença do pesquisador não deve ser considerada como um ruído inevitável que distorce o verdadeiro e o real, pois tal presença não é exterior, mas integra o próprio fenômeno.

A esse respeito, afirma Gallo-Belluzzo (2011), a partir de um olhar blegeriano, que:

(...) não lidamos com a observação, controle ou mensuração dos fatos, nem deciframos conteúdos ocultos para enunciar sentenças interpretativas, mas lidamos com a emergência de sentidos emocionais, considerando que tanto as verbalizações quanto os gestos são manifestações da conduta humana (Gallo-Belluzzo, 2011, p. 53).

Para Politzer (1928/2004) o narrar faz parte do modo humano de viver. A pesquisa qualitativa em geral, e a pesquisa qualitativa psicanalítica, em particular, interessadas em significações e sentidos das ações humanas, lidam inevitavelmente com materiais de natureza narrativa, já que são esses os que expressam o drama, a experiência em primeira pessoa.

Segundo ele “o ato do indivíduo concreto é a *vida*, mas a vida singular do indivíduo singular, isto é, a *vida no sentido dramático do termo*” (Politzer, 1928/2004, p. 67). Para compreendermos o sentido dramático do fato psicológico, são necessários materiais para seu esclarecimento. Mas que materiais são esses? Como obtê-los? Segundo o filósofo, a resposta é simples: o ato psicológico só pode ser esclarecido “pelos materiais que o sujeito fornece na narrativa³” (Politzer, 1928/2004, p. 85). Exatamente a prática freudiana.

³ Aqui uma observação se faz necessária. O termo utilizado na tradução brasileira da obra de Politzer (1928) é relato. Na publicação original em francês o termo utilizado é *récit*, que pode ser traduzido por narração, narrativa ou relato. Optamos por utilizar o termo narrativa, que será utilizado de agora em diante por questões metodológicas relacionadas às produções de nosso grupo de pesquisa.

Toda narrativa (*récit*) corresponde a uma intencionalidade significativa do ponto de vista do narrador e a uma intenção compreensiva por parte do outro (Poltzer, 1928/2004). Portanto é na relação com o outro que o sujeito significa e organiza sentidos para suas experiências: esse é justamente o vínculo que se estabelece no contexto psicanalítico. Os conteúdos dramáticos revelariam objetivamente suas características concretas por intermédio da comunicação da experiência, sendo que comunicação também é, em si mesma, uma experiência. Considerando a visão politzeriana, afirma Corbett (2014):

(...) o fato psicológico não é apenas um segmento da dramática humana, é este segmento tal como é narrado a alguém. O relato dá, assim, concretude à experiência narrada, constituindo um material objetivo sobre o qual o psicólogo pode se debruçar. É a partir deste primeiro relato – o do paciente – que o psicanalista pode produzir um segundo, que consiste num aprofundamento do primeiro, num movimento de ligação do fato psicológico à vida concreta do seu autor, denominado interpretação (Corbett, 2014, p.46).

O drama é conhecido pelo outro através da mediação da narrativa (Poltzer, 1928/2004) e, para que o psicólogo possa interpretar o drama do indivíduo, ele tem necessariamente de recorrer a mediações, ou organizações de sentido relacionadas à sua própria vida dramática. (Riemenschneider, Simões, Chinália, & Aiello-Vaisberg, 2012). As narrativas são condutas da área três, produtos do drama, do viver das pessoas (Bleger, 1963/1989) e devemos

evitar tratá-las como meros relatórios desprovidos de capacidade de ser uma comunicação emocional no sentido winnicottiano do termo.

Para Bleger (1963/1984), a comunicação condiciona reciprocamente condutas interpessoais e sociais, de forma conscientemente intencional ou não, mas nem sempre nos damos conta de sua intencionalidade. Ao escrever as narrativas, os participantes priorizaram determinadas situações que remeteram a outros eventos, lembranças e experiências. Isso constitui a narrativa em si como uma experiência emocional (Aiello-Vaisberg & Machado, 2005) e permite que a consideremos a partir de sua natureza psicanalítica, já que os autores se utilizaram da associação livre e da atenção flutuante em sua produção. Por esse motivo não buscamos nas narrativas um retrato fiel da vida da pessoa, mas sim favorecer a emergência dos significados emocionais, e os dramas envolvidos nas experiências emocionais.

Reconhecemos nos memoriais aqui apresentados elementos que os constituem como narrativas e como condutas de comunicação, nas quais podemos aplicar o enquadramento dramático, para estudar o imaginário coletivo de estudantes de psicologia sobre o curso.

Imaginários coletivos

O conceito de imaginário é muito usado atualmente – tanto que no SciELO Regional aparece, hoje, como palavra-chave em português em 34 artigos; em inglês, *collective imaginary*, em 75 ;e em espanhol, *imaginario colectivo*, em 50. O termo tornou-se muito usado na filosofia e ciências humanas, no século XX e XXI, e seu significado varia de acordo com o contexto teórico.

Para Sartre (1940), por exemplo, a consciência imaginante, por vezes corrupta, em sua incapacidade de captar o objeto real, produziria uma imagem sobre o objeto percebido. Ainda na filosofia, mais recentemente, destaca-se a obra de Charles Taylor (2003), que propõe que através do imaginário social, histórias, mitos e imagens são compartilhados por uma sociedade, promovendo práticas comuns, que são amplamente investidas de sentido e de legitimidade para as pessoas que compõem aquela sociedade. Na sociologia, destaca-se, na atualidade, o francês Mafessoli (2013), para quem o imaginário equivaleria a uma atmosfera ou a um estado de espírito de um grupo.

No campo da psicologia, são diversos os autores que fazem uso do termo “imaginário”, cada um de forma particular. Nos textos lacanianos, por exemplo, o imaginário é compreendido como algo que permite que a criança consiga criar imaginariamente uma imagem de si própria a partir da imagem do outro, até que acesse o real em relação às suas funções motoras. Lacan (1966) refere-se ao imaginário como o lugar do eu por excelência, marcado por ilusões e faltas. Nos textos junguianos (Durand, 1996), o imaginário é compreendido como algo que emerge de um inconsciente universal, produtor de símbolos, que não sofreria influência do contexto histórico e cultural vivido por cada um.

Para o filósofo e psicanalista Castoriadis (1975) e seus discípulos, dentre os quais se destaca Giusti-Desprairies (2004), o imaginário é concebido como produtor de significações e valores que estão encarnados nas instituições.

Como vimos, os significados e usos do termo imaginário são diversos, por isso consideramos importante precisar nossa perspectiva para o estudo de

imaginários coletivos. Isso nos leva a definir o contexto teórico para o qual usamos o termo.

Para nos afastarmos da condição abstrata da psicologia criticada por Politzer (1928/2004), adotamos a proposta de Bleger (1958,1963/1989) de que o conceito de conduta deve ocupar lugar central numa psicanálise que se queira verdadeiramente concreta e próxima ao acontecer humano.

Para nós o método psicanalítico estuda condutas, considerando-as como drama que se expressam narrativamente – lembrando que nem todas as narrativas são verbais. Para Bleger (1963/1989) a conduta molar é uma totalidade organizada de manifestações humanas que têm: 1) motivação ou causas que a determinam; 2) finalidade, ou seja, resolver as tensões produzidas pela motivação; 3) possuem um objeto ou fim, que é sempre um vínculo ou uma relação interpessoal; 4) possui um sentido que pode ser compreendido, e 5) tem estrutura.

Ainda para Bleger (1963/1989) toda conduta emerge de campos relacionais que se configuram intersubjetivamente no mundo humano. Portanto para estudarmos as condutas devemos levar em conta as condições concretas que lhes contingenciam, como os aspectos sociais, econômicos, culturais, políticos e históricos.

Quando falamos em imaginário coletivo nos referimos a um tipo particular de conduta, que não está restrito apenas a atividades imaginativas, mas a práticas que geram produtos concretos e procedimentos que constituem o ambiente humano. Assim as manifestações do imaginário coletivo podem se

expressar segundo modos simbólicos (área 1), corporais (área 2) ou como modos de atuação no mundo externo (área 3).

Dessa forma os imaginários coletivos conformam ambientes humanos e configuram mundos vivenciais, que dialeticamente produz novos campos de sentido afetivo-emocional, levando a organização de novas condutas. Os campos de sentido afetivo-emocional são inconscientes relativos por se constituírem como substratos afetivo-emocionais dos quais emergem as manifestações nas três áreas da conduta.

Nessa perspectiva, o inconsciente não é concebido como uma instância intrapsíquica baseada no recalque, mas como existente nas relações interpessoais e baseado em registros sensíveis e pré-reflexivos. (Aiello-Vaisberg & Machado, 2008). Portanto, a investigação psicanalítica do imaginário coletivo de determinado grupo implica na produção interpretativa dos campos de sentido afetivo emocional ou inconscientes relativos a partir dos quais a conduta emerge (Ambrósio, Aiello-Fernandes & Aiello-Vaisberg, 2013 e Aiello-Vaisberg, 1999a).

Campos de sentido afetivo-emocional

O conceito de campo se espalhou na América Latina por meio da contribuição do casal Baranger (1961-62), casal de franceses importante para o desenvolvimento da psicanálise nos países latinos. Bernardi (2009), em artigo sobre a obra do casal Baranger, relata que Pichón-Rivière foi leitor de pensadores franceses como Merleau-Ponty e Daniel Lagache. Para Bernardi (2009) a concepção fenomenológica da mente, corpo e alma foram importantes

influências na obra de José Bleger. Como sabemos, outro autor de tradição francesa que foi fundamental no pensamento blegeriano foi Politzer.

Desse caldeirão de influências, emerge a preocupação metodológica e epistemológica por parte dos Baranger (1961-62) e de Bleger (1963/1989) em busca da valorização da psicanálise a partir de seus próprios princípios. A teoria dos campos é fruto da preocupação metodológica desses autores e influencia pesquisas psicanalíticas até hoje⁴.

Para Bleger (1963/1989) o estudo da conduta deve situá-la em relação às condições que a contingenciam. Trata-se de uma necessidade metodológica que visa reduzir a amplitude dos fenômenos estudados, que o leva a definir campo como “a situação total, considerada em *um dado momento*, quer dizer, é um corte hipotético e transversal da situação”. (Bleger, 1963/1989, p. 37).

Bleger (1963/1989) parte dos estudos de K. Lewin para enfatizar que os fatos coexistentes presentes no conceito de campo são mutuamente independentes e não podem ser considerados isoladamente. Isso dá características dinâmicas ao campo que permanentemente se reestrutura e se modifica.

Toda manifestação da conduta se dá num campo e neste há duas substruturas a se considerar: o campo ambiental e o campo psicológico. O primeiro se constitui pelas condições e acontecimentos em que a conduta ocorre, e o segundo pela configuração particular que o campo tem para o sujeito ou grupo naquele momento. Dentro do campo psicológico e formando

⁴ Além de nossas pesquisas Antonino Ferro, um bioniano que frequenta Winnicott, desenvolve sua obra usando o conceito de campo.

parte dele, há o campo da consciência, que é a configuração que tem o campo ambiental para a conduta consciente do sujeito. (Bleger, 1963/1989)

Tal formulação deixa implícito que o campo da consciência é uma parte pequena do campo psicológico, e que este “não se acha constituído somente pelo conjunto de experiências que aparecem conscientemente” (Bleger, 1963/1989, p. 38).

Herrmann (1979) entende o campo como uma generalização do conceito de inconsciente, que não concebe como repositório de representações ou faculdade psíquica, numa perspectiva clássica, mas sim como avesso de relações intersubjetivas, plasmadas na coexistência vincular que se pauta sob regras lógico-emocionais não aparentes. Nesse sentido, aproxima-se da proposta de Greenberg & Mitchell (1994), que consideram a existência humana de natureza essencialmente vincular, baseado no paradigma estrutural-relacional, segundo o qual as relações, interações e mediações com o outro são elementos fundamentais na construção da vida mental. Para os autores, a abordagem relacional:

“(...) explora o relacionamento entre pessoas reais externas e imagens e resíduos internos relacionados com elas e o significado de tais resíduos para o funcionamento psíquico.” (Greenberg & Mitchell, 1994, p. 7).

Voltando ao pensamento de Herrmann (1979), “*deixar que surja*” é a esperança de que o sentido da experiência virá da narrativa do paciente, de suas palavras e das conotações emocionais que veiculam. O “*tomar em consideração*” surge como ponto de partida em direção ao campo,

demandando que o psicanalista/pesquisador se mantenha suficientemente aberto para associar livremente (Herrmann, 2004). Tais atitudes se dão no contexto relacional e vincular, não há como “*deixar surgir*” e “*tomar em consideração*” sozinho. O campo de sentido afetivo-emocional é “criado/encontrado” quando, por fim, chegamos a propor uma forma específica de compreensão da manifestação, como emergente de um campo configurado segundo certas regras, crenças ou percepções. Evidentemente, como fruto de um processo interpretativo, todo campo tem sempre caráter transitório e inconcluso, pois novos olhares podem gerar novas percepções.

Algumas considerações devem ser feitas sobre a posição de Herrmann sobre a interpretação e a que adotamos em nosso grupo de pesquisa. A definição de interpretação de Herrmann (1979, 2004) visa proporcionar uma ruptura de campo, através do enunciado de sentenças interpretativas, o que não ocorre em nossa compreensão.

Consideramos o método psicanalítico interpretativo, porque pressupomos que toda conduta humana é compreensível, portanto interpretável. Interpretamos na pesquisa buscando campos de sentido afetivo-emocional nos fenômenos que estudamos. Na clínica, trabalhamos com o *holding* buscando criar/encontrar os campos para poder exercer uma forma de sustentação que atenda as necessidades emocionais do paciente.

O método produz interpretações, cria/encontra campos de sentido afetivo-emocionais, que na pesquisa apresentamos ao leitor, e na clínica, segundo o estilo Ser e Fazer, contribuem para que o holding seja apresentado desse ou daquele modo.

Corbett (2014) resume bem a relação que estabelecemos entre produção de conhecimento psicanalítico, interpretação e campos de sentido afetivo-emocionais. Para ela a perspectiva da psicanálise como método “consiste na criação/encontro de sentidos que é vivenciada pelo pesquisador, quando habita o campo transferencial em que se dá o encontro com os participantes – sejam eles pessoas concretas ou produções humanas, tais como os desenhos, as histórias, as obras de arte e tantas outras” (Corbett, 2014, p.48).

2 - Procedimentos Investigativos na Pesquisa Psicanalítica

O desejo de estabelecer interlocução com pesquisadores qualitativos que usam outras abordagens teóricas, para estudar o acontecer humano, nos levou a propor a operacionalização do método psicanalítico em termos de procedimentos investigativos claramente identificáveis.

Levando em conta os pressupostos do método psicanalítico, Ambrosio, Aiello-Fernandes e Aiello-Vaisberg (2013) preocuparam-se em bem definir uma forma de operacionalização que vem sendo utilizada pelos integrantes de nosso grupo de pesquisa. Os autores formalizam nesse texto de natureza metodológica a operacionalização do método, que teve início há quase duas décadas. Vale notar que, ao fazê-lo, lograram manter coerentes as linhas gerais que subjazem ao método psicanalítico: a associação livre e a atenção equiflutuante. Como bem expressa Aiello-Fernandes (2014), na pesquisa: “o uso do método psicanalítico exige a adoção de técnicas e procedimentos

investigativos que, visando à produção de campos de sentido afetivo-emocional, devem seguir as linhas gerais do método” (Aiello-Fernandes, 2014, p. 66).

Esses procedimentos favorecem a expressão do drama, tendo o método psicanalítico como fundamento e permitem exercitar a arte de bem fazer pesquisas empíricas psicanalíticas. Para tal, distinguimos quatro tipos de procedimentos investigativos, que se apresentam como tarefas a serem cumpridas pelo pesquisador: procedimento de configuração do acontecer pesquisado, procedimento de registro do acontecer pesquisado, procedimento de interpretação do acontecer pesquisado e procedimento de interlocução reflexiva sobre o acontecer pesquisado.

Os três primeiros se referem efetivamente ao uso do método psicanalítico e pressupõem o cultivo da atenção flutuante e associação de ideias por parte do pesquisador, que adota uma postura fenomenológica frente ao acontecimento humano e concreto, que se propõe a estudar. Já no procedimento de interlocução reflexiva, retomamos conhecimentos teóricos que estiveram “suspensos” para dialogar com diferentes obras e autores, num movimento de repensar nossas interpretações (que, como sabemos, são os campos criados/encontrados).

O procedimento de configuração do acontecer clínico visa colocar o pesquisador em contato com o fenômeno que pretende pesquisar – e isso pode se dar de diferentes modos, por meio de entrevistas, com ou sem recursos mediadores, ou por meio de estudos de materiais culturais como filmes ou canções. Agora, há outros tipos de material: documentários centrados em

entrevistas e textos autobiográficos. O próprio Freud (1911) produziu um estudo clássico sobre a paranoia através da autobiografia de Schreber.

O procedimento de configuração do acontecer cínico visa criar recursos mediadores dialógicos que favoreçam a expressão do drama, ao mesmo tempo em que permite o enquadre metodológico que favorece o estudo do tema proposto. O Procedimento Desenho-Estória com Tema (Aiello-Vaisberg, 1999a), que consiste na produção de um desenho temático e na invenção de uma história a ele relacionado, é nossa referência para a configuração do acontecer pesquisado. O caráter lúdico e dialógico desse procedimento insere tanto o pesquisador quanto o participante no universo brincante, que permite a substituição de questões e respostas conceituais pela expressão dramática que envolve ambos naquela situação.

Não existe a preocupação com o fato de as histórias e ideias que surgem a partir do uso desse procedimento ser “certa” ou “errada”. O que nos interessa é o fato de elas abrem a “possibilidade de um jogo que revela que as representações são montagens e construções que não levam em conta apenas informação intelectualmente confiável como também e principalmente interesses afetivo-emocionais inconscientes” (Aiello-Vaisberg, 1999a, p. 91).

Tal situação implica a possibilidade de usar inúmeros recursos para se realizar pesquisas empíricas psicanalíticas. Em nosso grupo de pesquisa já utilizamos vários recursos dialógicos, que surgiram a partir do Desenho-Estória com Tema, entre eles destacamos as entrevistas (Aiello-Fernandes, 2014), perguntas imaginativas (Fialho, Aiello-Fernandes, Montezi & Aiello-Vaisberg, 2012), fotografias (Simões, 2012) e dramatizações (Zia, 2012), sempre usando

o método psicanalítico, conforme abordamos ao nos referirmos aos campos de sentido afetivo-emocionais.

Sejam quais forem os recursos utilizados, o que deve ser garantido nos procedimentos de configuração do acontecer pesquisado é o encontro inter-humano e o uso do método psicanalítico para ter acesso ao drama pessoal. Os encontros podem ser diretos com os participantes, através de suas obras ou produções como desenhos-estórias com tema, ou na criação de novas possibilidades que garantam tal encontro.

Na pesquisa com imaginários coletivos trabalhamos com a personalidade coletiva, que podemos encontrar através de procedimentos individuais ou coletivos, uma vez que na perspectiva blegeriana não se considera a conduta isolada de suas condições concretas. Algumas das produções do nosso grupo utilizaram entrevistas individuais (Tachibana, 2011), outras fizeram entrevistas coletivas (Gallo-Belluzzo, 2013, 2011); (Zia, 2012) e ainda houve uma pesquisa que usou entrevistas individuais e coletivas (Simões, 2012).

Esses trabalhos organizaram-se ao redor de recursos mediativos como entrevistas, desenhos-estória com tema e dramatizações e fotografias, que se configuraram como acontecer humano. Usualmente, em pesquisas empíricas, os mediadores facilitam a expressão do fenômeno estudado e permitem seu registro, porém muitas vezes no contexto privado com o pesquisador ou entrevistador.

Nas pesquisas baseadas em filmes-documentários e autobiografias temos uma situação diferente, em que a configuração e o registro do acontecer

humano são o próprio material investigado. Os documentários e as autobiografias nascem já abertos destinados a múltiplas exibições para muitas plateias, ou para múltiplos leitores.

Tal abertura ao leitor é que tornam as autobiografias encontros inter-humanos. Cabe lembrar que as autobiográficas, no contexto blegeriano, são condutas em que há preponderância da área 3, ou seja, trata-se da expressão do fenômeno através da atuação no meio externo (Bleger, 1963/1989) . Por essa razão elas foram usadas como procedimento de configuração do acontecer pesquisado.

Na realização de pesquisas empíricas qualitativas, devemos nos preocupar em como registrar os fenômenos que estudamos. A questão torna-se mais complexa se levarmos em conta que algumas formas de encontro com o acontecer pesquisado são em si mesmas evanescentes.

O registro permite a objetivação do acontecer inter-humano, tornando-a uma obra que permite sua localização dentro das condições concretas que a viabilizaram. Nesse sentido, os recursos mediadores, como o Desenho-Estória com Tema são particularmente ricos por possibilitarem ao pesquisador o acesso permanente ao encontro inter-humano.

Uma forma de registro tem sido bastante usada em nosso grupo de pesquisa, as narrativas transferenciais (Aiello-Vaisberg, Machado, & Ambrosio, 2003) e (Aiello-Vaisberg & Machado, 2005), uma forma sofisticada de registro. O modelo é análogo ao utilizado nos contextos de supervisão ou de discussões clínicas em que o analista, engajado na produção de conhecimento, redige

outra narrativa comunicando o que se passou no encontro supervisionado ou discutido (Corbett, 2014). Para a autora a produção de conhecimento científico relevante sobre o fenômeno humano provoca a criação de várias outras narrativas num movimento contínuo de interlocução, que permite outra compreensão sobre o tema abordado, assim como o surgimento de novas questões, dúvidas e novos temas de pesquisa (Corbett, 2014).

Tais formas de registro não devem ser confundidas com um relatório nem com uma busca por objetividade, mas sim um registro que se faz a partir do método psicanalítico, estabelecendo uma relação entre acontecer inter-humano e campos de sentido afetivo-emocional (Aiello-Vaisberg, 1999a).

Quando trabalhamos fora das entrevistas, não necessitamos pensar em procedimento de registro, porque a forma de acesso já é em si mesma um registro. Isso acontece quando trabalhamos, por exemplo, com um filme, que pode ser revisto, com uma canção, que pode ser reescutada, ou como em nosso caso com uma autobiografia, que pode ser relida.

Uma vez que temos o acontecer inter-humano e seu registro, cabe a nós pesquisadores interpretar os dados obtidos. O uso do método psicanalítico também é observado no procedimento de interpretação do acontecer pesquisado, em que buscamos criar/encontrar campos de sentido afetivo-emocionais subjacentes às manifestações dos participantes, cuja natureza é intersubjetiva, relacional. (Ambrosio, Aiello-Fernandes & Aiello-Vaisberg, 2013).

A sensibilidade do pesquisador é a mesma que a do psicanalista frente a seu paciente e suas sensações, seus sentimentos e suas percepções são

elementos importantes para interpretar seus achados. Nesse sentido, o pesquisador participa tanto da pesquisa quanto os outros participantes. Para Aiello-Vaisberg e Machado (2007) essa é uma das características do método psicanalítico compreendido de modo ampliado, que considera que em todo e qualquer acontecer humano inclui “inevitavelmente a presença do investigador como dimensão a ser instrumentalizada, utilizada e não evitada, como meio e não obstáculo” (Aiello-Vaisberg & Machado, 2007, p. 38).

Recapitulando a operacionalização do método psicanalítico em pesquisas empíricas qualitativas: há o material, que emerge numa entrevista ou se constituiu como uma autobiografia, que é o procedimento de configuração/acesso ao acontecer pesquisado. Caso o acontecer se apresente de modo evanescente, como numa entrevista, precisamos fazer seu registro, já no caso de autobiografias, elas são o próprio registro. No procedimento de interpretação, buscamos criar/encontrar interpretativamente campos ou inconscientes relativos, que definimos de modo minimalista. No procedimento de interlocuções reflexivas pensamos e conversamos com outros autores e suas teorias, sobre os campos que criamos/encontramos.

Procedimentos Investigativos da Presente Pesquisa

Operacionalizar os procedimentos investigativos exige rigor metodológico e atenção para o fenômeno estudado, o que nos obriga a levar em conta suas especificidades para fazer o melhor uso de nosso método. Em

nossa pesquisa destacamos que o acontecer inter-humano vem sob uma forma que já é um registro em si mesmo.

As narrativas autobiográficas são o registro do acontecer, que compreendemos como emergentes do campo inter-humano em que ocorrem, expressando dramas e experiências em contextos histórico, cultural, social, político e econômico específico. Levando tais aspectos em consideração, é possível fazer o enquadre dramático (Bleger, 1963/1984) sobre o registro e valorizar seus aspectos concretos (Politzer, 2004).

Estas narrativas são o nosso material de pesquisa, que em si mesmo atendem ao procedimento investigativo de configuração e registro do acontecer clínico pesquisado, em nosso estudo psicanalítico do imaginário coletivo de estudantes de psicologia sobre seu curso de graduação.

A leitura das narrativas foi feita sob o estado de atenção flutuante e de acolhimento a associações de ideias junto ao Grupo de Pesquisa: Atenção psicológica clínica em instituições: prevenção e intervenção - PUCCamp. Lendo-os dessa maneira, aplicamos o método psicanalítico de acordo com as atitudes descritas por Herrmann (1979): deixar que surja, tomar em consideração e completar a configuração de sentido, chegando dessa forma aos campos.

A operacionalização do método psicanalítico em pesquisas empíricas qualitativas, formalizada por Ambrósio, Aiello-Fernandes e Aiello-Vaisberg (2003), teve início há quase duas décadas (Aiello-Vaisberg, 1999a). Os procedimentos investigativos são parte importante desse esforço, por se

configurar concretamente como uma proposta para o uso do método psicanalítico em pesquisas.

O termo “uso do método” faz referência ao conceito de *uso do objeto* de Winnicott (1971a). A passagem da *relação de objeto* para o *uso do objeto* faz parte da mudança para o princípio da realidade. No primeiro caso, o sujeito se relaciona com o objeto a partir de suas necessidades subjetivas, através de projeções que efetuam certas alterações em seu *self* (eu), necessárias naquele momento o desenvolvimento de suas potencialidades. Já no uso, o objeto “é real no sentido de fazer parte da realidade compartilhada, e não um feixe de projeções” (Winnicott, 1971a, p. 123).

Nessa perspectiva, Aiello-Vaisberg (1999b) reflete sobre as relações entre teoria e prática em psicologia clínica e suas implicações na realização de pesquisas empíricas psicanalíticas. A teoria deve ser considerada como um objeto, que devemos destruir “enquanto verdade reificada, na mente do estudioso, para que se possa vir a alcançar a capacidade de um uso inventivo” (Aiello-Vaisberg, 1999b, p. 92-93).

Tal destruição permite que se chegue a “uma pragmática que, criando condições de possibilidade de um inegável ganho de liberdade de movimentos, permitirá, acredito, estarmos melhor preparados para os questionamentos éticos que serão os balizadores fundamentais do crescimento científico” (Aiello-Vaisberg, 1999b, p. 92-93).

Nesse momento de nosso percurso metodológico, nos distanciamos um pouco do acontecer vincular para nos aproximar de teorias que contribuem com

nossa pesquisa. Ou seja, deixamos momentaneamente a associação livre e a atenção flutuante, que adotamos até agora, para dialogar com autores que compartilham do método da psicanálise, e que possam auxiliar na compreensão dos fenômenos que estudamos.

Essa é a proposta do procedimento investigativo de Interloquções Reflexivas, que é apresentado após produzirmos interpretativamente os campos de sentido afetivo-emocional, examinando-os criticamente. Corbett (2014) é clara e objetiva ao comentar este procedimento:

Por esta razão, cabe pensar no trabalho intelectual aqui desenvolvido como interlocução reflexiva, pois se trata justamente de entabular conversações com o objetivo de refletir tanto sobre significados e sentidos do imaginário coletivo, como também de não perder de vista as condições de sua emergência, a partir de campos relacionais, humanamente produzidos em contextos sociais, culturais, históricos e geopolíticos específicos. (Corbett, 2014, p. 69).

Para Corbett (2014) a criação/encontro de campos de sentido e sua interlocução com a literatura científica dão sustentação a produção de teorias locais que contribuem de forma rigorosa com o debate científico ao redor dos temas que estudamos.

Nas interlocuições reflexivas “pensamos com” outros autores, usando suas contribuições de forma respeitosa, mas não submissa, de modo crítico e criativo, procurando por desdobramentos que nossa pesquisa pode sugerir ou demandar.

Capítulo 4

NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS

As narrativas apresentadas a seguir foram publicadas no livro Memórias e experiências de alunos da primeira turma de um curso de psicologia (Riemenschneider & Aiello-Vaisberg, 2014) e são apresentadas aqui tal como estão no livro.

I

O mundo existe para ser lido. E eu o leio.

Nasci em julho de 1991. Morei no Brasil até completar três anos de idade, e em 1994 meus pais fixaram residência nos Estados Unidos, país em que me adaptei rapidamente, apesar de todas as mudanças. Encantei-me com as novas descobertas como: neve, costumes, língua e tudo que o país oferecia de melhor.

Nesta tenra idade, minha mãe iniciou minha alfabetização, em português, enquanto uma prima americana ensinava-me a do meu novo país. Aos cinco anos, fui matriculada em minha primeira escola americana, e aprendi a ler em ambas as línguas. Foi quando me apaixonei perdidamente pelos livros, pois eles têm muito a nos ensinar.

O tempo é um rio... E os livros são os barcos. Muitos volumes navegam por essas águas e acabam naufragados e irremediavelmente perdidos em suas areias. Pouquíssimos são aqueles que suportam os rigores do tempo e vivem para abençoar as épocas futuras. [s.n]

Depois fui transferida para um colégio dirigida por freiras onde fiz desde a 1ª até 3ª série. Regressei ao Brasil aos seis anos e fui matriculada numa escola particular onde refiz desde 2ª até 4ª séries, pois o ensino brasileiro difere muito da educação escolar americana. No ano de 2002 retornei aos Estados Unidos por conta de uma leve depressão que estava sofrendo. Segundo uma psicóloga era saudades de meu pai, que eu havia deixado.

Novamente ingressei em uma escola diferente, mas, para poder fazer a matrícula, tive de fazer uma prova de conhecimentos gerais, para poder entrar em uma série adequada. Minha nota foi boa, acima do esperado, então fui matriculada na 6ª série. Assim não me sentiria prejudicada intelectualmente.

Para a surpresa de todos, não me adaptei ao novo ambiente em que fui inserida. Na época tinha onze anos, mas minha sala continha alunos muito mais velhos que eu e alguns repetentes. Senti-me desajeitada, tímida com todos. Eu que antes fora extrovertida, agora me tornava introvertida e reclusa. Sofria com o bullying praticado pelos alunos. Por este motivo fui transferida para outro colégio onde a adaptação foi bem melhor, tanto com os alunos quanto os professores. Nessa escola descobri matérias para as quais tinha uma enorme aptidão, como: História, Geografia, Literatura Inglesa e Americana. “É na experiência da vida que o homem evolui.” (LEWIS, Harvey S.[s.d]).

Por problemas familiares tive de retornar ao Brasil no final de 2004, completando meus estudos da 6ª a 7ª séries numa escola e a 8ª série e o ensino médio em outra. Nesta última, além de ter adquirido novos conhecimentos e experiências, encontrei finalmente grandes amigos.

Comei a correr atrás de um grande sonho

Por ter amigos especiais, consegui me esforçar.

No caminho que andamos

Mesmo que sejamos bloqueados por uma grande barreira

Derrubando-a, não pararemos.

Em busca do sonho, nós seguiremos em frente.

Viveremos fortemente, somos jovens.

Não estou sozinho...

Animado eu avanço, porque depois disso,

Estarei eu! Junto com os amigos, sorrindo brilhantemente.

(The GazettE, 2003, tradução nossa.)

Desde pequena sou obsessiva por livros, músicas e filmes. A partir dos quinze anos fui descobrindo a cultura oriental. Aumentando meu repertório musical de rock para o Visual Kei, um subgênero do J-Rock (Japanese Rock). As músicas, os mangás e livros, a comida e cultura japonesa encantaram-me por ser totalmente diferente da minha.

Em matéria de livros, leio absolutamente tudo que me interessar. Desde os clássicos como: Vitor Hugo, Oscar Wilde, William Blake, William Shakespeare, Jane Austen, Margaret Mitchell, Elizabeth Gaskell, Nicolau Maquiavel, Thomas Hobbes, Fódor Dostoiévski, Charles Dickens, Mark Twain, Jules Verne, Emily Brontë. Além de outros renomados autores como: Mary Shelly, Sir Arthur Conan Doyle, Patrick Süskind, Anne Rice, Agatha Christie, Jostein Gaarder, Bram Stoker, Stephen King, C.S.Lewis, J.R.R. Tolkein, J.K. Rowling, Cornelia Funke, Christopher Paolini, Phillip Pullman, Dan Brown, Antonie de Saint-Exupéry, Olavo Bilac, H.P.Lovecraft, Lord Byron, Álvares de Azevedo etc.

Escolhi o curso de psicologia por vários problemas que tive no decorrer de minha trajetória escolar e gostaria de poder ajudar alunos que sofrem com problemas em desenvolvimento escolar.

TRÊS ANOS DEPOIS...

Três anos e meio já se passaram desde que escrevi este memorial. Parece que foi há tão mais tempo. Tantas coisas boas e ruins já se passaram. A bagagem de conhecimento só aumentou com o passar dos anos durante o curso. Tive oportunidade de enxergar coisas através de outras lentes, fiz diversas amizades e também perdi algumas.

Memórias são lembranças de fases de nossas vidas, misturadas a emoções que sentimos naquele momento. Escrever é uma arte que, ao decorrer do tempo, aprendemos a amestrar e aperfeiçoar. Não é uma tarefa fácil exprimir os seus pensamentos. Após ler o memorial, a primeira ideia que passou por mim foi modificá-lo totalmente. Talvez seja minha eterna mania de perfeccionismo, em querer mudar o que já foi feito.

II

Encontros e desencontros

Às vezes minha vida é como um romance, com encontros e desencontros, diferentes e variados afetos se misturam como tristeza, alegria, raiva, medo e angústia. Diria que são necessários até quando provocam confusão. Existem diferentes modos de se ver a vida, alguns diriam que as suas se assemelham à guerra, no entanto penso que guerras são injustas, desleais, uns ganham outros perdem, é desumano. Ao olhar para as turbulências que enfrentei até aqui, penso que sofri consequências de escolhas e, quando digo escolhas, me reconheço como responsável por atitudes e decisões que pratiquei sem tempo para lamentos. Aprendi, aprendo e aprenderei com todas as situações e, por mais que me incomode, me sinto viva frente às dificuldades. Não há nada melhor do que começar por minhas origens, sendo este um dos grandes motivos pelo qual fiz grandes movimentos de mudanças, incertos, porém necessários.

Neste momento o que me cativa é a sinceridade do romance que iniciei entrando na faculdade. Sinto-me na obrigação de fazer a faculdade valer a pena por inúmeros motivos, três dos quais quero colocar aqui. O primeiro é por ser negra; o segundo, por pertencer à classe média baixa; e o terceiro, pela família que tenho. De acordo com pesquisas da AFROBRAS, apenas 10% da população chegam ao curso de nível superior. Negros, pardos e indígenas atingem 2,7% desse número, talvez essa estatística ilustre um pouco do que sinto. Em relação a minha família, as palavras não dão conta disso. O que posso dizer é que meu sonho se tornou coletivo, todos o

abraçaram e fizeram dele um ideal. Sinto enorme gratidão por eles participarem de meus sonhos e por contribuírem na formação de meu caráter.

Tenho 23 anos, sou a quarta filha de cinco irmãos. Minha mãe é faxineira e meu pai pedreiro, somos naturais de uma pequena cidade do interior e mudamos para Poços antes de eu completar um ano de idade. Toda família de minha mãe se mudou, mas só me recordo de um fato com nitidez a partir dos relatos de minha mãe: a morte de minha avó materna. Consegui me organizar historicamente a partir daí, mas é estranho, porque quando fazem as contas dos anos de falecimento dela, tiram como base minha idade. Não gosto, mas tudo bem! Como disse, causa-me estranheza.

Na minha casa moram eu, meu pai e minha mãe, já meus irmãos seguiram seus rumos. Sou a primeira e por enquanto a única a ingressar na faculdade, o que me remete ao grande investimento feito por meus familiares. Todos se orgulham e todos esperam muito de mim, sou a “menina dos olhos”. Isso às vezes me assusta, mas entendo e espero retribuir pelo que fazem.

Na infância tive uma iniciação muito importante, o Recriança – Poços de Caldas. Trata-se de um projeto de complementação de carga horária escolar no contra turno da escola frequentada pelo aluno. Atendia a estudantes com idades entre 6 e 17 anos e seu lema era “Brincando e Aprendendo”. Frequentava uma unidade próxima a minha casa, e é de lá, de meu bairro, que trago recordações de infância.

Participei deste projeto por oito anos ou mais, não me recordo corretamente. Lá me tornei humana e sempre pude ser o que sou. Lá construí o que sou hoje, conhecendo as diferenças culturais, econômicas e históricas. Estou satisfeita em fazer este memorial por me fazer recordar “Recordar é viver, esquecer é morrer”.

O lema “Brincando e Aprendendo” era justo. Apreendi a fazer ponto cruz, molduras em gesso, tricô, crochê, cestas de feira com palha seca e jornal, além de fazer o dever de casa. Todas as atividades me interessavam, mas do que mais gostava era de fazer o “para casa”. Foi nesse período que descobri o prazer por estudar e aprender. Habitualmente ficava lá das 8 às 11 horas, tomava café da manhã e almoçava. Depois do almoço ia para a escola, situada próximo ao Recriança e a minha casa. Nessa escola estudei do pré-primário ao ensino médio, ou seja,

toda minha vida escolar. Como relatei minha rotina, percebe-se que de segunda a sexta não ficava em casa, e quem me orientava em relação ao conteúdo escolar era a professora da mesa de atividade escolar. Até hoje lembro seu nome.

Hoje percebo que desde muito nova fui exposta ao estudo e nessa fase aprendi a importância da conviver com os outros. Na adolescência a tendência ao isolamento era enorme, justamente pelo desenvolvimento normativo do ser humano, mas em casa, no seio familiar, me soltava. Lembro que ao fazer as tarefas domésticas, adorava escutar músicas em tons bem altos! Até hoje músicas me levam a lugares e momentos marcantes de minha vida.

Na adolescência, ia para escola de manhã e à tarde conciliava as tarefas de casa com cursos de informática, inglês e aulas de dança. Sempre quis garantir um aprendizado.

Nada acontece ao acaso. Hoje vejo que sempre busquei por novas experiências, tive força de vontade, resiliência e perseverança, mas talvez isso não bastasse sem o apoio dos meus pais. Sempre digo a eles que fizeram um bom trabalho ao cuidar de mim e dos meus irmãos. Todos deram seres humanos.

Ao terminar o ensino médio, senti-me acorrentada, acreditava que ao sair da escola poderia ingressar no ensino superior pelo projeto do governo federal. Tentei entrar na faculdade fazendo o ENEM e me inscrevendo no PROUNI por dois anos consecutivos. Enquanto tentava, trabalhava e me sentia distante de meu sonho. Trabalhei durante quatro anos e meio em uma empresa multinacional, e minha consciência não demorou muito para me alertar sobre minha situação trabalhista. Certa vez fiquei doente e a empresa pouco se importou. Óbvio! Mão de obra é boa quando dá lucro, e eu não estava dando. Passei a me questionar, será que não sou respeitada porque não tenho um diploma?

Vivemos em um país de grandes diferenças socioeconômicas e pessoas que não estudam são mal remuneradas e vulneráveis. Hoje compreendo que caráter vai além de diploma e ter os dois juntos é o que almejo agora. Enfim chegou o momento de escolher entre trabalhar e estudar, já não conseguia conciliar as duas atividades. Eu trabalhava com troca de turno, então a cada semana eu estava em um horário diferente, o que dificultava meus estudos. Aos olhos de outras pessoas parecia uma decisão difícil, mas não poderia abrir mão mais uma vez da oportunidade

de realizar um sonho. Hoje estou aqui escrevendo e me recordando, nem preciso dizer qual foi minha escolha então, né? Meus planos só aumentam porque sinto que estou no começo.

Agora, quanto à escolha por psicologia, ainda vou descobrir enquanto estudo. Não tenho e nem sei se terei uma resposta racional, mas posso dizer que ela me escolheu. Ou talvez seja recíproco.

TRÊS ANOS DEPOIS...

Fiquei emocionada ao ler o que escrevi há exatamente três anos e meio, bem no início do curso superior em 2010. Percebo que muitas mudanças ocorreram principalmente no discurso, este agora é voltado para as demandas da profissão e focado no que posso contribuir enquanto cidadã e profissional de psicologia.

Quando falo do meu ingresso na faculdade, recordo-me em específico de um dos vários diálogos que tive há pouco tempo com meus colegas universitários. Um dia conversando sobre nossa visível mudança, relatei como me sentia nesse momento da vida acadêmica, mais especificamente no 6º período, então disse: “No início da faculdade foi como se estivesse na beira de uma piscina esperando ser dada a largada; feito, mergulhei profundamente, a água representava então as teorias. Em alguns momentos não conseguia distinguir o que era meu e o que era fruto do investimento teórico, diria que me entreguei de tal forma a perder minhas características particulares, simbolicamente respirava teorias, comia teorias e transpirava teorias”. Relatando isso percebo que ao olhar essa situação de fora, fiz movimentos importantes, atravessei a nado e cheguei ao outro lado dessa piscina. Neste momento estou fazendo outro movimento, o de selecionar conteúdos que correspondam aos meus interesses vocacionais, profissionais e acima de tudo morais. Quando deixei de lado o que sou e me propus a labutar pelo conhecimento, desconstruí muitos padrões já estabelecidos, estereótipos, pré-conceitos, me despi, tarefa nem um pouco fácil, nem tão pouco impossível. Não quero dizer que estou pronta ou terminada, mas que fiz um movimento inicial necessário.

Compreendo neste memorial a importância do sujeito sócio histórico, como agente efetivo e não como espectador. Fui imponderada, falo de investimentos específicos, seja da escola que frequentei, da família que tenho, das pessoas do cotidiano que me deparei, fizeram função, fizeram a diferença, chamo de pessoas coautoras da minha história. Enfim, recordo-me com nitidez que fiz e continuo fazendo escolhas também. Assim é a vida, hoje escolhi investir e ser coautora de muitas outras histórias.

III

Escolhas não são em vão

Comecei a estudar cedo e com incentivo dos meus pais. Aos quatro anos fui matriculada em uma escolinha particular, era um colégio pequeno que só atendia à educação infantil. Lá fiz o jardim de infância e o pré-primário e lembro que participei do coral e de minha primeira apresentação de teatro. Recordo-me também de meu medo de nadar, que aumentou depois que caí na piscina da escola. Um dia espero superar esse medo.

*Mudei de escola quando passei para a primeira série e descobri um universo novo. Percebi que a primeira série exigiria muita dedicação o que fez que eu enxergasse o que viria pela frente no mundo do estudo. Recordo-me do texto *A Raposa e as Uvas de Esopo*, do dito popular “quem desdenha quer comprar”, em um livrinho chamado *Circo Pirulito*, que guardo até hoje. Nele estão diversas histórias com lições e vivências.*

Naquele ano aconteceu algo muito desagradável, minha mãe ficou doente e o médico pediu ao meu pai que mudasse de cidade, pois o clima quente não estava fazendo bem para minha mãe. Se ele quisesse que ela sobrevivesse ele teria que se mudar, desesperado resolveu procurar outra cidade, foi quando um amigo lhe indicou Poços de Caldas, por conta de seu clima agradável. Antes de o ano acabar, meu pai resolveu se mudar e com todo aquele corre-corre, não consegui concluir a primeira série. Ao chegar a Poços, meus pais tentaram matricular meu irmão e eu em uma escola, mas era difícil conseguir vaga nas instituições públicas. Uma

diretora se comprometeu a segurar duas vagas para o próximo ano, mas não poderia liberar que eu fizesse a primeira série. Eu acho que não custava nada ela ter aplicado uma prova, mas infelizmente ela não aceitou. Conclusão: tive que repetir a primeira série.

Apesar da dificuldade para se conseguir vagas em escola pública, a diretora de uma escola estadual, que sabia da história da minha mãe e de nossa mudança, reservou dois lugares para meu irmão e eu estudarmos. Porém a escola atendia alunos apenas até a quarta série, e tivemos que procurar outro local para estudar.

Foi uma correria procurar duas vagas em outra escola pública e foi em vão. Para que nem eu, nem meu irmão ficássemos sem estudar, meu pai nos matriculou em uma escola particular. Foi muito difícil para ele, mas, com muita luta, ali estudamos até a oitava série. Lá desenvolvi o gosto pela leitura: Otelo de Shakespeare e O pequeno príncipe de Antoine de Saint-Exupéry foram marcantes. Do último destaco minha passagem preferida:

“E as rosas estavam desapontadas. - Sois belas, mas vazias, disse ele ainda. Não se pode morrer por vós. Minha rosa, sem dúvida um transeunte qualquer pensaria que se parece convosco. Ela sozinha é, porém, mais importante que vós todas, pois foi a ela que eu reguei. Foi a ela que pus sob a redoma. Foi a ela que abriguei com o para-vento. Foi dela que eu matei as larvas (exceto duas ou três por causa das borboletas). Foi a ela que eu escutei queixar-se ou gabar-se, ou mesmo calar-se algumas vezes. É a minha rosa. E voltou, então, à raposa: - Adeus, disse ele... - Adeus, disse a raposa. Eis o meu segredo. É muito simples: só se vê bem com o coração. O essencial é invisível para os olhos”. (Saint-Exupéry – Capítulo XXI).

Também li diversos autores brasileiros, entre eles destaco Caio Fernando Abreu e seu o dom de escrever como se soubesse o que sentimos:

“Chorar por tudo que se perdeu, por tudo que apenas ameaçou e não chegou a ser, pelo que perdi de mim, pelo ontem morto, pelo hoje sujo, pelo amanhã que não existe, pelo muito que amei e não me amaram, pelo que tentei ser correto e

não foram comigo. Meu coração sangra com uma dor que não consigo comunicar a ninguém, recuso todos os toques e ignoro todas tentativas de aproximação. Tenho vergonha de gritar que esta dor é só minha, de pedir que me deixem em paz e só com ela, como um cão com seu osso. A única magia que existe é estarmos vivos e não entendermos nada disso. A única magia que existe é a nossa incompreensão”. (Caio F. Abreu - Lixo e Purpurina, conto).

Depois daquele período de quinta a oitava série na instituição particular, meu irmão e eu voltamos a estudar na escola estadual em que estudávamos antes, que agora passava a oferecer todas as séries e também o curso técnico de magistério. Comecei então a cursar o colegial normal mais o magistério, mas com o passar do tempo fiquei decepcionada com o curso de magistério e conclui somente o colegial.

Finalmente chegou a época de prestar o vestibular, eu queria fazer fisioterapia, pois afinal eu sempre gostei da área da saúde, de ajudar as pessoas. Cheguei a cursar um ano de fisioterapia, mas parei por não ter condições de pagar e por conta dos horários. Fiquei muito magoada com tal situação.

Nessa época acontece também algo muito triste em minha vida e de minha família: o falecimento repentino de meu irmão. Passei por um período muito difícil, desisti de meu sonho de concluir uma faculdade e precisei de tratamento psicológico. Hoje, dia 12 de junho, faz exatamente nove anos que ele faleceu. É uma data que ficará para sempre em minha história.

Após um período de tratamento, resolvi fazer um curso de teatro e trabalhar com evangelização de jovens, depois comecei a participar de trabalhos voluntários. O teatro me ajudou na desinibição, pois me isolei das pessoas e me tornei tímida em excesso. O trabalho voluntário me ajudou a interagir com as pessoas e a “nunca deixar de ouvir com outros olhos”. Foi então que resolvi voltar a fazer o vestibular e realizar meu sonho ter uma profissão! Queria voltar a cursar a Fisioterapia, mas não tinha condições financeiras. Tentei o vestibular para Nutrição e esperei dois anos para que se formasse uma turma, mas para minha tristeza essa turma nunca

se formou. Foi então que descobri que uma nova faculdade estava iniciando seus primeiros cursos em Poços. Enviei um e-mail para Belo Horizonte, sede da faculdade, e pedi para que trouxessem o curso de Psicologia. E qual a minha felicidade quando recebo um telefonema me avisando que o curso iria começar no meio do ano. Fiz a inscrição para o vestibular, mas a turma não se formou. Eu teria que esperar até Janeiro de 2010 para que novos interessados fizessem o vestibular. Depois de tanto esperar, veio o aviso que em breve começaria a fazer o meu almejado. Hoje estou aqui registrando este memorial com um pouquinho da minha vida escolar até a chegada do início da minha vida universitária. “Não podemos acrescentar dias à nossa vida, mas podemos acrescentar vida aos nossos dias”.

Creio que nenhuma de nossas escolhas é em vão, todas são importantes. As que não deram certo, só nos fazem aprender a não desistir, e as que começam a dar certo nos mostra um novo caminho, um novo rumo. Tenho certeza de que não escolhi à toa trabalhar com voluntariado (hoje trabalhando como doutora da alegria) e mais certeza ainda de estar hoje cursando a Psicologia. Estou no início dessa caminhada e tenho muito que aprender. “Quem caminha sozinho pode até chegar mais rápido, mas aquele que vai acompanhando, com certeza vai mais longe.” (Clarice Lispector).

TRÊS ANOS DEPOIS...

Dar continuidade a um memorial parece ser uma tarefa fácil, mas não é. Quando iniciei a faculdade no ano de 2010, tinha muitas expectativas relacionadas ao curso, às aulas, aos professores e ao andamento da instituição.

Tenho a sensação maravilhosa de estar crescendo na minha vida de estudante na graduação de Psicologia. Mês de maio de 2013, estou no quarto ano da faculdade escrevendo minha continuação do memorial. Quando escrevi a primeira parte, nem imaginava que ele poderia ser exposto e lido por alguém ou por outros alunos. Escrevendo agora o segundo momento desse

trabalho e olhando pra trás, percebo que vivi muitas coisas boas e más, tenho boas e tristes lembranças vividas nesse período de anos que trouxeram muitas experiências.

Como relembrar um pouquinho desses quatro anos em parágrafos? Neste momento me recordo do texto do jornalista Ivan Martins que descreve o sentimento como mar de emoções:

“Algumas vezes, tenho a impressão de que os sentimentos controlam a totalidade da nossa existência. A sua, a minha e a de todos os demais. Nessas ocasiões, a racionalidade me parece uma camada muito fina do que nos faz humanos. Sob a película da lógica e das palavras, move-se dentro de nós um mar de emoções que nos comanda - e, a despeito de nós mesmos, elege as nossas disputas e define as nossas afinidades.” (O mar de emoções - 08/05/2013 - Ivan Martins).

Desses quatro anos ficaram muitas lembranças boas, é como um mar de emoções. Início com agradecimentos que registram minha admiração pelos professores que passaram e deixaram sua marca em minha vida de estudante de graduação. Dentre vários nomes perdidos na lembrança, cada um com seu jeito de ensinar: aula e vida. Alguns dos professores ainda continuam essa jornada comigo e meus colegas de turma, nomes aqui pouco importam. Na minha memória são nomes simples e comuns que marcaram minha história e de meus colegas de turma.

Alguns desses professores me marcaram não só pela teoria em sala de aula, mas pela prática nos laboratórios de neuropsicofisiologia e o Sniffy, rato virtual utilizado para aulas de laboratório em Análise do Comportamento. Outros me revelaram um mundo além das paredes da faculdade, ampliando meus conhecimentos em congressos e/ou em centros culturais. Fizeram também com que eu pudesse ver a teoria aliada à prática nas linhas comportamental e psicodramática.

Acredito que essa fase de prática, aliada com teoria, é muito importante para o amadurecimento do aluno no ensino superior. A união entre aluno e professor fica maior,

crecem as oportunidades de interesse por áreas de conhecimento importantes para o aluno. Cabe ao futuro psicólogo escolher uma linha de atuação em sua profissão. O aluno precisa de norte e somente teoria não vai lhe trazer a comodidade que ele precisa para atuar.

Estudamos a linha comportamental e, dentro dessa vertente, a abordagem cognitiva comportamental, que poderia ter sido um pouco mais explorada. Tivemos contato com a psicanálise, o psicodrama e a psicologia humanista. Essa última deixou muito a desejar, pois o professor não seguia a mesma linha e sim a psicanálise. Espero que para o futuro, a faculdade se empenhe em colocar docentes especializados para cada área, porque assim com toda certeza poderemos admirar todas as áreas da psicologia sem distinção.

Algo que percebo em meu quarto ano é a discriminação por parte dos próprios colegas de turma, se temos que seguir uma linha teórica dentro da psicologia, que cada colega possa respeitar a escolha de cada um. Recordo de uma professora que disse em sala de aula, em relação à escolha da linha seguir: “não somos nós que escolhemos a linha que vamos seguir e sim ela que nos escolhe”. Aprendemos com a teoria, mas é a prática que irá nos conduzir àquilo que realmente faz jus ao nosso dom.

Até mesmo Freud, que admirando o trabalho de seu amigo Dr. Breuer, dentro da hipnose, não conseguiu com todo o seu saber a aplicar técnica. Logo, desistindo e criando sua própria teoria, pôde desenvolver o seu trabalho com tanto talento. Temos que buscar a linha na qual iremos desenvolver nosso dom. Independente se a maioria segue ou não uma linha, independente se o professor “x” é ou não é bom na área, temos que seguir a linha na qual conseguiremos nos identificar e poder usá-la de forma a nos fazer completos. Respeitando assim a escolha de cada um de nossos colegas como futuros profissionais, auxiliando com empenho e sabedoria aos nossos pacientes.

Quero deixar registrado, aqui no memorial, as belas amizades que fiz e que certamente ficarão para sempre. A cada colega de sala, uma história, uma vida, cada um com sua idade, suas vivências, alguns mais próximos, outros mais distantes. Com o passar dos anos outros se fizeram mais presentes. Os trabalhos em grupo, os seminários apresentados em sala de aula, a reunião dos grupos, os conflitos - colegas com afinidades, outros aversivos. Tudo foi e

continuará sendo um grande aprendiz. Estou aprendendo em sala de aula a conviver com os colegas e suas diferenças. Alguns saíram do curso, outros a vida se encarregou de nos afastar deixando grandes lembranças. Como dizia o poeta sobre a amizade:

“Mesmo que as pessoas mudem e suas vidas se reorganizem, os amigos devem ser amigos para sempre, mesmo que não tenham nada em comum, somente compartilhar as mesmas recordações. Pois boas lembranças são marcantes, e o que é marcante nunca se esquece! Uma grande amizade mesmo com o passar do tempo é cultivada assim!” (Vinícius de Moraes).

Quero ressaltar aqui minha participação como estagiária no projeto criado pela Secretaria de Saúde Municipal, conhecido por “Olá! Posso Ajudar”. O projeto visa humanizar o atendimento aos usuários da saúde pública. Recebíamos as pessoas nos locais propostos e tirávamos suas dúvidas, encaminhávamos para os locais certos. Para entrar no projeto eu e mais um grupo de jovens estudantes de outras instituições, passamos por um processo seletivo. Nesse projeto tive um contrato remunerado pela Prefeitura da cidade e permaneci por dois anos. Foi uma experiência muito especial, pois me proporcionou o convívio com pessoas em situação de doenças e patologias diversas.

Algo que também quero deixar registrado aqui neste memorial e que mencionei também no outro é a importância da terapia. Ela é fundamental e sem essa ajuda, a do autoconhecimento, vai ficar difícil encontrar-se dentro da psicologia. Como tratar o outro, se não conheço interiormente a mim mesma? Por tanto, se não começou sua terapia, comece!

Acredito que a terapia que fiz, por conta da situação pessoal pela qual passei, veio mostrar um caminho, que aliada ao teatro e ao trabalho voluntário que faço até hoje como doutora da Alegria, ajudou para que eu pudesse olhar de forma diferente para a área da saúde, especificamente para a área hospitalar. Aprendi a me conhecer, a me aceitar e a entender as outras pessoas e seu sofrimento.

Acredito que as memórias aqui registradas serão importantes para as turmas que estão e estarão crescendo pelo caminho. Elas vão perceber o quanto os alunos da primeira turma lutaram, sofreram com as dificuldades para serem aceitos. Lutamos muito pelo estágio e, na maioria das vezes, as portas foram fechadas. Acredito que faltando um ano e meio para eu e minha turma se formar, ainda possa vir a fazer o estágio e o projeto voltado para a área que escolhi.

Importante salientar aqui algo positivo e a importância da participação da primeira turma no evento que comemorou o dia do Psicólogo no mês de agosto do ano de 2012: o 1º Encontro de Alunos da Psicologia (EAPSI). Meus colegas de sala mobilizaram toda a primeira turma e organizaram o primeiro evento da faculdade voltado para a Psicologia com participação de professores e profissionais convidados que, com belas palestras, transmitiram conhecimento aos alunos presentes. Tenho a certeza de que esse evento foi uma semente lançada em solo fértil e terá continuidade através das novas turmas.

Sei que mesmo estando no quarto ano, ainda preciso aprender muito, ler muito. O bom profissional é aquele que sempre busca se reciclar continua estudando, se aprimorando sempre! Sabemos a dor e a delícia de sermos a primeira turma e ainda há muito para que: “continue a nadar!”.

IV

A senda essencial

Sou a filha mais velha de uma família de três irmãos. Meu pai é comerciante autônomo, que trabalha no Ceasa de Poços de Caldas e minha mãe é uma digna senhora do lar. Nasci em abril de 1989 em Poços de Caldas, MG. Até chegar a idade de minha vida escolar, sempre levei uma vida normal para uma criança: brincar, comer e dormir.

Em 1995, a rotina de minha vida começou a mudar quando eu entrei para a escola. Sempre procurei ser uma aluna dedicada aos estudos participando de todas as tarefas propostas pelos

professores. Em meio desses estudos, li o livro *O Pequeno Príncipe*, do qual uma frase me chamou a atenção: “*Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas*”. Pois esse trecho diz exatamente o que penso em relação às pessoas.

No ano de 2004, quando cheguei ao ensino médio, fui convidada a estagiar no INSS, na Procuradoria. Meus dias começaram a ficar cada vez mais corridos, pois paralela a essa vida de estagiária e estudante eu mantinha uma ligação com a Igreja, onde participava do JOC (Grupo de Jovens da Igreja Católica). Esse período foi muito intenso, participei das Experiências de Oração e tive contato com algumas passagens bíblicas, sendo que algumas me marcaram:

“Veio o anjo do Senhor e sentou-se debaixo de um carvalho que havia em Efra e pertencia a Joás, da família de Abiezer. Gedeão, seu filho, estava sacudindo e limpando o trigo na eira, para o esconder dos madianitas, quando o anjo do Senhor lhe apareceu e disse: “O Senhor está contigo, valente guerreiro!” (Bíblia Sagrada; Juizes 6,11-12).

“Vem a hora, e já chegou, em que vocês se espalharão, cada um para o seu lado, e me deixarão sozinho. Mas eu não estou sozinho, pois o Pai está comigo. Eu disse essas coisas para que vocês tenham a minha paz. Neste mundo vocês terão aflições, mais tenham coragem; eu venci o mundo”. (Bíblia Sagrada; João 16,32-33).

Ao concluir o ensino médio, em 2006, tive que sair do INSS, pois para continuar lá teria que fazer faculdade de Direito. Apesar de gostar do trabalho e das pessoas, é uma área para a qual não tenho muita afinidade. Em 2007, comecei o curso técnico em microinformática e quando estava no segundo período, fui convidada a estagiar como telefonista da escola até concluir o curso.

Em junho do ano seguinte, concluí o curso e passei a ser funcionária da escola, trabalhando como auxiliar de secretaria. 2009 foi um ano muito difícil, pois eu sentia a necessidade de estudar, mas não sabia o que fazer.

Hoje, juntamente com minha irmã, coordeno um grupo de Coroinhas, com crianças entre 5 e 12 anos, o que está ajudando a definir com que quero trabalhar: crianças.

Psicologia sempre foi uma área que me chamou a atenção e, quando foi anunciado um novo curso de Psicologia no período da noite, fiquei mais interessada. Não tenho um motivo concreto para a escolha do curso, mas quando surgiu a oportunidade, resolvi fazer o curso. E acredito que até o fim dessa empreitada irei encontrar o verdadeiro motivo da minha escolha.

O filme “Uma prova de amor” me motivou a optar em fazer o trabalho na área da Psicologia da Saúde, porque, acima de tudo, é necessário que as pessoas conheçam até onde vão os seus limites, sejam eles com fins físicos ou mentais.

TRÊS ANOS DEPOIS...

Eis que agora ecoa em meus pensamentos uma pergunta reflexiva da professora da disciplina Psicologia, Ciência e Profissão, do 1º período: “Será que o curso de Psicologia nos muda?”.

Naquele momento, eu afirmei que não iria mudar no decorrer do curso. E assim, fui seguindo minha trajetória. Cada dia conhecia maneiras e visões diferentes de se ver e enxergar o ser humano e como ele interage com aquilo que o cerca.

Em 2011, senti a necessidade de começar a fazer algo que envolvesse o outro. Aquele outro, que todos os professores falavam que precisa de cuidado. Penso que levei um pouco ao pé da letra, mas foi nesse momento que procurei a Clínica da Alegria e comecei a fazer um trabalho voluntário como Dr^a Palhaça, podendo estar em hospitais, asilos, creches, enfim, em contato com o outro que eu tanto procurava.

Nessa busca pelo outro, percebi que cuidar é muito sutil e isso se dá pela subjetividade de cada sujeito e o contexto em que ele se encontra inserido. Mas, em toda e qualquer situação, percebo que é preciso estar junto e ouvir. Atrevo-me a dizer que é necessário investir e acreditar na

potencialidade do outro, caso contrário não faz sentido. E, investir no outro, nos custa... custa muito caro!

Nesse mesmo ano, a disciplina Introdução a Psicoterapia, nos apresentou o psicodrama, com o qual fiquei encantada. Através dele desenvolvi diferentes papéis dentro de um contexto, encontrei-me com partes de mim, mas também com outras pessoas que compartilham dos mesmos conflitos mentais.

Até então, está sendo pra mim a melhor forma de cuidar do outro, possibilitando, através de vivências, ele ir de encontro com ele mesmo.

No ano de 2012, comecei a fazer terapia, pois começou profundamente a ser necessário saber identificar o que é meu e o que é do outro. Além do mais estava com muitos pensamentos a respeito de tudo. Descobri que o ato de pensar a respeito das coisas, infelizmente ou felizmente, tornou-se inerente a mim, agora estou trabalhando para canalizar esses pensamentos.

Acredito que mais importante ainda, foi descobrir que pra cuidar do outro, que constantemente eu busco, é preciso primeiramente cuidar de mim e isso envolve o autoconhecimento, saber das minhas potencialidades e das minhas limitações. É preciso estar por inteiro para o outro!

Ainda nesse mesmo ano, a vida se encarregou de tirar e colocar pessoas na minha caminhada. Sabe aquelas pessoas que seriam pra apenas um cafezinho? Pois é, eis que rendeu! Rendeu o 1º EAPSI (Encontro dos Alunos de Psicologia). Na organização desse evento, encontramos muitos obstáculos e dificuldades que poderiam ter feito com que tivéssemos desistido, mas não, nós tínhamos um objetivo. Queríamos tirar aquela psicologia de dentro da teoria e trazer para a prática, para a realidade da sociedade.

Chego à conclusão de que juntos podemos mais! E que realmente a união faz a força!

Voltando à pergunta que me levou a descrever minha trajetória: “Será que o curso de Psicologia nos muda?”. Hoje afirmo que sim, a Psicologia nos muda! Na verdade, a Psicologia é mudança!

A Psicologia me mudou? Tornou-me ou me lapidou como mais humana na maneira como me refiro e olho o outro? Não sei... ainda estou no caminho da descoberta! E todo dia eu descubro, descubro que posso ser melhor... melhor pra quem? Melhor pra mim... Daí me deparo com um

discurso de que estou preocupada apenas com o meu “umbigo”. Não acredito nisso! Agora, enquanto estudante, vejo que é o momento de explorar, de me explorar... para poder estar inteira para o outro!

Percebo que a Psicologia vai muito mais além de teorias e muros de concretos. É construída por mim... derruba barreiras, vence obstáculos, seus próprios obstáculos para estar com o outro!

É permitir-se a vida! Permitir o novo, o desconhecido, o “eu” e o “outro”, sem máscaras.

Enfim, já se passaram alguns anos do início do curso, passaram também as primeiras impressões e ainda estamos aqui! Em nome de quê? Em nome de dar conta desse vazio que permanece. Pois já dizia o poeta: “Somos iguais a cebola, se for tirando as camadas, não há nada!”

Capítulo 5

CAMPOS DE SENTIDO AFETIVO-EMOCIONAL E INTERLOCUÇÕES REFLEXIVAS

A consideração psicanalítica das narrativas autobiográficas permitiu a produção interpretativa de dois campos de sentido afetivo-emocional considerados chave para a compreensão do imaginário coletivo de estudantes de psicologia: “Busca pela cura” e “Cura pelo conhecimento”.

“Busca pela cura”

O campo de sentido afetivo-emocional “Busca pela cura” é um mundo vivencial organizado ao redor da crença de que o curso de graduação em psicologia pode proporcionar alívio para o sofrimento emocional.

“Cura pelo conhecimento”

O campo de sentido afetivo-emocional “Cura pelo conhecimento” é um mundo vivencial organizado ao redor da crença de que a cura seria obtida pela via do conhecimento.

As narrativas autobiográficas aqui apresentadas foram produzidas como memoriais, que tinham por objetivo fazer um relato sobre a vida acadêmica dos autores até sua opção pelo curso de psicologia e, posteriormente, foram publicados como livro eletrônico. A leitura em estado de atenção flutuante relevou que o imaginário coletivo dos autores sobre sua graduação está relacionada a um sofrimento.

A seguir destacamos as aflições, dramas e experiências que nos permitiu criar/encontrar interpretativamente os campos de sentido afetivo-emocionais relacionados à escolha do curso de psicologia. Embora a apresentação dos relatos seja baseada em narrativas individuais, buscamos características que traduzam a experiência emocional da personalidade coletiva na produção interpretativa dos campos.

Em *O mundo existe para ser lido*, a autora relata uma série de mudanças ocorridas a partir de seus três anos de idade. A busca por oportunidades de trabalho fez com que muitos brasileiros buscassem o sonho americano para melhorar suas condições de vida. Poços de Caldas foi durante um período, a cidade que teve a maior quantidade de emigrantes para os Estados Unidos. Após a crise de 2008, muitos dos que lá viviam decidiram voltar para o Brasil.

Nos Estados Unidos, ela se deparou com uma nova língua e novos costumes e hábitos. A entrada na escola foi um momento significativo para ela, pois lhe deu oportunidade de *ler* o mundo de acordo com sua curiosidade e suas necessidades. Porém as circunstâncias da vida lhe trouxeram de volta ao Brasil e ela teve de fazer séries que já havia feito anteriormente para se

adaptar à estrutura curricular brasileira. Nesse momento surge “uma leve depressão” por conta da saudade do pai, que ficou nos Estados Unidos. A volta para o convívio com o pai levou a novos problemas escolares. Depois de fazer outra prova, agora para decidir em que série seria matriculada, foi encaminhada para uma turma com colegas mais velhos por conta dos bons resultados obtidos na avaliação. Não se sentiu bem lá e, após experiências desagradáveis, percebeu que se sentia cada vez mais “tímida”, “desajeitada”, “reclusa” e “introvertida”. Novamente mudou de escola, o problema se resolveu e ela finalmente encontrou “grandes amigos”.

A escolha pelo curso de psicologia é atribuída aos problemas pelos quais passou no decorrer de sua vida escolar e, no momento em que escreveu a narrativa (no primeiro período da faculdade), seu intento era atuar profissionalmente na ajuda a alunos com problemas escolares.

A busca por melhores condições financeiras levou muitos brasileiros a procurarem oportunidades nos Estados Unidos na década de 1990. A disposição em conseguir um emprego vinha em primeiro plano, e os outros problemas eram considerados secundários. Muitas famílias passaram por dificuldades para conseguir moradia, escola para os filhos e inserção na comunidade local. Tal experiência torna-se sofrimento na medida em que a sensação de ser excluída se sobrepõe a outras. Há aqui uma relação feita entre sofrimento emocional e seu aproveitamento como foco de atenção para sua atuação profissional. Em ambos os casos, a ênfase gira em torno da ideia de que o conhecimento é uma forma de lidar com a experiência emocional do sofrimento.

Em *Encontros e desencontros* o sofrimento aparece com a experiência do preconceito racial e econômico. Seu argumento começa a ser construído a partir da citação de uma pesquisa que mostra que no Brasil 10% da população chega ao curso superior, e que esse índice cai para 2,7% entre a população negra, parda e indígena. O comentário sobre tal situação é lacônico e dramático: “talvez essa estatística ilustre um pouco do que sinto”. O que os números apresentam é vivido por ela no seu dia a dia. Ela, negra, faz parte da minoria que teve a oportunidade que seus pais e irmãos não tiveram: fazer um curso superior. Isso dá a sua experiência de fazer faculdade uma grande responsabilidade, já que o sonho dela “se tornou coletivo”. Ser a “menina dos olhos” assusta e cria expectativas sobre sua capacidade de concretizar o *sonho coletivo*. Para ela, cursar a faculdade não é apenas um local para sua formação profissional, é também uma maneira de se libertar das dificuldades pelas quais todos da família passaram.

Ao tratar de sua história escolar, a autora menciona sua participação num projeto municipal de complementação de carga horária realizado no contra turno do horário de suas aulas. Segundo ela, foi nesse projeto que ela se *tornou humana*. A frase intrigante justifica-se pelo reconhecimento de que existem “diferenças culturais, econômicas e históricas” que ela viveu e vive com intensidade como preconceito. Conhecer tais diferenças a faz perceber que a experiência dramática gera mais sofrimento do que as estatísticas são capazes de demonstrar, e *tornar-se humana* tem relação com tal constatação. Na adolescência a preocupação com os estudos continua presente na vida da autora que faz cursos de informática, inglês e dança “para garantir o

aprendizado”, que é visto como uma oportunidade que não pode ser desperdiçada.

Ao final do ensino médio, tentou entrar na faculdade através do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e do Programa Universidade para Todos (PROUNI). Não conseguiu e sentia seu sonho cada vez mais distante. Para piorar, no trabalho, deparou-se com o que chamou de vulnerabilidade, palavra que parece definir bem sua história e a de sua família. Percebeu-se vulnerável por ser mal remunerada, por ter um horário de trabalho pouco convencional, por não conseguir entrar na faculdade e por não encontrar apoio por parte da empresa quando adoeceu.

Surge a questão: “será que não sou respeitada por que não tenho um diploma”? O sentido inverso dessa interrogação é a afirmação de que para ser respeitada é necessário ter um diploma, tal raciocínio parece ser um caminho interessante a ser seguido para nossa pesquisa que se propõe a investigar psicanaliticamente a experiência emocional de estudantes de psicologia e seu imaginário sobre o curso de graduação. O diploma de curso superior nessa perspectiva é uma forma de se conquistar o respeito por parte dos outros e superar as diferenças e desigualdades pelas quais ela e sua família passaram.

A escolha pelo curso de psicologia não é clara para a autora: “*Não tenho e nem sei se terei uma resposta racional, mas posso dizer que ela me escolheu. Ou talvez seja recíproco*”. Não se espera uma resposta racional para tal escolha, talvez ela não exista, porém o fato de sentir-se *escolhida* (*reciprocamente*) pela psicologia mostra que sua vontade é secundária às circunstâncias de sua vida. Isso nos remete a uma sensação de vazio contra a

qual a autora luta com força de vontade. Para sentir-se viva, criativa e produtiva ela busca no estudo ferramentas que ofereçam condições para superar o sofrimento e a vulnerabilidade, partes significativas de sua experiência emocional. O fato de o sonho da faculdade ser coletivo aumenta ainda mais o peso de sua responsabilidade.

Em *Escolhas não são em vão*, a autora descreve as dificuldades de uma família com problemas de saúde, com a educação dos filhos e preocupações financeiras, mas, apesar de tudo, todos continuam a enfrentar seus desafios.

A autora inicia o curso de fisioterapia por gostar *de ajudar as pessoas*, mas desiste por não conseguir arcar com as despesas. Nesse momento a ocorre o abrupto falecimento de seu irmão e o sonho de fazer uma faculdade torna-se menor frente à dor da perda. O luto, a tendência ao isolamento e a excessiva timidez a levam a iniciar um tratamento psicológico.

Com o passar do tempo, sente-se melhor e começa a realizar trabalhos voluntários (que continuam até hoje) e também se dedica ao teatro para resolver o problema da timidez. Nesse momento decide voltar a estudar para *realizar o sonho de ter uma profissão*. Sua primeira opção era retornar ao curso de fisioterapia, mas não tinha condições financeiras de se mantê-lo. Prestou vestibular para nutrição, mas para sua *tristeza essa turma nunca se formou* e acabou fazendo psicologia. Portanto o curso não era uma decisão fechada, o que existia era a intenção ou sonho de fazer um curso superior, mas, segundo a autora, *nossas escolhas não são em vão*. Mesmo quando as coisas não ocorrem de acordo com nossas expectativas, elas ensinam a não desistir e mostram novos caminhos. Embora não existisse um interesse específico na

faculdade de psicologia, o fato dela escolher esse curso é fruto de seu percurso, o que dá a essa escolha um sentido que vai além da aleatoriedade. Escolhas não são em vão.

A faculdade de psicologia é um novo caminho para ela, que tem a convicção de que essa escolha não foi aleatória. O tratamento psicológico, que fez quando seu irmão faleceu, despertou nela o interesse pelo curso de psicologia. Na terapia ela aprendeu a *se conhecer, a se aceitar e a entender as outras pessoas e seu sofrimento*. Entender e compreender sofrimentos parecem ser fundamentais para sua escolha.

Em *A senda essencial*, o sofrimento não está diretamente ligado a um evento específico. Na narrativa há uma descrição do percurso escolar e profissional da autora até o ensino médio, quando a autora sente *necessidade de estudar, mas não sabia o que fazer*. Sempre se interessou por psicologia, mas não identifica uma razão concreta por ter optado pelo curso, embora acredite que até seu final, encontre o *verdadeiro motivo* de sua escolha.

Na faculdade sentiu necessidade de *fazer algo que envolvesse o outro*, aquele que todos os professores falavam que precisavam de cuidado. Tal necessidade a levou a trabalhar como voluntária em hospitais, asilos e creches como doutora da alegria. Na busca pelo outro, encontrou partes dela mesma e começou a fazer terapia, pois se tornou *profundamente necessário saber identificar o que é meu e o que é do outro*. Nesse sentido salienta que sua mais importante descoberta foi que *para cuidar do outro que constantemente eu busco, é preciso primeiramente cuidar de mim e isso envolve o*

*autoconhecimento, saber das minhas potencialidades e das minhas limitações.
É preciso estar por inteiro para o outro!*

A cada afirmação fica evidente que a busca é por ela mesma, e nesse sentido o outro é um instrumento para a descoberta de si mesma, aproximando-se do conceito de uso de objeto proposto por Winnicott (1960). Seus questionamentos sobre quem é ela e quem é o outro revelam angústias e confusões relacionadas à sensação de vazio que tem experimentado. Talvez seu sofrimento seja a de confirmar a máxima de que *somos iguais a cebola, se for tirando as camadas, não há nada!*

A leitura das narrativas, em estado de atenção flutuante, relevou que a experiência emocional dos autores sobre sua graduação relaciona-se a um sofrimento, que acabou sendo elemento importante na opção pelo curso de psicologia. O sofrimento surge de diferentes formas: 1) como dificuldade em se adaptar as constantes mudanças de país, que se manifestaram como dificuldades escolares; 2) como preconceito racial que gera expectativas de superação da desigualdade a partir do acesso ao ensino superior; 3) como luto pela perda súbita e violenta de um familiar; e 4) como a experiência de esvaziamento de si mesmo.

Percebemos nas narrativas que a experiência emocional de sofrimento levou a uma tentativa de alívio da angústia, que compreendemos como busca pela cura. Nas narrativas apresentadas, percebemos que nessa busca são utilizados instrumentos ou ferramentas bastante específicos: o conhecimento obtido através da formação acadêmica.

Interlocuções reflexivas

As interlocuções reflexivas são um momento de nosso percurso metodológico, em que deixamos a atitude psicanalítica, baseada na associação livre e atenção equiflutuante, para dialogar com autores, cujas teorias nos auxiliam na compreensão dos fenômenos que investigamos, o imaginário de estudantes de psicologia sobre curso de graduação.

Esta é a oportunidade de aprofundar a compreensão de nossas interpretações a partir da interlocução com teóricos importantes para nosso grupo de pesquisa. Tal prática não é desconhecida para nós psicólogos, que aprendemos desde o início de nossa formação a importância da supervisão para o desenvolvimento de nossa atividade clínica/profissional.

Geralmente o supervisionando relata oralmente o que teria acontecido durante a sessão para ouvir um parecer do supervisor, um profissional mais experiente, que faz recomendações de natureza técnica e teórica com o objetivo de estabelecer conexões entre teoria e prática, para o benefício do supervisionando e de seu paciente.

Saraiva e Nunes (2007) destacam que na psicanálise a supervisão tem entre suas principais finalidades fornecer meios para o analista iniciante desenvolver habilidades técnicas até que possa ajudar seus pacientes e prover o aluno com *feedbacks* sobre seu desempenho, oferecendo-lhe possíveis rumos a seguir quando se encontra em dificuldades. Talvez a maior contribuição da supervisão consista “na oportunidade de adquirir visões alternativas quanto à perspectiva dinâmica do paciente, intervenções e tratamento, e estimulando a curiosidade” (Saraiva & Nunes, 2007, p. 260).

Diversos autores destacam o papel do supervisor como intermediário entre o aluno em formação e sua atuação profissional (Saraiva & Nunes, 2007); (Menezes & Medrado, 2013); (Sei & Paiva, 2011), fato que o leva a ser considerado por Oliveira-Monteiro e Nunes (2008) um professor idealizado, por ser uma referência próxima sobre o que é ser psicólogo.

Sob essa perspectiva podemos afirmar que a supervisão tem papel de destaque na construção da identidade profissional do psicólogo. Nela são discutidas desde as experiências de o atendimento clínico, as concepções de mundo e a adoção de valores éticos e profissionais, até aspectos mais práticos e cotidianos da atividade do psicólogo, como por exemplo, a duração de uma sessão (Aguirre et al., 2000).

Apesar dos trabalhos citados darem destaque à supervisão para alunos e estagiários, ela está longe de ser um exercício dedicado apenas a iniciantes. Entre profissionais experientes tal situação também ocorre, porém com maior horizontalidade. Em discussões clínicas, a apresentação dos casos a serem discutidos não se resume à apresentação de uma narrativa clínica, espera-se também uma exposição sobre as interpretações a respeito do caso apresentado, elas é que serão discutidas.

Aqui podemos fazer um paralelo entre a supervisão e as interlocuções reflexivas. Se no primeiro caso conversamos com o supervisor sobre os casos atendidos, as opções feitas e novos caminhos possíveis, o que propomos no segundo caso é análogo: pensarmos a partir da obra dos autores, tomando seus textos como intervenção com o poder de guiar uma reflexão sobre nossas interpretações, que chamamos de campos.

Outra consideração que pode ser feita em nossa analogia entre supervisão e interlocuções reflexivas já foi comentada anteriormente, mas acreditamos que deve ser mais detalhada. A supervisão faz parte da formação e da prática profissional do psicólogo, e é usual em várias abordagens teóricas, entre as quais se inclui a psicanálise e, normalmente, se dá ao redor do “conversar com” o supervisor sobre sua atuação clínica.

O que propomos é pensarmos a supervisão em termos amplos, considerando que se trata de um processo de "pensar com", que começa na faculdade, quando temos um aluno-estagiário em atividade clínica (Gallo-Belluzzo, 2013, 2011; Ribeiro, 2008; e Ribeiro, Tachibana & Aiello-Vaisberg, 2008), que prossegue no início da carreira, seja por iniciativa própria do profissional, que busca um colega mais experiente para com ele discutir seus casos, seja em cursos de especialização para graduados, mas que segue sendo feita sempre, enquanto mantemos a atividade clínica, seja conversando com colegas, num sentido que fica progressivamente mais horizontalizado, seja frequentando autores que compartilham seus casos e a compreensão interpretativa de seus casos com os leitores.

Na pesquisa empírica com o uso do método psicanalítico produzimos interpretações - os campos de sentido afetivo emocional - e precisamos refletir sobre eles, num verdadeiro "pensar com", que em alguns momentos têm a figura do interlocutor claramente definida. Prosseguindo nossa analogia, consideramos que as interlocuções reflexivas nada mais são do que um processo de "pensar sobre os campos com uma companhia".

Winnicott (1971c) afirma na introdução das Consultas Terapêuticas em Psiquiatria Infantil que sua única companhia era a teoria do amadurecimento emocional. Neste momento da pesquisa tomaremos o próprio Winnicott como interlocutor, para com ele pensar sobre os campos que criamos/encontramos através da consideração psicanalítica das narrativas autobiográficas.

Em nossa pesquisa, criamos/encontramos dois campos de sentido afetivo-emocional. O primeiro, “Busca pela cura”, consiste num mundo vivencial organizado ao redor da crença de que o curso de graduação em psicologia pode proporcionar alívio para o sofrimento emocional. O segundo, “Cura pelo conhecimento”, é vivido ao redor da crença de que a cura seria obtida pela via do conhecimento.

Ao falarmos em campos, não podemos deixar de observar que para Bleger (1963/1984) o campo é situação total do fenômeno que estudamos em um dado momento, ou seja, um recorte hipotético e transversal da situação. Tal recorte tem objetivos metodológicos e, ao realizarmos nossas pesquisas, não podemos ignorar que os campos surgem em contextos sociais, econômicos, políticos e históricos concretos. Não há como considerar qualquer fenômeno psicológico isoladamente desses contextos, do contrário estaríamos psicologizando nossas produções, adotando modelos abstratos e sem relação com nossas experiências vividas. No caso de nossa pesquisa, que estuda os imaginários coletivos de estudantes de psicologia sobre o curso, observamos que a escolha profissional não pode ser atribuída a uma condição psicológica individualizada e desconectada das condições concretas de sua vida.

Os dois campos criados/encontrados em nossa pesquisa apresentam a cura como componente central, o que nos remete a questão: curar de quê? Aqui fazemos referência a Winnicott (1962) e à sua intenção de elaborar uma teoria de desenvolvimento, capaz de conduzir a cura “onde quer que haja anormalidade que signifique sofrimento para alguém” (Winnicott, 1962, p. 65). Tal afirmativa evidencia a proximidade entre sofrimento e cura.

Os dados relacionados ao sofrimento de jovens são incontestáveis. Assis (2014) ao pesquisar o preconceito etário de idosos em relação a adolescentes encontrou farta literatura, 1.619.672 de artigos sobre problemas da adolescência, que giram ao redor de questões relacionadas à saúde pública, tais como sexualidade ativa, gravidez precoce, uso de álcool e droga e distúrbios alimentares.

Para Assis (2014) a discriminação se dá por meio da atribuição ao adolescente de características negativas, muitas vezes coincidentes com as questões abordadas nos artigos pesquisados pela autora. Tal fenômeno é análogo e encontra-se na base de outras formas de discriminação como a racial ou de gênero, e seus resultados revelam que a personalidade coletiva considera o adolescente ora como “ser problemático” ora como “ser negado”. Em qualquer um dos campos, a experiência de discriminação exclui adolescentes de um convívio integrado com seu ambiente e aumenta seu isolamento e o sofrimento que advém de tal relação.

A discriminação e o isolamento na vida de jovens estão presentes em pesquisas que estudam situações tão diferentes como a violência (Barus-Michel, 2005), o contato com um diagnóstico de soropositividade para o HIV

(Mencarellil & Aiello-Vaisberg, 2005) ou a gravidez na adolescência (Granato & Aiello-Vaisberg, 2005). O que todas essas pesquisas parecem ter em comum, além da valorização de aspectos concretos da experiência (Bleger 1963/1984), é a consideração do sofrimento por trás de vivências tão intensas e impactantes.

Será que o mundo contemporâneo incita experiências de sofrimento que não percebemos, levando nossos jovens a buscar alívio para tal situação? A esse respeito Aiello-Vaisberg et al. (2003) destacam que a vida atual contribui para alienar o homem de sua dimensão humana por conta do capitalismo que interfere nos vínculos que estabelecemos com as pessoas e intuições tendo o capital como intermediário. Tais relações representam interesses econômicos, que têm sistematicamente promovido desigualdade e exclusão social, dificultando a convivência entre dominadores e excluídos e o reconhecimento ético da alteridade.

Situações como a desigualdade, a busca por uma vida melhor e a exclusão acabam por determinar nossos destinos e escolhas interferindo dramaticamente em nossa vida. Nossa opção em utilizar narrativas busca valorizar os dramas (Politzer, 1928/2004) presentes nas experiências de exclusão e sofrimento descritas acima por Aiello-Vaisberg et al. (2003) . Salienta-se que nas narrativas, o que se destaca é justamente a procura pela superação de dificuldades ou, em outras palavras, a busca pela cura.

Para Bleger (1963/1989) é fundamental que se contextualize a conduta para poder compreendê-la, ou seja, é o enquadramento que nos oferece as condições adequadas para acessar o drama. Por exemplo, frequentemente

temos informações jornalísticas a respeito de crises econômicas e políticas, ou de casos de violência e preconceitos que provocam desemprego e movimentos migratórios, alterando o curso da vida de várias pessoas. Porém poucas vezes temos acesso ao viver dramático das pessoas envolvidas em tais situações, é justamente isso que as narrativas autobiográficas oferecem.

Citamos o exemplo de movimentos migratórios, mas como será que eles são vividos concretamente? Nas narrativas autobiográficas, são descritas duas situações diferentes sobre a mudança para um lugar diferente. Em uma delas a mudança se dá por conta de um novo desafio rumo procura por estabilidade financeira e outra por problemas de saúde.

Nas narrativas autobiográficas, encontramos tanto o encantamento com a nova vida, novos costumes como também o sofrimento pela distância de familiares e pela frequente troca de escolas e amigos. O sentimento de não pertencer a um grupo é constantemente tratado, aumentando os efeitos de sentir-se excluído e provocando o retraimento e a solidão como parte integrante de suas experiências.

Outra descrição da exclusão se dá a partir de experiências relacionadas ao preconceito racial e econômico. São relatadas dificuldades por se sentir desrespeitado e vulnerável e o diploma superior é imaginado como uma forma de superar a desigualdade. Tal situação é estudada na pesquisa de Aiello-Fernandes (2013), que descreve o racismo como uma realidade presente na personalidade coletiva, que gera sofrimentos e desvantagens ao negro no Brasil. Entre os achados do autor, está a tentativa de superação da experiência

do racismo através do esforço e competência individuais, que são aspectos também presentes nas narrativas autobiográficas.

A relação com os estudos está presente em todas narrativas sendo decisiva sua importância na organização da descrição de vida de cada autora. Em alguns momentos, a escola parece ser um abrigo idealizado no qual as dificuldades inexistem, em outros se torna um pesadelo que expõe cada fragilidade pessoal, há ainda situações em que a escola e o estudo são considerados como a possibilidade de estabelecer e manter vínculos pessoais e ascender socialmente. O ambiente escolar e a educação são vividos alternadamente como fatores de inclusão e exclusão, o que faz com que a busca por uma formação seja decisiva para a inserção no mundo.

Aqui é oportuno discutirmos a teoria do sofrimento humano em Winnicott. Sabemos que uma de suas preocupações é o reconhecimento de que há limites para o tratamento psicanalítico das psicoses, considerado por alguns psicanalistas como não analisáveis. Tal visão é coerente com o que Greenberg e Mitchell (1994) chamam de modelo estrutural-pulsional, que tem a histeria como matriz (Mezan, 2014) e se baseia na compreensão de que o aparelho psíquico e seus conflitos são os responsáveis pelo sofrimento do indivíduo. Nessa perspectiva o analista oferece ao analisando um saber sobre seus conflitos.

Em contrapartida a essa abordagem, os autores descrevem o modelo relacional, que considera que a existência humana é baseada em vínculos, interações e mediações com o outro (Greenberg & Mitchell, 1994). O

pensamento winnicottiano se insere nesse modelo e tem a psicose como matriz o que tem implicações para a compreensão do sofrimento.

Winnicott (1945), ao falar sobre a psicose, diz que os pacientes psicóticos não esperam que a análise os torne mais conscientes, mas sim que lhes dê esperança de sentirem-se reais, coloca o papel do psicanalista em um patamar diferente daquele que trabalha em busca do autoconhecimento. O que importa é o reconhecimento sensível de uma existência que busca se manifestar espontaneamente e criativamente. (Medeiros & Aiello-Vaisberg, 2010); (Aiello-Vaisberg, 2005) e (Aiello-Vaisberg, Machado & Baptista, 2003).

Daí podemos depreender uma teoria do sofrimento humano. A expressão “pessoas normais do tipo psicótico” utilizada por Winnicott (1945) é destacada por Aiello-Vaisberg, Machado e Baptista (2003) como uma referência a angústias existenciais profundas e a um sofrimento comum a toda humanidade. Para as autoras, tal sofrimento “compromete o viver, seja por resultar numa alienação da realidade, seja por se manifestar como uma adaptação submissa e reverente aos cânones por ela ditados” (Aiello-Vaisberg, Machado & Baptista, 2003, p. 5). Nessa perspectiva o sofrimento de não sentir-se vivo ou real adquire contornos concretos, aproximando-nos da experiência sensível de ser, ou não, real.

O bebê que não desenvolveu um sentido de si mesmo a partir de seu ponto de vista (Medeiros & Aiello-Vaisberg, 2010) sofre por não sentir-se vivo ou real. Tal sofrimento faz parte da experiência de qualquer pessoa, sejam elas normais do tipo psicótico ou mesmo psicóticos.

A experiência de alienação, exclusão, submissão e futilidade do viver foram problematizadas por Winnicott (1960) ao discutir o verdadeiro e o falso *selves*. Para ele o *self* verdadeiro se desenvolve a partir dos cuidados de uma mãe suficientemente boa que alimenta a onipotência do bebê frente às suas necessidades, levando-o a estabelecer uma relação de confiabilidade com o mundo circundante. Esse vínculo permite o desenvolvimento da espontaneidade, da criatividade e da capacidade de brincar, organizando o mundo externo de acordo com seu potencial criativo.

Já no falso *self*, os cuidados não são suficientemente bons e a continuidade do ser do bebê é constantemente ameaçada por invasões ambientais que podem levar a agonias impensáveis, impedindo que o bebê se reconheça como pessoa a partir de seu próprio ponto de vista. Frente à angústia de sentir-se irreal e incapaz de ser espontâneo, o bebê desenvolve uma defesa, o falso *self*, para não se deparar com a possibilidade do aniquilamento. Nesses casos o processo de maturação continua e permite que as pessoas tenham uma vida normal, com relacionamentos, responsabilidades e reconhecimento social, porém para elas a vida é vivida sem o desenvolvimento de seu potencial criativo. Resumindo, o termo falso *self* designa a ausência da sensação de realidade e a futilidade (Winnicott, 1956) quando não ocorre a provisão ambiental suficientemente boa.

Baseado nessas considerações Aiello-Vaisberg, Machado e Baptista (2003) reconhecem na teoria winnicottiana um comprometimento “com o desespero daqueles que não podem se sentir vivos e reais e para os quais a vida carece de sentido, uma vez que se sentem absolutamente incapazes de

usufruí-la” (Aiello-Vaisberg, Machado & Baptista, 2003, p. 5). Assim sua teoria do sofrimento pode ser definida nas palavras das autoras como uma radical exclusão da corrente da vida e da convivência autêntica com os outros seres humanos.

Cabe acrescentar uma observação sobre o que consideramos ser uma contribuição de Bleger (1963) à teoria winnicottiana e que sustenta nossa compreensão a respeito do sofrimento humano. Para Winnicott (1956) a provisão ambiental suficientemente boa na fase inicial da maturação permite que o bebê “comece a existir, a ter experiências, a construir um ego pessoal, a dominar pulsões e a enfrentar todas as dificuldades inerentes à vida” (Winnicott, 1956, p. 497). Tais condições permitem o desenvolvimento do self e do gesto espontâneo. Por outro lado, sem tal provisão do ambiente, não se desenvolvem nem o self e nem a sensação de realidade, fazendo com que o bebê se sinta ameaçado por invasões que interrompem sua sensação de “continuar a ser” produzindo “uma ansiedade primitiva muito real, que surge muito antes de qualquer ansiedade que inclua a palavra morte em sua descrição” (Winnicott, 1956, p. 496). A importância do ambiente e de sua condição de prover as necessidades do bebê é vinculada a uma função de maternagem, exercida normalmente pela mãe, por familiares ou pessoas de alguma forma próximas ao bebê.

Aiello-Vaisberg (2005) afirma que Bleger (1963/1989) não se furta a ampliar a noção de ambiente para além de limites estritamente familiares. Coerentemente com a psicologia concreta de Politzer (1928/2004), Bleger considera a pessoa humana que vive num país específico e numa determinada

cidade, pertence a uma classe social e se insere em tradições culturais e religiosas específicas. Bleger (1958, 1963/1989) considera que essas são as condições ambientais do homem concreto, que envolve outras pessoas e que fazem da existência humana uma coexistência (Aiello-Vaisberg, 2005).

Portanto, ao estudarmos o ambiente, não devemos considerá-lo apenas como parte do processo de maturação. Nossa existência se dá a partir da relação que estabelecemos cotidianamente com nossas condições ambientais; se encontramos boas condições, desenvolvemos nosso potencial criativo, nossa espontaneidade e nos sentimos reais. Caso as condições não sejam suficientemente boas, deparamo-nos com o sofrimento. Tal observação é importante por levar em conta aspectos que vão além de uma leitura desenvolvimentista de Winnicott (1963), o que nos permite considerar que os vínculos e as condições atuais e concretas da vida pessoal também levam ao sofrimento.

Para Aiello-Vaisberg, Machado e Baptista (2003) isso pode levar à seguinte situação: quando a continuidade de ser de alguém é interrompida por acontecimentos dramáticos, a possibilidade de estar presente à própria experiência é barrada por uma retirada defensiva de si mesmo, o falso *self* assume sua condição cuidadora, e a vida aparentemente prossegue. A atuação dissociada do falso *self* evita o mergulho nas agonias impensáveis, porém o indivíduo não usufrui do sentimento de estar vivo, nem da sensação de ser real. Para as autoras: “Neste caso, estaremos diante de uma verdadeira ausência de si mesmo, de caráter nitidamente defensivo. Trata-se de uma

radical exclusão da corrente da vida, da convivência autêntica com os outros seres humanos” (Aiello-Vaisberg, Machado & Baptista, 2003, p. 7).

Nunca é demais lembrar que a vida moderna nos lança desafios que nem sempre podemos superar. Constantemente nos deparamos com condições ambientais inadequadas às nossas necessidades.

A procura, por exemplo, de um bom emprego que ofereça prestígio e reconhecimento social, além de ganhos compatíveis para manter tanto as necessidades básicas quanto os luxos e que permita o acúmulo de bens e riquezas é almejado por boa parte das pessoas que vivem no contexto capitalista. Tal emprego com certeza existe, porém não é acessível para a maior parte da população, o que reafirma mecanismos excludentes que podem ser vividos dramaticamente e provocar sofrimento e questionamentos pessoais relacionados à capacidade ou ao merecimento daquele emprego ou não.

As queixas relacionadas à falta de sentido da vida, sentimentos de futilidade, depressões, pânico, drogadições e violência são frequentes nos dias atuais. Segundo Aiello-Vaisberg (2005) trata-se de sofrimentos que comprometem a qualidade do viver e do sentir, e requerem uma clínica capaz de lidar com falhas ambientais ocorridas que comprometeram a continuidade de ser e o desenvolvimento emocional. É justamente desse sofrimento que estamos falando.

Os campos criados/encontrados em nossa pesquisa, “Busca pela cura” e “Cura pelo conhecimento”, nos levou a refletir sobre o sofrimento e agora nos leva a pensar sobre a cura, tema controverso na psicanálise.

Freud e Breuer (1893-1895) escreveram juntos seus “Estudos sobre histeria” em que relatam casos de pacientes histéricas tratadas com o uso da hipnose. O objetivo dessa técnica era permitir o acesso a experiências traumáticas que eram recordadas através do hipnotismo e revividas no decorrer do trabalho terapêutico e ab-reagidas de forma adequada. (Riemenschneider, 2004). Os sintomas eram tratados individualmente e sua remissão era considerada sucessos terapêuticos.

A hipnose foi abandonada por Freud que apresenta um novo método em “A interpretação dos sonhos” (1900): a associação livre. Freud pedia aos pacientes que relatassem todo e qualquer conteúdo que eles relacionavam com suas produções oníricas, mesmo os mais absurdos e incompreensíveis. Seu objetivo era permitir o acesso ao inconsciente reprimido e dessa maneira reestabelecer o equilíbrio do aparelho psíquico. A cura, termo que nunca foi totalmente aprovado por Freud, seria consequência da ampliação da consciência. A máxima ‘tornar consciente o inconsciente’ é que permite a cura.

Com a publicação de “O ego e o id” (1923) e a organização do aparelho psíquico em id, ego e superego, os esforços terapêuticos da psicanálise se dirigem para o fortalecimento do ego, para torná-lo mais independente do superego e assenhorar-se de novas porções do id. A máxima passa a ser: “Onde estava o id, ali estará o ego” (Freud, 1923).

Cada reorganização teórica de Freud levava a uma diferente concepção terapêutica e abria novas possibilidades de natureza interpretativa sobre a função da análise. A cura era uma consequência do trabalho analítico e não seu objetivo. Essa questão continuou a preocupar os psicanalistas

contemporâneos a Freud e permaneceu como herança para seus seguidores. O debate sobre a cura em psicanálise se tornou ainda mais complexo entre os analistas pós-freudianos, filiados a diferentes tradições clínicas e epistemológicas. Discuti-las, nesse momento, nos distanciaria de nosso objetivo, por isso nos mantemos aliados à perspectiva winnicottiana na discussão sobre qual motivo leva as pessoas a buscar psicoterapia.

Abram (2000) destaca que, no capítulo IV de “O brincar e a realidade” (1971), Winnicott apresenta a psicoterapia como sendo uma busca pelo *self*, a busca por sentir-se real. Para a autora, o paciente que não experimentou o relaxamento da não integração na relação com a mãe precisa ir ao encontro dessa experiência com o terapeuta. Tal posição por parte do analista dá sustentação ao potencial criativo, resgata a confiabilidade no ambiente e oportuniza o estabelecimento de uma relação brincante com ele.

Winnicott (1971a) é contundente ao afirmar que: “É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (*self*)” (Winnicott, 1971a, p. 80). Vale lembrar que ser criativo para ele não é buscar apenas por uma experiência estética ou artística, mas sim estabelecer um vínculo espontâneo e real com o seu ambiente.

Herrmann (1979) considera importante pensar a cura como um movimento para a realização de potencialidades, dessa maneira a cura não é o ponto final do tratamento, mas sim o próprio tratamento. Esse deslocamento de uma idealização da cura rumo a um movimento para cura é significativo por permitir um retorno à experiência concreta da análise, fundamentada no vínculo

que se estabelece entre analista e analisando. Herrmann (1979) é mais claro ao responder sua pergunta retórica:

De que cura a psicanálise? Com toda a simplicidade podemos responder: a Psicanálise cura o homem de seu esquecimento. Na sociedade contemporânea observa-se um movimento ao mesmo tempo excêntrico e fragmentador. Os caminhos da tecnologia afastam o homem de seu centro e o rompem em pedaços, identificados com sempre mutáveis projetos de satisfação, criados pelo próprio sistema de aceleração cultural que adia, a cada momento, a condição de satisfação e o repouso que parece estar buscando construir. (Herrmann, 1979, p.14)

As condições ambientais subjacentes à questão da cura levantadas por Herrmann (1979) coincidem com a teoria do sofrimento humano referidas por Aiello-Vaisberg (2005) e Aiello-Vaisberg, Machado e Baptista (2003).

A mesma cultura que promove o descentramento de si, fragmenta a experiência humana e promove sentimentos de irrealidade e futilidade e permite ao homem cobrir seu sofrimento com o véu do esquecimento. Para Herrmann (1979) “a Psicanálise busca levantar esse véu, desvelar o olvidado, mostrar o descentramento e a ruptura internos do sujeito, para curá-lo do excesso de fragmentação. Nesse caminho, nosso método tem-se mostrado eficaz” (Herrmann, 1979, p.14).

Apesar de concordamos com as reflexões a respeito da cura de Herrmann (1979), divergimos dele na maneira de usar clinicamente o método

psicanalítico. Enquanto ele adota uma posição interpretativa sobre os campos, nós propomos o amparo ambiental para quem não teve tal experiência. Reafirmamos que para nós todos os eventos humanos são concretos e se dão a partir do encontro com o outro, inclusive a clínica. Se considerarmos que “o adoecimento se dá nos vínculos, isto é, no espaço interpessoal que pode oferecer sustentação existencial ou não” (Medeiros & Aiello-Vaisberg, 2010), a cura também se dará a partir dos vínculos.

Curar, nesse contexto, é promover mutação, não relacionada a um saber, mas a um sentir, um sentir-se ligado a um sentido de continuidade de ser, que permite o estabelecimento do *self* e do mundo “not-me”, como acontecimentos essencialmente simultâneas (Aiello-Vaisberg, 2003).

Em outras palavras, a cura pode ser compreendida como uma forma de beneficiar concretamente pessoas que experimentam o sofrimento, mesmo que elas procurem apenas “tranquilidade para os nervos” (Aiello-Vaisberg, 2005, p. 6). Nesse sentido, devemos pensar em formas de beneficiar com conhecimentos psicológicos, a quem precisar ou se interessar, mesmo quando não há capacidade de formular uma demanda específica de psicoterapia (Aiello-Vaisberg, 2005). Trata-se de uma função social da clínica psicológica a que devemos ficar sensíveis e atentos.

Se no campo “Busca pela cura” dissemos que a cura se vincula a sofrimentos de não sentir-se real, criativo ou espontâneo, no segundo campo “Cura pelo conhecimento” há a crença de que a cura seria obtida pela via do conhecimento.

Este campo complementa o anterior na medida em que tematiza o sofrimento, e destaca o valor do conhecimento em nossa cultura. Em um mundo desigual e excludente que não oferece sustentação ocorre “uma substituição da experiência vivida pela informação” (Medeiros & Aiello-Vaisberg, 2010, p.103). Segundo as autoras, tal troca promove um afastamento de si mesmo e compõe o cenário perfeito para o adoecimento, a solidão e a artificialidade.

Cada pessoa pertence a um segmento social ou cultural e lida com tais sofrimentos com os instrumentos que lhes são acessíveis e críveis: alguns procuram por psicoterapia, outros por tratamento religioso (Rabelo, 1994); (Minayo, M.C.S. 1994), pela medicina popular (Maués, 1994), através de fármacos ou pela medicina convencional (Queiroz, 1994). Há também aqueles que lidam com o sofrimento a partir do uso de recursos intelectuais e/ou racionais.

O acesso a tais recursos é cada vez mais fácil. Aiello-Vaisberg (2005), por exemplo, faz referência ao público que tem contato com a psicologia através de programas ou novelas na televisão. Sabemos que nossa compreensão dos fenômenos que nos cercam é condicionada pelas condições históricas, sociais e culturais, e que os grandes meios de comunicação influenciam e criam demandas e necessidades. A televisão e mais recentemente a internet são responsáveis por promover discussões sobre os mais variados temas, em grande velocidade e com ampla repercussão na vida das pessoas. Um número infinito de informações está ao alcance de todos a partir da tela de um computador, divulgando tanto conhecimento de boa

qualidade quanto estereótipos. A facilidade de acesso e transmissão de informações pode levar algumas pessoas à ideia de que pelo aprendizado de teorias uma pessoa poderia se tornar talvez mais parecida com o que se imagina que seria um psicólogo, como uma pessoa mais calma, bem resolvida e reconhecida no grupo social em que está inserida.

A pesquisa de Gallo-Beluzzo (2011) com estagiários de psicologia em seu primeiro atendimento encontrou um campo, “Vim, vi e venci”, de características narcísicas, no qual as pessoas estão essencialmente voltadas para si mesmas. Esse achado descreve algo parecido com o que encontramos em nosso campo “Cura pelo conhecimento”: a crença de que o conhecimento teórico é capaz de resolver problemas pessoais.

Winnicott (1960) se interessa pela questão da valorização de aspectos intelectualizados do indivíduo. Segundo ele, em pessoas com grande potencial intelectual “há uma forte tendência para a mente se tornar o lugar do falso *self*, e nesse caso se desenvolve uma dissociação entre a atividade intelectual e a experiência psicossomática” (Winnicott, 1960, p. 132).

Levando-se em conta que Winnicott (1949) não considera que a mente exista como entidade, a afirmação anterior nos coloca frente a uma situação que merece toda a nossa atenção. Para ele o conceito de mente tem raízes na ausência de um ambiente suficientemente bom que se adapte ativamente às necessidades do bebê, não permitindo que sua experiência de continuidade de existência não seja perturbada, ou seja,

um mau meio ambiente.

Quando o bebê não consegue se adaptar ao meio ambiente mau, este se torna uma invasão, contra o qual o bebê precisa reagir, o que perturba sua continuidade de existência. O fracasso materno em tornar o ambiente bom, produz o crescimento da função mental como reação à maternagem inconstante. Segundo Winnicott (1949) as raízes da mente se encontram no funcionamento do psique-soma que trata da ameaça de continuidade de existência que se segue a qualquer fracasso de adaptação ambiental. Em outras palavras o indivíduo passa a organizar mentalmente os cuidados que deveriam ser dispensados pelo ambiente, substituindo a mãe suficientemente boa e tornando-a desnecessária.

Outro ponto a ser destacado nessa questão, diz respeito ao fato de muitos psicólogos afirmarem que escolheram o curso para ajudar os outros. Winnicott (1949) afirma que:

Clinicamente, pode-se observar uma pessoa assim transformar-se em alguém que é uma mãe maravilhosamente boa para os outros por um período limitado de tempo; na verdade, uma pessoa que se desenvolveu dessa forma pode ter propriedades quase mágicas de aliviar o sofrimento alheio por causa da capacidade extrema de se adaptar ativamente a necessidades primitivas (Winnicott, 1949, p. 414-415).

Tal observação está presente nos relatos de nossa pesquisa. Em vários momentos foram destacadas tanto a busca pela cura do outro, como também a consideração do outro como forma de se obter a própria cura. Não há como não retornar a Winnicott (1949) na seguinte observação:

Há a ameaça ou a ocorrência de um colapso, porque o indivíduo está o tempo todo precisando achar outra pessoa que torne real esse conceito de “meio ambiente bom”, de modo a poder retornar ao psique-soma dependente, que forma o único lugar a partir do qual ele pode viver (Winnicott, 1949, p. 415).

Parece-nos importante destacar que do ponto de vista winnicottiano, o intelecto apurado pode tanto ajudar quanto atrapalhar na formação profissional do psicólogo. O intelecto ajuda em qualquer profissão, mas ele deve contribuir no estabelecimento de vínculos e de preocupação com o outro, do contrário contribui para o isolamento e para a exclusão pessoal.

Consideramos importante ressaltar que atualmente há uma convergência entre psicoterapeutas de diferentes linhas, no sentido de que o "fator" curativo por excelência seria a relação entre paciente e terapeuta. Os trabalhos de Braga e Vandenberghe (2006) e Banaco (1997) sobre a relação terapêutica nas psicoterapias

neocomportamentais e de Vogel (2012) na Gestalt-terapia e na teoria sistêmica construcionista social são bons exemplos de como o vínculo e a relação têm se tornado objeto de interesse de pesquisadores com formações teóricas tão diversas.

Na psicanálise autores como Greenberg e Mitchell (1994) que propõem o reconhecimento de que somos constituídos por vínculos e que amadurecemos em contextos vinculares permitiu-nos aprofundar nossa leitura metodológica de Politzer, Bleger, Herrmann e Winnicott.

Nosso grupo de pesquisa tem se dedicado à investigação do imaginário coletivo, conduta imaginativa que ocorre no contexto da intersubjetividade, com o objetivo de dar o devido valor ao substrato afetivo-emocional das manifestações simbólicas que influenciam as ações no mundo.

Toda conduta emerge de campos de sentido afetivo-emocional, que são humanamente produzidos e ganham forma a partir de atos humanos, sejam eles simbólicos, corporais ou atuações diretas na realidade compartilhada (Ambrósio, Aiello-Fernandes & Aiello-Vaisberg., 2013).

Nossa investigação sobre o imaginário coletivo de alunos de psicologia sobre seu curso criou/encontrou dois campos de sentido afetivo-emocional: “Busca pela cura” e “Cura pelo conhecimento”. Em ambos a questão do sofrimento aparece como algo a ser superado, já que há uma expectativa de cura envolvida.

Podemos nos questionar sobre o porquê o sofrimento aparece de forma tão persistente nas narrativas autobiográficas. Se as considerarmos coletivamente, observamos que os relatos revelam uma experiência que não pertence apenas aos autores, mas sim a todos nós. A pessoalidade coletiva evidencia que atravessamos tempos de indefinições e de dificuldades em sentir que pertencem ao mundo em que vivemos.

Apesar dos recentes avanços sociais, ainda somos um país marcado por grandes desigualdades onde grande parte da população vive em situação de precariedade. Tal fato tem levado os psicólogos a se deparar com queixas relacionadas a experiências de humilhação, injustiça e desamparo, que podem ser consideradas como sofrimentos sociais (Ambrósio, Aiello-Fernandes & Aiello-Vaisberg., 2013) e determinam a possibilidade ou não de inserção social, econômica ou profissional.

Nas narrativas autobiográficas apresentadas, a forma de superar tais limitações ou curar-se se dá pela aquisição do conhecimento. A facilidade de acesso a um grande número de informações através de vários meios divulga a profissão do psicólogo para o grande público, porém ainda persiste a ideia de que esse profissional é um artigo de luxo (Pereira, 1975).

A formação profissional surge como uma alternativa imaginária interessante, pois oferece a oportunidade de, ao adquirir um saber, as pessoas poderem simultaneamente se inserir no mercado de trabalho e conhecer os problemas que causam aflição. O maior acesso à educação possibilita as condições concretas para que tal fenômeno ocorra.

Outra consideração deve ser feita em relação à cura pelo conhecimento, já que a crença em se curar dessa maneira vai na contramão do que algumas correntes que valorizam a experiência emocional como caminho de transformação, tal como Winnicott, propõem. Winnicott (1971b), por exemplo, apresenta a psicoterapia como uma busca pelo *self*, pela sensação de sentir-se real e capaz do gesto espontâneo, considerando a valorização do intelecto uma forma de dissociação entre a atividade intelectual e a experiência psicossomática (Winnicott, 1960).

A valorização do intelecto e da razão parece cada vez mais se impor como valores de nossa cultura se sobrepondo às necessidades pessoais de cada um de nós. Parece que as contradições que vivemos em nosso cotidiano cada vez mais criam condições para que o sofrimento humano se manifeste (Bleger, 1963/1989). Na perspectiva winnicottiana, tal contradição é vivida nas experiências entre o verdadeiro e o falso-*self*, em que a busca por sentir-se criativo, espontâneo e sem se submeter às invasões ambientais, confronta-se com o mundo em que vivemos, com projetos de sucesso e reconhecimento, que implicam uma submissão ao que é socialmente prescrito.

No início da pesquisa, afirmamos que nossas interpretações revelam algo que coincide com o que é dito em conversas informais, que estudantes de psicologia buscam no curso a solução dos próprios problemas. Nossos dados mostram que tal peculiaridade não pode ser atribuída apenas ao curso de psicologia, já que lidamos com um sofrimento que é comum a todos nós em algum momento de nossas vidas: a sensação de não sentir-se real.

No que se refere aos estudantes de psicologia consideramos que o assunto merece atenção de pesquisadores em aspectos diversificados que podem estudar o sofrimento desses alunos no decorrer do curso, sua formação profissional e até uma preocupação com o fato de que tal imaginário pode contribuir ou não em seu exercício profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abram, J. (2000). A linguagem de Winnicott – Dicionário das expressões utilizadas por Donald W. Winnicott. Revinter. Rio de Janeiro.
- Aguirre, A. M.B., Herzberg, E., Pinto, E. B., Becker, E., Carmo, H. M. S. e Santiago, M. D. E. (2000). A formação da atitude clínica no estagiário de psicologia. *Psicologia USP*, 11(1), 49-62. Retrieved November 13, 2014, from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642000000100004&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S0103-65642000000100004.
- Aiello-Fernandes, R. (2013). “Da Entrada de Serviço ao Elevador Social”: Racismo e Sofrimento. Dissertação de Mestrado, Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, São Paulo.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2005). Sofrimento e adolescência no mundo contemporâneo sob a perspectiva da psicologia social clínica. In *Proceedings of the 1th Simpósio Internacional do Adolescente*, 2005, São Paulo (SP, Brazil) [online]. 2005 [cited 17 November 2014]. Available from: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000082005000100032&lng=en&nrm=iso.

Aiello-Vaisberg, T. M. J. & Machado, M. C. L. (2007). As narrativas transferenciais como apresentação do acontecer clínico: uma proposta metodológica. In Primeira Jornada Internacional de Pesquisa em Psicanálise e Fenomenologia (pp.31-46) Campinas, SP.

Aiello-Vaisberg, T. M. J. & Machado, M. C. L. (2008). O método psicanalítico na pesquisa clínica ampliada. In Segunda Jornada Internacional de Pesquisa em Psicanálise e Fenomenologia: pesquisa qualitativa na saúde mental, perspectivas psicanalítica e fenomenológica (pp. 69-83). Campinas, SP.

Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2003). Ser e fazer: interpretação e intervenção na clínica winnicottiana. *Psicologia USP*, 14(1), 95-128. Retrieved November 21, 2014, from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642003000100007&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S0103-65642003000100007.

Aiello-Vaisberg, T. M. J. e Machado, M. C. L. (2005). Narrativas: o gesto do sonhador brincante. In: IV Encontro Latino Americano dos Estados Gerais da Psicanálise, 2005, São Paulo. Anais do IV Encontro Latino Americano dos Estados Gerais da Psicanálise. São Paulo: Estados Gerais da Psicanálise.

Aiello-Vaisberg, T.M.J. & Machado, M.C.L. (2000). Diagnóstico estrutural de personalidade em psicopatologia psicanalítica. *Psicologia USP*, 11(1), pp.29-48

Aiello-Vaisberg, T.M.J., Machado, M.C.L. & Ambrosio, F.F. (2003). A alma, o olho e a mão: estratégias metodológicas de pesquisa em psicologia Clínica Social Winnicottiana. In T.M.J. Aiello-Vaisberg (2004). *Ser e Fazer: enquadres diferenciados na clínica winnicottiana* (pp. 89-101). São Paulo: Idéias e Letras.

Aiello-Vaisberg, T.M.J., Machado, M.C.L. e Baptista, A. M. (2003). Sofrimento Humano e Psicanálise Contemporânea. In *Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial*, Rio de Janeiro 2003.

Aiello-Vaisberg, T.M.J.(1999a). Encontro com a loucura: transicionalidade e ensino de psicopatologia. Tese de Livre Docência em Psicologia. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Aiello-Vaisberg, T.M.J.(1999b). O uso do objeto “teoria”; desconstrução e mudança de representações sociais de estudantes de psicologia sobre o doente mental. *Interações*, Porto Alegre, v. 4, n. 7, p. 77-97, Jan-Jun. 1999.

Ambrósio, F.F, Aiello-Fernandes, R. e Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2013). Pesquisando sofrimentos sociais com o método psicanalítico:

considerações conceituais. In. Anais da XI JORNADA APOIAR: ADOLESCÊNCIA: IDENTIDADE E SOFRIMENTO NA CLÍNICA SOCIAL realizada em 22 de novembro de 2013 em São Paulo, SP, Brasil / organizado por Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo e Tânia Maria José Aiello Vaisberg - São Paulo : IP/USP, 2013.

Ambrósio, F.F. (2013) O Estilo Clínico Ser e Fazer na Investigação de Benefícios Clínicos de Psicoterapias. Tese de Doutorado, Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, São Paulo.

Assis, N.D.P. (2014). Problemáticos ou invisíveis: o imaginário coletivo de idosos sobre adolescentes. Dissertação de Mestrado, Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, São Paulo.

Avila, C.F. (2008). As gêmeas cantoras e o menino que jogava futebol: imaginário de professores sobre inclusão escolar. Tese de Doutorado, Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, São Paulo.

Banaco, R. A. (1997). Tendências neo-behavioristas da terapia comportamental: uma análise sobre a relação terapêutica. Anais do Encontro sobre Psicologia Clínica (pp.47-52). São Paulo: Universidade Mackenzie.

Baranger, M. and Baranger, W. (1961-62): 'La situación analítica como campo dinámico', Revista Uruguaya de Psicoanálisis. IV, 1, 354. Reprinted in: Baranger, M. and Baranger, W., Problemas del campo psicoanalítico. Buenos Aires: Kargieman, 1969.

Bardin, L. (1979). Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70.

Barreto, M. A. & Aiello-Vaisberg, T. (2007) Escolha profissional e dramática do viver adolescente. Psicol. Soc., Porto Alegre, v. 19, n. 1, Apr. 2007. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000100015&lng=en&nrm=iso. access on 09 Dec. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822007000100015>.

Barreto, M. A. M. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2010). O tornar-se adulto no imaginário coletivo de adolescentes interioranos. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 310-329, ago.

Barreto, M.A.M. (2006) Do voo preciso: considerações sobre o imaginário de adolescentes. Tese de Doutorado, Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, São Paulo.

Barus-Michel, J. (2005). Entre sofrimento e violência: a produção social da adolescência. An. 1 Simp. Internacional do Adolescente Maio.2005.

http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000082005000100018&lng=pt&nrm=iso

Bastos, A. V. B. & Gomide, P. I. C. (1989). O psicólogo brasileiro: sua atuação e formação profissional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 9(1), 6-15. Retrieved April 17, 2014, from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931989000100003&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S1414-98931989000100003.

Bernardi, B.L. (2009). Introducción al trabajo de Madeleine y Willy Baranger: La situación analítica como campo dinámico. *Revista Uruguaya de Psicoanálisis* 2009 ; 108 : 198 – 222

Bleger, J. (1958). *Psicoanálisis y dialéctica materialista*. Buenos Aires: Paidós.

Bleger, J. (1963/1984). *Psicologia da conduta*, Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

Bleger, J. (1969). Teoría y práctica en psicoanálisis - La praxis psicoanalítica, ISSN 1688-7247 (1969); *Revista uruguaya de psicoanálisis* (En línea) (XI 03-04), Montevideo, Uruguay

Bohoslavsky, R. (1979/1987) *Orientação vocacional – a estratégia clínica*. São Paulo: Martins Fontes

Braga, G. L. B. & Vandenberghe, L. (2006). Abrangência e função da relação terapêutica na terapia comportamental. *Estudos de Psicologia* (Campinas), 23(3), 307-314. Retrieved November 22, 2014, from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2006000300010&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S0103-166X2006000300010.

Camps, C. I. C. M. (2009). Ser e Fazer na escolha profissional: atendimento diferenciado na clínica winnicottiana. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo.

Castoriadis, C. (1975). *A instituição imaginária da sociedade*, Paz e Terra, São Paulo, 1995

Castro, A. C., & Bicalho, P. P. G. (2013). Juventude, território, Psicologia e política: intervenções e práticas possíveis. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 33(spe), 112-123. Retrieved June 11, 2014, from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932013000500012&lng=en&tlng=pt.

Catharino, T. R. (2004). Fragmentos da história da psicologia no Brasil: algumas notações sobre teoria e prática. *Mnemosine* Vol. 1, nº0, p.103-107 (2004).

Chinália, M.J.S. (2012) Mulheres na Prisão: estudo psicanalítico de um documentário brasileiro. Dissertação de Mestrado, Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, São Paulo.

Corbett, E. (2009) Até que a morte nos separe e outros campos do imaginário coletivo de estudantes de psicologia sobre sexualidade. Dissertação de Mestrado, Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, São Paulo.

Corbett, E. (2014) "Contos sem fadas": mães e filhos em situação de violência doméstica. Tese de doutorado, Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, São Paulo.

Corbett, E.; Figueiredo, P.; Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2013). 'Ter amor' e outros campos: estudo psicanalítico da (des)esperança em canções de Chico Buarque de Hollanda. In: XI Jornada APOIAR - Adolescência: identidade e sofrimento na clínica social, 2013, São Paulo. Anais da XI Jornada APOIAR - Adolescência: identidade e sofrimento na clínica social (p. 207-216).

Cunha, L. A. (2004). Desenvolvimento desigual e combinado no ensino superior: Estado e mercado. Educação & Sociedade, 25(88), 795-817. Retrieved July 06, 2014, from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-

73302004000300008&lng=en&tlng=pt.

10.1590/S0101-

73302004000300008.

Davies, P., Mangan, J., Hughes, A. & Slack, K. (2013). Labour market motivation and undergraduates' choice of degree subject. *British Educational Research Journal*. Vol. 39, No. 2, April 2013, pp. 361–382

D'Avila, G. T., Krawulski, E., Veriguine, N. R. & Soares, D. H. P. (2011). Acesso ao ensino superior e o projeto de "ser alguém" para vestibulandos de um cursinho popular. *Psicologia & Sociedade*, 23(2), 350-358. Retrieved June 14, 2014, from [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822011000200016&lng=en&tlng=pt)

71822011000200016&lng=en&tlng=pt.

10.1590/S0102-

71822011000200016.

Denzin, N.K. e Lincoln (2005). *Qualitative research*. London, Sage.

Dias, M. S. L. & Soares, D. H. P. (2012). A escolha profissional no direcionamento da carreira dos universitários. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32(2), 272-283. Retrieved July 06, 2014, from [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932012000200002&lng=en&tlng=pt)

98932012000200002&lng=en&tlng=pt.

10.1590/S1414-

98932012000200002.

Durand, G. (1993) *Les Structures Anthropologiques de l'Imaginaire*. Dunod, Paris.

Feijoo, A. M. L. C. e Magnan, V. C. (2012). Análise da escolha profissional: uma proposta fenomenológico-existencial. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32(2), 356-373. Retrieved June 10, 2014, from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932012000200007&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S1414-98932012000200007.

Ferreira-Teixeira, M. C. (2006) *Encontrando a Criança Adotiva: Um Passeio pelo Imaginário Coletivo de Professores à Luz da Psicanálise*. Tese de Doutorado, Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, São Paulo.

Fialho, A.A.; Aiello-Fernandes, R.; Montezi, A.V.; Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2012) O imaginário coletivo de estudantes sobre a África: um estudo preliminar. In *Proceedings of the 1st. Colóquio Internacional Culturas Jovens Afro-Brasil América: Encontros e Desencontros Anais do Primeiro Colóquio Internacional Culturas Jovens Afro-Brasil América*. São Paulo. http://proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000132012000100002&lng=en&nrm=iso.

Figueiredo, P., e Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2014). Abordagem psicanalítica de imaginários coletivos sobre (des) esperança em canções da música popular brasileira: Renato Russo. In: Anais do XIX Encontro de Iniciação Científica da PUC-Campinas. Disponível em: http://www.puc-campinas.edu.br/websist/Rep/Sic08/Resumo/2014810_222914_2545242_resris.pdf

Freud, S. (1900). A interpretação dos sonhos. In S. Freud. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (vols. 4 e 5) (Jayme Salomão, Coord. geral da trad.). Rio de Janeiro: Imago, 1974.

Freud, S. (1901-1905). Fragmento da Análise de um Caso de Histeria. In S. Freud. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (vol. 7) (Jayme Salomão, Coord. geral da trad.). Rio de Janeiro: Imago, 1974

Freud, S. (1911) “O caso Schreber” e outros textos. Obras completas volume 10. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.

Freud, S. (1911-1915 [1914]). A dinâmica da transferência. In S. Freud. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (vol. 12) (Jayme Salomão, Coord. geral da trad.). Rio de Janeiro: Imago, 1974

Freud, S. (1923). O ego e o id. In S. Freud. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (vol. 19) (Jayme Salomão, Coord. geral da trad.). Rio de Janeiro: Imago, 1974

Freud, S. (1925). "Autobiografia" - Obras completas volume 16. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.

Gallo-Belluzzo, S.R. (2011). O imaginário coletivo de estudantes de psicologia sobre o primeiro atendimento clínico: um estudo psicanalítico. Tese de Doutorado, Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, São Paulo.

Gallo-Belluzzo, S.R. (2013). The First Experience of Clinical Practice on Psychology Students' Imaginary. *Paidéia* sep-dec. 2013, Vol. 23, No. 56, 389-396. doi:10.1590/1982-43272356201313.

Generett, G. G., & Cozart, S. (2011). The Spirit Bears Witness: Reflections of Two Black Women's Journey in the Academy. *Negro Educational Review*, 62/63(1-4), 141-165.

Giusti-Desprairies, F. (2004). *l'Imaginaire Collectif*. Paris, Eres.

Gonçalves, M. (2008) O imaginário coletivo de professores de ioga brasileiros: estudo sobre campos psicológicos. Tese de Doutorado, Centro de

Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, São Paulo.

González-Velázquez, M. S., Lara-Barrón, A. M., Pineda-Olvera, J. e Crespo-Knopfler, S.. (2014). Perfil de ingreso de los alumnos de Enfermería, Facultades de Estudios Superiores Iztacala y Zaragoza, UNAM. Enfermería universitaria, 11(1), 11-18. Recuperado en 31 de diciembre de 2014, de http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1665-70632014000100003&lng=es&tlng=es.

Granato, T. M. M. e Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2005). Adolescência e gravidez: um paradoxo sustentável? An. 1 Simp. Internacional do Adolescente Maio. 2005.http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000082005000200034&lng=pt&nrm=iso

Granato, T. M. M., Corbett, E. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2011, janeiro/março). Narrativa interativa e psicanálise. Psicologia em Estudo (Maringá), 16(1), 157-163.

Greenberg, J.R. & Mitchell, S.A. (1994). As relações objetais na teoria psicanalítica (Emília de Oliveira Diehl, trad.) Porto Alegre: Artes Médicas.

Guigen, A. P. et al. (2014). Fonoaudiologia como opção de carreira universitária: estudo exploratório / Speech Language Pathology and Audiology as a higher education option: exploratory study. Rev. CEFAC [online]. 2014, vol.16, n.3 [cited 2014-12-21], pp. 974-984 . Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-18462014000300974&lng=en&nrm=iso>. ISSN 1516-1846. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0216201426212>.

Herrmann, F (1989). Interpretação: a invariância do método nas várias teorias e práticas clínicas. In Figueira, S.A. (org.) Interpretação: sobre o método da psicanálise. Rio de Janeiro, Imago.

Herrmann, F. (1979). Andaimos do real: o método da psicanálise. São Paulo: Brasiliense, 1991.

Herrmann, F. (2004). Introdução à Teoria dos Campos. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Herrmann, F. (2007). Teoria dos campos: uma pequena história. Jornal de Psicanálise, São Paulo, 40(73): 69-75, dez. 2007.

Lacan, J. (1966). Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je. In: Écrits. Paris: Seuil.

Langenbach, M. & Negreiros. T.C.G. (1988). A Formação Complementar: um labirinto profissional. In: Conselho Federal de Psicologia. Quem é o Psicólogo Brasileiro. São Paulo: Edicon, 1988, cap. 5, p. 86-99.

Laplanche, J. & Pontalis, J.-B. (1967). Vocabulário da psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

Leão, T. S., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2014). Abordagem psicanalítica de imaginários coletivos sobre (des) esperança em canções da música popular brasileira: Cazuza. In: Anais do XIX Encontro de Iniciação Científica da PUC-Campinas. Disponível em: http://www.puc-campinas.edu.br/websist/Rep/Sic08/Resumo/2014810_222951_2545242_resuai.pdf

Lehman, Y. P. (2014). University students in crisis: university dropout and professional re-selection. Estudos de Psicologia (Campinas), 31(1), 45-54. Retrieved July 08, 2014, from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2014000100005&lng=en&tlng=en. 10.1590/0103-166X2014000100005.

Lopes, S.R.A. & Paula, S.F. (2011). A importância da figura paterna no processo de escolha profissional: um estudo comparativo entre jovens

universitários. *Psicologia: teoria e prática*, 13(1), 165-181. Recuperado em 04 de julho de 2014, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872011000100013&lng=pt&tlng=pt.

Mafessoli, M. (2013). *Imaginaire et Post-Modernité*. Paris, Manucius.

Magalhães, M., Straliotho, M., Keller, M. & Gomes, W. B. (2001). Eu quero ajudar as pessoas: a escolha vocacional da psicologia. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 21(2), 10-27. Retrieved April 18, 2014, from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932001000200003&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S1414-98932001000200003.

Manoel, R.A., Combinato, D.S., Gomes, F.M.A. & Silva, K.F. (2014). O papel do trabalho e da formação acadêmica no projeto profissional do trabalhador da saúde. *Trabalho, Educação e Saúde*, 12(3), 595-614. Retrieved December 19, 2014, from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462014000300595&lng=en&tlng=pt. 10.1590/1981-7746-sip00008.

Martins, P. C. R. (2007). *O amante competente e outros campos do imaginário coletivo de universitários sobre dificuldades sexuais masculinas*. Tese de Doutorado, Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, São Paulo.

Maués, R. H. (1994). Medicinas populares e “pajelança cabocla na Amazônia.

In Alves, P. C. e Minayo, M.C.S. (orgs.). (1994). Saúde e doença: um olhar antropológico [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994. 174 p. ISBN 85-85676-07-8. Available from SciELO Books. Pag. 73-82.

Medeiros, C. e Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2010). Acordes do sofrimento humano.

Contextos Clínicos, 3(2):97-105, julho-dezembro 2010 © 2010 by Unisinos - doi: 10.4013/ctc.2010.32.03

Mencarellil, V.L. e Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2005). A compaixão na

contratransferência: narrativa de um encontro clínico com uma adolescente soropositivo. An. 1 Simp. Internacional do Adolescente Maio. 2005

Mendes, K. S., Silveira, R. C. C. P. & Galvão, C. M. (2008). Revisão integrativa:

método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. Texto & Contexto - Enfermagem, 17(4), 758-764. Retrieved

December 31, 2014, from

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072008000400018&lng=en&tlng=pt)

07072008000400018&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S0104-

07072008000400018.

Menezes, R. L. C. & Medrado, B. P. (2013). Formação em psicologia clínica: o

estágio supervisionado como atividade potencial de desenvolvimento

profissional. InterScientia, João Pessoa, v.1, n.2, p. 37-51, maio/ago. 2013.

Mezan, R. (2014). O tronco e os ramos – Estudos de história da psicanálise. São Paulo, Companhia das Letras.

Minayo, M.C.S. (1994). Representações de cura no catolicismo popular. In Alves, P. C. e Minayo, M.C.S. (orgs.). (1994). Saúde e doença: um olhar antropológico [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994. 174 p. ISBN 85-85676-07-8. Available from SciELO Books. Pag. 57-72.

Montezi, A. V., Zia, K. P., Tachibana, M. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2011). Imaginário coletivo de professores sobre o adolescente contemporâneo. Psicologia em Estudo, abr./jun. 2011, vol.16, no.2, p.299-305.

Moura, C. B. & Silveira, J. M. (2002). Orientação profissional sob o enfoque da análise do comportamento: avaliação de uma experiência. Estudos de Psicologia (Campinas), 19(1), 5-14. Retrieved June 11, 2014, from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2002000100001&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S0103-166X2002000100001.

Nepomuceno, R. F. & Witter, G. P. (2010). Influência da família na decisão profissional: opinião de adolescentes. Psicologia Escolar e Educacional, 14(1), 15-22. Retrieved June 15, 2014, from

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572010000100002&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S1413-85572010000100002.

Nogueira, C. M. M. & Pereira, F. G. (2010). O gosto e as condições de sua realização: a escolha por pedagogia entre estudantes com perfil social e escolar mais elevado. *Educação em Revista*, 26(3), 15-38. Retrieved July 08, 2014, from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982010000300002&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S0102-46982010000300002.

Oliveira, A. C. S., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2013). O acontecer humano à luz da (des) esperança nas canções de Adoniran Barbosa. Disponível em: https://www.PUCCampinas.edu.br/websist/Rep/Sic08/Resumo/2013820_10814_375705409_resna%20.doc

Oliveira, M. D. & Melo-Silva, L. L. (2010). Estudantes universitários: a influência das variáveis socio-econômicas e culturais na carreira. *Psicologia Escolar e Educacional*, 14(1), 23-34. Retrieved June 11, 2014, from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572010000100003&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S1413-85572010000100003.

Oliveira-Monteiro, N.R. e Nunes, M.L.T. (2008). Supervisor de psicologia clínica: um professor idealizado? *Psico-USF*, v. 13, n. 2, p. 287-296, jul./dez. 2008 287.

Pereira, S. L. M. (1975): Psicologia: características da profissão. *Boletim de Psicologia*, XXVI(69), 41-50.

Piñero Ramírez, S. L. (2012). Jóvenes universitarios: desigualdades socioculturales y diversidad de representaciones en torno a la profesión. *LiminaR*, 10(1), 33-45. Recuperado en 01 de julio de 2014, de http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1665-80272012000100003&lng=es&tlng=es.

Pinto, T. M. G. & Castanho, M. I. S. (2012). Sentidos da escolha e da orientação profissional: um estudo com universitários. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 29(3), 395-413. Retrieved July 02, 2014, from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2012000300010&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S0103-166X2012000300010.

Politzer, G. (1928/2004). *Crítica dos fundamentos da psicologia*. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2004.

Popova, I.P. (2014). Professional Choice – The Influence of the Cultural Resources of the Families of Russian Specialists. *Russian Education and*

Society, vol. 56, no. 10, October 2014, pp. 3–23. ISSN 1060–9393 (print)/ISSN 1558–0423 (online) DOI: 10.2753/RES1060-9393561001

Price, S. L., McGillis Hall, L., Angus, J. E., & Peter, E. (2013). Choosing nursing as a career: a narrative analysis of millennial nurses' career choice of virtue. *Nursing Inquiry*, 20(4), 305-316. doi:10.1111/nin.12027

Queiroz, M.S. (1994). Farmacêuticos e médicos: um enfoque antropológico sobre o campo de prestação de serviços de saúde em Paulínea. In Alves, P. C. e Minayo, M.C.S. (orgs.). (1994). *Saúde e doença: um olhar antropológico* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994. 174 p. ISBN 85-85676-07-8. Available from SciELO Books. Pag. 153-166.

Rabelo, A. (2010). “Eu gosto de ser professor e gosto de crianças” - A escolha profissional dos homens pela docência na escola primária. *Revista LusóFona De Educação*, 15(15). Acesso em de <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/1531>

Rabelo, M.C.M (1994). Religião, ritual e cura. In: Alves, P. C. e Minayo, M.C.S. (orgs.). (1994). *Saúde e doença: um olhar antropológico* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994. 174 p. ISBN 85-85676-07-8. Available from SciELO Books. Pag. 47-56.

Ribeiro, D. P. S. A. (2008). Transicionalidade e uso do procedimento de desenhos-estórias com tema nas primeiras entrevistas clínicas. Tese de

Doutorado, Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, São Paulo.

Ribeiro, D. P. S. A., Tachibana, M. e Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2008). A experiência emocional do estudante de psicologia frente à primeira entrevista clínica. *Aletheia* [online]. 2008, n.28, pp. 135-145.

Ribeiro, M. M. F., Leal, S. S., Diamantino, F. C. & Bianchi, H. A. (2011). A opção pela medicina e os planos em relação ao futuro profissional de estudantes de uma faculdade pública Brasileira. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 35(3), 405-411. Retrieved June 15, 2014, from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022011000300015&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S0100-55022011000300015.

Riemenschneider, F. e Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2014). *Memórias e experiências de alunos da primeira turma de um curso de psicologia*. Poços de Caldas, Edição do autor.

Riemenschneider, F. (2004). *Da histeria... para além dos sonhos*. São Paulo. Casa do Psicólogo.

Riemenschneider, F., Ambrosio.F.F., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2011). Memoriais de estudantes de psicologia: um estudo psicanalítico sobre a motivação para a escolha do curso de psicologia. *Anais da IX Jornada*

Apoiar: Violência doméstica e Trabalho em Rede: compartilhando experiências-Brasil, Argentina, Chile e Portugal. São Paulo (pp. 204-211). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Riemenschneider, F., Simões, C. H. D., Chinalia, M.J.S. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2012). Drama e experiência no pensamento de Politzer: considerações preliminares. Anais da X Jornada Apoiar: O laboratório de saúde mental e psicologia clínica social – 20 anos: o percurso e o futuro (pp. 280-291). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Roudinesco, E. e Plon, M. (1998). Dicionário de psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar.

Russo, R. C. T., Couto, T. H. A. M. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2009). O imaginário coletivo de estudantes de educação física sobre pessoas com deficiência. Psicologia & Sociedade 21(2), pp. 250-255.

Sales, A. C. M. & Chamon, E. M. Q. O. (2011). Escolha da carreira e processo de construção da identidade profissional docente. Educação em Revista, 27(3), 183-210. Retrived July 07, 2014, from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982011000300010&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S0102-46982011000300010.

Sanchez Agüero, R. Á., Tomé, B. L. M., Quesada, R. O., Noda, V. M. I., Juviel, G. K.I. & Fernández, F. M. (2013). Círculos de interés de Enfermería en la enseñanza preescolar y primaria: experiencia de siete años. *Rev EDUMECENTRO*, Santa Clara, v. 5, n. 3, dic. 2013 . Disponible en <http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2077-28742013000300005&lng=es&nrm=iso>. accedido en 15 jun. 2014.

Santos, A.P. e Cerqueira, E.A. (2009). Ensino superior: trajetória histórica e políticas recentes. In. IX Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul. Florianópolis 25-27 Nov. 2009

Saraiva, L. A. e Nunes, M. L. T. (2007). A supervisão na formação do analista e do psicoterapeuta psicanalítico. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. *Estudos de Psicologia* 2007, 12(3), 259-268.

Sartre, J.P. (1940). *L'Imaginaire*. Paris, Gallimard.

Sei, M. B. e Paiva, M. L. S. C. (2011). Grupo de supervisão em Psicologia e a função de holding do supervisor. *Psicologia Ensino & Formação*, 2(1), 9-20. Recuperado em 13 de novembro de 2014, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-20612011000100002&lng=pt&tlng=pt.

Sepúlveda V, Leandro, & Valdebenito I, María José. (2014). ¿Las cosas claras? Aspiraciones de futuro y proyecto educativo laboral de jóvenes

estudiantes secundarios. Estudios pedagógicos (Valdivia), 40(1), 243-261. Recuperado en 20 de diciembre de 2014, de http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-07052014000100015&lng=es&tlng=es. 10.4067/S0718-07052014000100015

Silva Pontes, M. L. (2011) A hora H: o imaginário coletivo de profissionais da saúde mental sobre a adolescência. Dissertação de Mestrado, Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, São Paulo.

Silva Pontes, M. L.; Cabrera, J. C., Ferreira, M. C. e Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2008). Adoção e exclusão insidiosa: o imaginário de professores sobre a criança adotiva. Psicologia em Estudo, jul./set. 2008, vol.13, n.3, p. 495-502.

Silva, R. D. M. e Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2014). Abordagem psicanalítica de imaginários coletivos sobre (des)esperança em canções da música popular brasileira: Renato Russo. In: Anais do XIX Encontro de Iniciação Científica da PUC-Campinas. Disponível em: http://www.puc-campinas.edu.br/websist/Rep/Sic08/Resumo/2014810_222752_2545242_resaqu.pdf

Simões, C. H. D., Riemenschneider, F. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2012). “Vítimas da sociedade contemporânea”: imaginário de trabalhadores de

saúde mental sobre o paciente psiquiátrico. Anais da X Jornada Apoiar: O laboratório de saúde mental e psicologia clínica social – 20 anos: o percurso e o futuro (pp. 254-265). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Simões, C.H.D. (2012) Sofredores, Impostores e Vítimas da Sociedade: imaginário de uma equipe de saúde mental sobre o paciente psiquiátrico. Tese de Doutorado, Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, São Paulo.

Souza, L. G. S., Menandro, M. C. S., Bertollo, M. & Rolke, R. K. (2009). Oficina de orientação profissional em uma escola pública: uma abordagem Psicossocial. Psicologia: Ciência e Profissão, 29(2), 416-427. Retrieved July 01, 2014, from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932009000200016&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S1414-98932009000200016.

Souza, M.T., Silva, M.D. e Carvalho, R. (2010). Revisão Integrativa: o que é e como fazer; Einstein. 2010; v 8, n.1, p.102-6.

Spindola, T., Santiago, M. M. A, Martins, E. R. C. & Francisco, M. T. R. (2011). The meaning of the profession to students beginning a Nursing undergraduate course. Revista Brasileira de Enfermagem, 64(4), 725-731. Retrieved July 02, 2014, from

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672011000400015&lng=en&tlng=en. 10.1590/S0034-71672011000400015.

Svevo, I. A consciência de Zeno (1923). O Globo/Folha de S. Paulo, São Paulo/Rio de Janeiro, 2003

Tachibana, M. (2011) Fim do Mundo: O Imaginário da Equipe de Enfermagem sobre a Gravidez Interrompida. Tese de Doutorado, Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, São Paulo.

Taulke-Johnson, R. (2010). Queer decisions? Gay male students' university choices. *Studies in Higher Education*. Vol. 35, No. 3, May 2010, 247–261. SSN 0307-5079 print/ISSN 1470-174X online, 2010 Society for Research into Higher Education. DOI: 10.1080/03075070903015755. <http://www.informaworld.com>

Taylor, C. (2003). *Modern Social Imaginaries* Durham, Duke University Press.

Turato, E.R. (2003). Métodos científicos: aspectos históricos e epistemológicos. In Turato, E.R. (org.) *Psicologia da saúde: estudos clínico-qualitativos*. Taubaté, Cabral.

Valore, L. A. & Cavallet, L. H. R. (2012). Escolha e orientação profissional de estudantes de curso pré-vestibular popular. *Psicologia & Sociedade*, 24(2), 354-363. Retrieved July 30, 2014, from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822012000200013&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S0102-71822012000200013.

Vogel, A. R. (2012). O papel do terapeuta na relação terapêutica na Gestalt-terapia e na terapia de família sistêmica construcionista social. *Revista IGT na Rede*, V.9, Nº 16, 2012, página 97 de 152 Disponível em <http://www.igt.psc.br/ojs/ISSN1807-2526>

Winnicott, D. W. (1945). Desenvolvimento emocional primitivo. In: WINNICOTT, D. W. *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro, Francisco Alves Editora, 1982 (2º edição). p.269-286.

Winnicott, D. W. (1949). A mente e sua relação com o psique-soma. In: WINNICOTT, D. W. *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro, Francisco Alves Editora, 1982 (2º edição). p. 409-426.

Winnicott, D. W. (1956). Preocupação materna primária. In: WINNICOTT, D. W. *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro, Francisco Alves Editora, 1982 (2º edição). p. 491-498.

Winnicott, D. W. (1960). Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro self.

In: WINNICOTT, D. W. O Ambiente e os Processos de Maturação. Porto Alegre, Artes Médicas, 1983. p.128-139.

Winnicott, D. W. (1962). Provisão para a criança na saúde e na crise. In:

WINNICOTT, D. W. O Ambiente e os Processos de Maturação. Porto Alegre, Artes Médicas, 1983. p.62-69.

Winnicott, D. W. (1971a). O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Winnicott, D.W. (1963). Da dependência à independência no desenvolvimento

do indivíduo In: WINNICOTT, D. W. O Ambiente e os Processos de Maturação. Porto Alegre, Artes Médicas, 1983. p.79-87.

Winnicott, D.W. (1971b). A atividade criativa e a busca do Eu (Self) In:

WINNICOTT, D. W. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p.79-93.

Winnicott, D.W. (1971c). Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil. Rio de

Janeiro: Imago editora, 1984.

Winnicott, D.W. (1983). O Ambiente e os Processos de Maturação. Porto

Alegre, Artes Médicas, 1983.

Zia, K. P. (2012). "Gota d'água": imaginário coletivo de educadoras inclusivas sobre ser professor em tempos de inclusão. Tese de Doutorado, Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, São Paulo.